



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**ASPECTOS FONOLÓGICOS DO CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O  
ESPAÑHOL NA CIDADE DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RIVERA**

**Virginia Andrea Garrido Meirelles**

Brasília, dezembro de 2006



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**Virginia Andrea Garrido Meirelles**

**ASPECTOS FONOLÓGICOS DO CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O  
ESPANHOL NA CIDADE DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RIVERA**

Orientador:

**Prof. Dr. Antônio Augusto S. Mello**

Co-Orientadora:

**Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier**

Brasília, dezembro de 2006

Our ideas do not really blossom  
into fruition until we have expressed  
them to someone else.

*Mark Twain*

Virginia Andrea Garrido Meirelles

ASPECTOS FONOLÓGICOS DO CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O  
ESPAÑHOL NA CIDADE DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RIVERA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

**Comissão examinadora:**

Prof. Dr. Antônio Augusto Souza Mello	(Presidente)
Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier	(Membro)
Profa. Dra. Luizete Guimarães Barros	(Membro)
Profa. Dra. Rozana Reigota Naves	(Suplente)

Brasília, dezembro de 2006

## AGRADECIMENTOS

---

A

Todos os informantes pela colaboração.

Dona Marila Meirelles G. Rosa por ter oferecido sua casa para realizar as gravações.

Profa. Daniele Marcelle Grannier pelo acompanhamento e revisão do trabalho.

Prof. Antônio Augusto Mello por aceitar orientar um trabalho sobre “língua de brancos”.

Profas. Adriana Viana (*in memorian*) e Rozana Reigota Naves pelo incentivo a cursar o Mestrado.

Prof. Francisco Queixalós pela ajuda para identificar sons “problemáticos”.

Minha família pela ajuda com o material bibliográfico.

Meu marido pela paciência, incentivo e compreensão.

Zoraide dos Anjos Gonçalves e Shelton Souza pelo auxílio com as fontes e as transcrições.

Deborah Christina de Oliveira Mendonça, Léia de Jesus Silva, Marcus Vinicius Lunguinho e Walkiria Neiva Praça pelo apoio e companheirismo.

Aline e Rubens Pompeu pela ajuda com a tecnologia.

## SUMÁRIO

---

Lista de ilustrações	vi
Lista de quadros	vii
Lista de símbolos e siglas	ix
Resumo	xii
Abstract	xiii
<b>1. Introdução</b>	1
1.1 Delimitação do estudo	1
1.2 Características históricas e sociais da região	6
1.3 Fundamentação teórica	10
1.4 Metodologia do estudo	16
1.4.1 Os questionários aplicados em Sant’ana	20
1.4.2 Visita a escola em Sant’ana	21
1.4.3 Os informantes de Sant’ana	22
1.4.4 Os questionários aplicados em Rivera	22
1.4.5 Visita a escola em Rivera	25
1.4.6 Os informantes de Rivera	26
<b>2. Revisão bibliográfica</b>	28
2.1 Fronteiriços e <i>Dialectos Portugueses del Uruguay</i> (DPUs)	28
2.1.1 Rona (1963, 1965a)	28
2.1.2 O estudo de Frederik Hensey (1972)	33
2.1.3 Elizaincín, Barrios e Behares (1987)	35
2.1.4 Elizaincín (1992)	37
2.1.5 Behares (2001)	37
2.2 Português do Uruguai	38
<b>3. O “portunhol”</b>	41
3.1 O “portunhol”	41
<b>4. O espanhol fronteiriço</b>	44
4.1 O espanhol padrão	44
4.2 O espanhol riverense	45
4.2.1 Consoantes	46

4.2.1.1 Fones e fonemas oclusivos	62
4.2.1.2 Os fonemas oclusivos e fricativos	76
4.2.2 As vogais	87
4.2.3 Pares mínimos	88
4.2.4 Análises acústicas	90
<b>5. O português fronteiriço</b>	96
5.1 O português padrão	96
5.2 O português santanense	98
5.2.1 Fonemas oclusivos	105
5.2.2 Fonemas fricativos	108
5.2.3 Fonemas nasais	110
5.2.4 As vibrantes	112
5.2.5 As laterais	113
5.2.6 Fonemas consonantais	114
5.2.7 Ocorrência de sons vocálicos	114
5.3 O português do Uruguai	120
5.3.1 Fonemas oclusivos	128
5.3.2 Fonemas fricativos	132
5.3.3 Fonemas nasais	135
5.3.4 As vibrantes	138
5.3.5 As laterais	140
5.3.6 Fonemas consonantais	140
5.3.7 Ocorrência de sons vocálicos	141
5.4 Confronto dos dados	147
<b>6. Conclusões</b>	150
6.1 Uma variedade “caipira”?	150
6.2 Português e espanhol fronteiriços	151
6.2.1 O espanhol	152
6.2.2 O português	155
<b>Referências Bibliográficas</b>	159
Anexo I	163
Anexo II	165
Anexo III	168
Anexo IV	172

Anexo V	178
Anexo VI	180

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

---

Figura I.1: Fronteira Brasil-Uruguai	3
Figura I.2: Vista aérea do Parque Internacional	4
Figura I.3: Vista parcial da cidade de Sant'ana do Livramento	4
Figura I.4: Vista parcial da cidade de Rivera	5
Figura I.5: Vista geral das duas cidades	5
Figura I.6: Foto aérea das duas cidades	6
Figura II.1: Mapa com as regiões dialetais discriminadas por Rona (1963, 21)	30
Figura II.2: Área de população brasileira em 1861 (Rona, 1965:10)	31
Figura IV.1: Espectrograma da seqüência [a.'ʃi.es.ðe.e]	91
Figura IV.2: Espectrograma da palavra 'lança' falada por um informante de Rivera	91
Figura IV.3: Espectrograma da palavra 'lança' falada por uma informante de Montevideú	92
Figura IV.4: Espectrograma da palavra 'passar' pronunciada por um informante riverense	93
Figura IV.5: Espectrograma da seqüência 'fazia o favor' [a.'ʃjal.pa.ʋoɾ] pronunciada pelo mesmo informante	94
Figura IV.6: Espectrograma da palavra 'gorda' [go:ɾðə] pronunciada por um riverense	94

## LISTA DE QUADROS

---

Quadro II.1: Consoantes da variedade tacuaremoense segundo Rona	32
Quadro IV.1: Inventário de consoantes do EU segundo Rona (1965:19)	46
Quadro IV.2: Obstruintes palatais do espanhol bonaerense de acordo com Fontanella de Weinberg (1992: 185)	47
Quadro IV.3: Adaptação do inventário de consoantes para o EU de Rona (1965:19)	48
Quadro IV.4: Consoantes do EP segundo Alarcos Llorach (1954)	48
Quadro IV.5: Adaptação do quadro de fonemas consonantais proposto por Alarcos Llorach	49
Quadro IV.6: Evolução dos sons agudos na variedade de EU	49
Quadro IV.7: Reanálise do quadro proposto por Rona com as oposições identificadas por Llorach	50
Quadro IV.8: Consoantes do português adaptado de Mattoso Câmara (1970:50)	52
Quadro IV.9: Oclusivas e fricativas do português coloquial adaptado de Pontes (1965:9)	53
Quadro IV.10: Sons consonantais do espanhol de Rivera	53
Quadro IV.11: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra	54
Quadro IV.12: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba	54
Quadro IV.13: Ocorrências do som [k <sup>-</sup> ]	68
Quadro IV.14: Ocorrências dos sons [k], [g] e [ɣ]	71
Quadro IV.15: Distribuição dos fonemas oclusivos e seus respectivos alofones	77
Quadro IV.16: Distribuição dos sons [z, r, ɾ, ɾ̃, ʀ]	85
Quadro IV.17: Distribuição dos sons [z, r, ɾ, ɾ̃, ʀ] quanto à tensão.	86
Quadro IV.18: Sons vocálicos que ocorreram nos dados	87
Quadro IV. 19: Fonemas do espanhol de Rivera	90
Quadro V.1: Quadro das consoantes do português adaptado de Mattoso Câmara (1970:50)	97
Quadro V.2: Oclusivas e fricativas do português coloquial adaptado de Pontes (1965:9)	97
Quadro V.3: Sons consonantais do português de Sant'ana do Livramento	99

Quadro V.4: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra	100
Quadro V.5: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba	100
Quadro V.6: Sons vocálicos que ocorreram nos dados	101
Quadro V.7: Fonema consonantais do português de Sant'ana do Livramento	112
Quadro V.8: Sons consonantais do português de Rivera	120
Quadro V.9: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra	121
Quadro V.10: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba	121
Quadro V.11: Sons vocálicos que ocorreram nos dados	122
Quadro V.12: Consoantes do português do Uruguai	140
Quadro V.13: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos santanenses	146
Quadro V.14: Sons vocálicos que ocorreram na fala de riverenses	147
Quadro VI.1: Distribuição dos fonemas oclusivos do espanhol de Rivera e seus respectivos alofones	153
Quadro VI.2: Fonemas de espanhol de Rivera.	155
Quadro VI.3: Fonemas consonantais do português de Sant'ana do Livramento e Rivera	156
Quadro VI.4: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos santanenses	157
Quadro VI.5: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos riverenses	157

## LISTA DE SÍMBOLOS E SIGLAS

---

IPA: International Phonetic Alphabet

EP: Espanhol Peninsular ou da Espanha

EU: Espanhol do Uruguai

PB: Português do Brasil

PG: Português gaúcho

Z: Classes altas

X: Classes trabalhadora e baixa

X': Classes trabalhadora e baixa -analfabetos ou semiescolarizada

X'': Classes trabalhadora e baixa -pouco escolarizada

L1: Língua nativa

L2: Língua alvo ou segunda língua

|: Pausa

||: Pausa mais demorada

.: limite de sílaba

#: fronteira de palavra

[p]: oclusiva bilabial forte surda

[p̥]: oclusiva bilabial lene surda

[b]: oclusiva bilabial lene sonora

[t]: oclusiva dental forte surda

[t̥]: oclusiva dental lene surda

[tʲ]: oclusiva dental palatalizada surda

[d]: oclusiva dental lene sonora

[dʲ]: oclusiva dental palatalizada sonora

[k]: oclusiva velar forte surda

[k̥]: oclusiva velar lene surda

[g]: oclusiva velar lene sonora

[tʃ]: africada palato-alveolar surda

[dʒ]: africada palato-alveolar sonora

[β]: fricativa bilabial sonora

[f]: fricativa labiodental surda

[v]: fricativa labiodental sonora  
 [θ]: fricativa interdental surda  
 [ð]: fricativa interdental sonora  
 [s]: fricativa alveolar surda  
 [z]: fricativa alveolar sonora  
 [ʃ]: fricativa palatal surda  
 [ʒ]: fricativa palatal sonora  
 [ʒ<sup>s</sup>]: fricativa palatal ensurdecida  
 [ʒ̃]: fricativa palatal sonora avançada  
 [ʒ̠]: fricativa palatal retroflexa  
 [x]: fricativa velar surda  
 [χ]: fricativa velar surda recuada  
 [ɣ]: fricativa velar sonora  
 [ħ]: fricativa faringal surda  
 [h]: fricativa glotal surda  
 [m]: nasal bilabial sonora  
 [n]: nasal alveolar sonora  
 [nj]: nasal alveolar mais semiconsoante palatal  
 [n<sup>j</sup>]: nasal alveolar palatalizada  
 [n̠]: nasal alveolar sonora não explodida  
 [ɲ]: nasal alveolar ensurdecida  
 [ɲ]: nasal palatal sonora  
 [ŋ]: nasal velar sonora  
 [l]: lateral alveolar sonora  
 [ɭ]: lateral sonora velarizada  
 [ʎ]: lateral retroflexa sonora  
 [r]: vibrante simples sonora  
 [r̠]: vibrante simples ensurdecida  
 [r̄]: vibrante múltipla sonora  
 [ɽ]: vibrante retroflexa sonora

- [w]: aproximante velar sonora
- [j]: aproximante palatal sonora
- [v]: aproximante labiodental sonora
- [ʋ]: aproximante nasal labiodental
- [m]: aproximante nasal bilabial
- [ɲ]: aproximante nasal palatal
- [ŋ]: aproximante nasal velar
- [u]: vogal posterior alta fechada arredondada
- [ũ]: vogal posterior alta fechada arredondada nasalizada
- [ʊ]: vogal posterior alta aberta arredondada
- [ɤ]: vogal posterior alta aberta arredondada ensurdecida
- [i]: vogal anterior alta fechada não arredondada
- [ĩ]: vogal anterior alta fechada não arredondada nasalizada
- [ɪ]: vogal anterior aberta não arredondada
- [o]: vogal posterior média fechada arredondada
- [o̞]: vogal posterior média fechada arredondada + alta
- [õ]: vogal posterior média alta arredondada nasalizada
- [ɔ]: vogal posterior média aberta arredondada
- [ɛ]: vogal anterior média aberta não arredondada
- [ɛ̞]: vogal anterior média aberta não arredondada + baixa
- [e̞]: vogal anterior média fechada não arredondada + alta
- [e̝]: vogal anterior média fechada não arredondada + baixa
- [e]: vogal anterior média fechada não arredondada
- [ɐ]: vogal central baixa fechada não arredondada
- [ẽ]: vogal central baixa fechada não arredondada nasalizada
- [a]: vogal central aberta não arredondada

## RESUMO

---

Este trabalho apresenta os resultados das análises fonético-fonológicas das variedades de língua usadas nas cidades fronteiriças de Sant'ana do Livramento e Rivera. Pretendia-se verificar se nessa região falava-se uma língua que não fosse nem português nem espanhol. Com esse fim, realizou-se uma transcrição fonética restrita para dessa forma apreender os pormenores de cada variedade de língua. Compararam-se os dados obtidos com análises fonológicas do português e do espanhol para verificar possíveis disparidades e constatou-se que, do ponto de vista fonológico, embora o espanhol e o português falados nesta área tenham algumas características distintas do espanhol e português falados em outros lugares, nenhuma dessas variedades corresponde a uma terceira língua.

Palavras-chave: fonética, fonologia, interferência, primeira língua, segunda língua.

**ABSTRACT**

---

This work presents the results of the phonetic-phonological analyses of the varieties of language used in the border cities of Sant' ana do Livramento (Brazil) and Rivera (Uruguay). Given that the aim of the study was to verify if a third language was spoken in that area, restricted phonetic transcription was used in order to apprehend the details of each language spoken in the place. The data obtained was compared with the phonological analyses of standard Portuguese and Spanish in order to verify possible disparities. As a result, it was established that -from the phonological viewpoint- although the varieties of Spanish and Portuguese spoken in this area have some distinct characteristics, none of these varieties corresponds to a third language.

Key words: phonetics, phonology, interference, first language, and second language.

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

---

O presente trabalho visa apresentar uma descrição fonológica do sistema consonantal dos dialetos do português e espanhol falados nas cidades de Sant'ana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. Para isso, os capítulos estarão organizados com a finalidade de permitir uma melhor visualização dos dados e da análise fonológica de cada variedade de língua. Desse modo, neste primeiro capítulo serão apresentados os elementos básicos para a realização do trabalho, isto é, o assunto em si, a forma como este será abordado e o arcabouço teórico que irá guiar esta pesquisa. O capítulo 2 discorrerá brevemente sobre alguns trabalhos relevantes já realizados sobre as variedades de língua faladas na fronteira do Brasil com o Uruguai. No capítulo 3, será discutida a questão do chamado “portunhol” à luz de algumas propostas teóricas sobre a mistura de línguas. O quarto capítulo será dedicado à apresentação dos dados e da proposta de análise fonológica para o sistema consonantal da variedade de espanhol falada na cidade de Rivera. O quinto capítulo terá por objetivo arrolar os dados das variedades de português faladas nas duas cidades e fazer um levantamento do sistema fonológico dessas variedades. O sexto e último capítulo trará uma síntese dos resultados da descrição fonológica de cada uma das variedades estudadas e, ao mesmo tempo, apresentará as conclusões do trabalho.

### **1.1 Delimitação do estudo**

A fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai apresenta-se como um local singular para o desenvolvimento de pesquisas sobre contato de línguas por vários motivos. Em primeiro lugar, português e espanhol estão em contato nessa região há mais de três séculos e, segundo Thomason & Kaufman (1988), uma das causas de mudanças em uma língua é o contato com uma outra língua. Por isso, é de se esperar que tanto o português, quanto o espanhol tenham sofrido algum tipo de modificação. Em segundo lugar, trata-se de duas línguas da mesma família e tipologicamente muito similares, o que torna esta situação ainda mais interessante. Em terceiro lugar, embora as cidades fronteiriças

pertençam a países diferentes, em muitas delas a convivência dos habitantes dá-se como se fossem de uma só comunidade.

Acredita-se, frequentemente, que o Uruguai é um país monolíngüe, cuja única língua é o espanhol. Essa visão reflete a necessidade, motivada no momento da independência do país, de gerar um discurso de uniformização do Estado uruguaio. Em consequência, criou-se o “mito” da língua única<sup>1</sup>. Apesar disso, vários estudiosos pesquisaram a situação sociolingüística no norte do Uruguai e constataram que o espanhol não é a língua majoritária nessa região do país. Além de espanhol, fala-se, segundo os lingüistas, português e fronteiriço (mistura de espanhol e português).

Desde a década de 50 essa região de fronteira tem sido alvo de vários estudos lingüísticos, como; Rona (1965), que distingue diversos dialetos mistos falados em alguns pontos do norte do Uruguai; Elizaincin, Barrios & Behares (1987), que chamam esses dialetos de “dialectos portugueses del Uruguay” (DPUs) e os consideram pré-pidgins; Elizaincin (1992), que coloca os DPUs dentro do *continuum* português-espanhol; e Carvalho (2003), que coloca os DPUs dentro do *continuum* português padrão-português rural uruguaio e propõe que se trata, na realidade, de variedades do português.

Observa-se, pois, que apesar de a situação lingüística na fronteira Brasil-Uruguai, conforme detalhado anteriormente, ter sido amplamente estudada e debatida no âmbito da Lingüística moderna, esses estudos estão restritos quase que a uma única linha teórica, isto é, à Sociolingüística Variacionista. Sendo assim, este trabalho se concentrará na descrição do sistema fonológico do português e do espanhol falados nas cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera.

Em vista do anteriormente mencionado, o objetivo deste trabalho será produzir um conhecimento específico sobre a estrutura dos dialetos do português e espanhol falados nas cidades fronteiriças de Sant’ana do Livramento e Rivera no que se refere ao aspecto fonológico. É importante ainda aclarar que esta pesquisa, de natureza descritiva, poderá contribuir fundamentalmente para a compreensão do fenômeno em questão, podendo, inclusive, apresentar considerações importantes sobre a relação língua-identidade, tendo como base as marcas lingüísticas evidenciadas nos dados coletados.

---

<sup>1</sup> O termo “mito” é usado por Behares (2001), que explica de forma detalhada os motivos sócio-históricos que levaram a tal situação.

Em síntese, o objeto deste trabalho será a descrição fonológica, ainda que parcial, dos dialetos do português (P) e do espanhol (E) falados na(s) cidade(s) de Sant’ana do Livramento-Rivera.

Escolheram-se as cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera por formarem o maior centro urbano da fronteira e porque, embora Sant’ana do Livramento pertença ao Brasil e Rivera ao Uruguai, o convívio entre seus habitantes não obedece a fronteiras. Do ponto de vista físico, as duas cidades estão integradas em uma única planta urbana, e mesmo quando a legislação de uma e outra “área” desta “cidade” responde a um país diferente, o convívio e o dia-a-dia transcorrem como se se tratasse de uma cidade só. A modo de exemplo podemos dizer que os cidadãos, assim como os carros de ambos países, têm liberdade de circulação em toda a região. Do mesmo modo, as crianças podem cursar o Ensino Fundamental em qualquer uma das cidades. Ainda, várias pessoas afirmaram que, dependendo da situação econômica do momento, preferem viver em Rivera ou em Sant’ana. Observou-se também que mesmo quando a maioria das pessoas assegura que não é possível trabalhar em um país e ser cidadão do outro, na prática isso não se aplica, pelo menos no que diz respeito aos funcionários dos comércios.

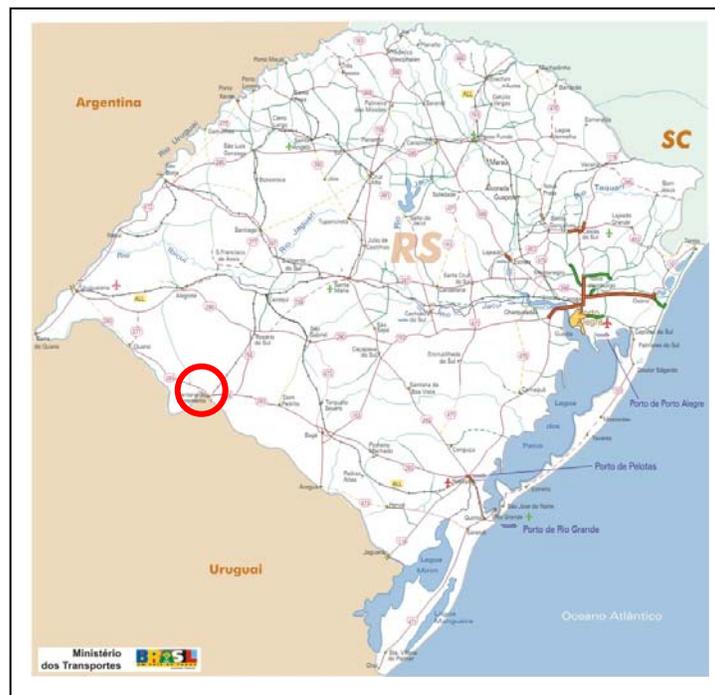


Fig I.1 : Fronteira Brasil-Uruguai.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> [www.mapas-rs.com/rio-grande-sul](http://www.mapas-rs.com/rio-grande-sul).

Nas fotos a seguir pode-se comprovar que do ponto de vista físico as duas cidades correspondem a uma área única. Verifica-se também que não há qualquer impedimento ao trânsito de pessoas e veículos de uma cidade para a outra, já que não há barreiras que delimitem as fronteiras.<sup>3</sup>



Uruguai

Brasil

Fig. I.2 – Vista aérea do Parque Internacional.



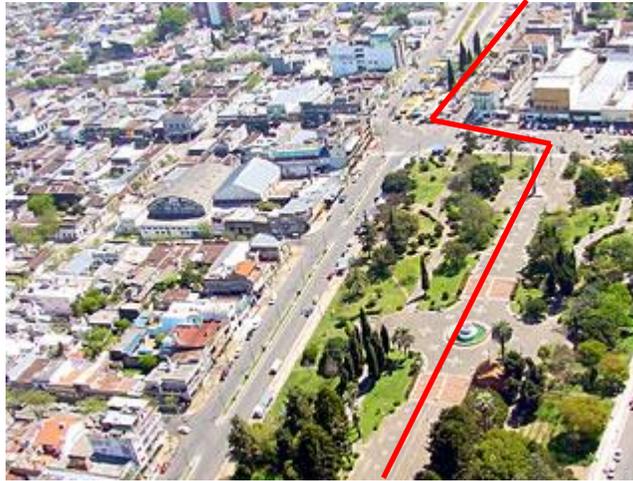
Brasil

Fig I.3- Vista parcial da cidade de Sant'ana do Livramento.

<sup>3</sup> As fotos aqui apresentadas são de autoria do fotógrafo Daniel Brada do jornal *A Platéia* de Sant'ana do Livramento e foram reproduzidas com autorização do mesmo. As fotos estão disponíveis no site do jornal: [www.aplateia.com.br](http://www.aplateia.com.br).

Uruguai

Brasil



Uruguai

Fig. I.4 – Vista parcial da cidade de Rivera.



Brasil

Fig. I.5 – Vista geral das duas cidades.



Fig. I.6- Foto aérea das duas cidades.

## 1.2 Características históricas e sociais da região

Como atestam os livros de história, a área que compreende o Rio Grande do Sul (doravante RS), o Uruguai e parte da Argentina foi palco de inúmeros combates desde o “descobrimento” da região pelos europeus até aproximadamente 1895 (cf. Abreu, 1963; Cortesão, 1952; Martinez, 1950; Ornellas, 1976; Sepp, 1980; Viana, 1948; Wiederspahn, 1961). De acordo com Wiederspahn (1961:15), “os curtos períodos pacíficos vividos...nas nossas fronteiras sul-riograndenses, entre 1680 e 1870, não passaram de simples armistícios entre guerras externas e lutas internas”.

Em 1494, o tratado de Tordesilhas delimita os territórios das Coroas Portuguesa e Espanhola na América, porém, ambos os reinos lutam constantemente para aumentar as suas terras invadindo as regiões contíguas. Já em 1515, Juan Diaz de Solís veio ao continente americano, em nome da coroa espanhola, com a finalidade de encontrar uma passagem para o ocidente. Nessa viagem, o navegador acabou descobrindo, ou redescobrindo, o rio da Prata. Os portugueses, por seu lado, reclamam o território como sendo seu, já que, no ano de 1513, João de Lisboa tinha estado na boca do Prata e levado para Portugal objetos metálicos que deram o nome ao rio. Sendo assim, a partir dessa data os portugueses procuram colonizar ou invadir as terras ao sul do Brasil. Em 1534, a coroa decide dividir o território brasileiro em doze capitanias, de Pernambuco ao rio da Prata,

com a finalidade de melhor administrar e controlar as terras. Não obstante, a área que compreendia o rio da Prata já era dominada pelos espanhóis desde 1515 e o Tratado de Tordesilhas dava-lhes o direito sobre a região. Tempo depois, no ano de 1680, os portugueses fundam a Colônia do Sacramento às margens do Rio da Prata frente a Buenos Aires, no extremo oeste da Banda Oriental, o que levou os espanhóis a fundar, quase um século depois, a cidade de Montevideú, na tentativa de frear o avanço português no território uruguaio. Dita fortaleza foi alvo de inúmeras invasões ao longo dos anos, passando das mãos dos portugueses às dos espanhóis em diversas oportunidades.

No século 18, portugueses e espanhóis assinam dois tratados, o de Permuta ou de Madri (1750) e o de São Ildefonso (1777). O Tratado de Madri concede à coroa portuguesa “todas as terras, e povoações da margem oriental do Rio Uruguai, desde o Rio Ibicuí para o Norte” (Cortesão, 1952:460). O referido tratado também determina que correspondem a Portugal os territórios que possuem rios vertentes da Lagoa Mirim e à Espanha aqueles territórios onde há rios que vão desaguar no Rio da Prata. O artigo XIII dispõe que Colônia do Sacramento será devolvida à Espanha e que a navegação do rio da Prata pertencerá à coroa espanhola (cf. Cortesão, 1952: 460-480).

O Tratado de São Ildefonso, assinado em 1777, determina que Colônia do Sacramento, os Sete Povos das Missões e a navegação do Prata e do Uruguai pertencem à coroa espanhola. Além disso, os limites ao sul começam na Barra do Chuí, isto é, passam pela Lagoa Mirim, não mais começando antes dela (Viana, 1948:107). As terras dos Sete Povos das Missões, porém fazem parte das fazendas dirigidas pelos jesuítas ao sudoeste do RS.

Algum tempo depois, em 1801, a Banda Oriental é anexada ao território português como “Província Cisplatina”. Essa data coincide com o começo do processo de independência do Uruguai, episódio marcado pela rivalidade luso-hispânica, ou agora, estados livres, entre “brasileiros imperiais e platinos republicanos” (Wiederspahn: 15). Ao se referir a “platinos”, Wiederspahn está na verdade fazendo alusão aos argentinos, que lutam até 1828 contra os brasileiros pela inclusão do território da antiga Banda Oriental ao seu. Em resumo, a história do Uruguai é marcada pela luta entre as coroas de Portugal e Espanha, e mais tarde Brasil e Argentina, pela posse do território que finalmente se torna independente.

Quanto à formação sócio-cultural, de acordo com Ornellas (1976), a população do RS nasce do encontro de quatro culturas; os índios, basicamente nas planícies da Banda Oriental (guaranis, tapes e charruas); no oeste e sul, os espanhóis; no litoral, os açorianos; e no nordeste, os mamelucos. Assim, da leitura de vários livros de história (cf. Abreu, 1963; Cortesão, 1952; Martinez, 1950; Ornellas, 1976; Sepp, 1980; Viana, 1948; Wiederspahn, 1961) depreende-se que a formação sócio-cultural da região se deu de forma pouco ordenada e pelo influxo de várias culturas e línguas, no entanto, prevaleceu a influência do português na cultura popular.

Nas primeiras décadas de colonização da Banda Oriental houve miscigenação do espanhol e do índio. Esses mestiços são aqueles gaúchos que, no século XVII, conduzem gado do Paraguai a Buenos Aires, na Argentina, e Soriano, no Uruguai.

Como foi dito anteriormente, até o século XVIII, época em que os jesuítas foram expulsos do Brasil, a região sudoeste do RS estava dividida em fazendas jesuíticas denominadas Sete Povos das Missões. A estância (fazenda) de São Borja se estendia pelos municípios de Quaraí e Livramento (divisa com o Uruguai). Dentro das chamadas reduções jesuíticas, os padres proibiram o uso do espanhol; os índios deviam falar guarani. Os Sete Povos das Missões eram fazendas estabelecidas e comandadas pelos padres jesuítas que estavam localizadas na região sudoeste do RS. Em ordem de fundação, os sete povos eram: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo.<sup>4</sup>

Como se sabe, as terras ao sul do RS, Uruguai e parte da Argentina foram desde muito cedo lugar de comércio de gado, momento em que, de acordo com Ornellas (1976), as nacionalidades não separaram lusitanos e castelhanos. De fato, em poucas ocasiões a nacionalidade separou verdadeiramente os habitantes da região. A modo de exemplo, pode-se citar que Bento Gonçalves, herói da Revolução Farroupilha, era casado com Caetana Garcia, senhora uruguaia, e além disso, manteve sempre estreitas relações com revolucionários uruguaio e argentinos, com quem assinou tratados de cooperação mútua (Sampaio, 1984). Do mesmo modo, o general Manuel Luis Osório, que lutou pelo Brasil na Guerra do Paraguai, descendia de espanhóis; Gumercindo Saraiva, que participou nas campanhas do RS, e o irmão Aparício Saravia, que combateu no Uruguai, eram bilíngües -

---

<sup>4</sup> Para detalhes sobre o funcionamento de ditas fazendas, conferir Sepp (1980).

mas não se sabe ao certo qual era a nacionalidade deles; além disso, mais de um presidente uruguaio foi de ascendência brasileira (Ornellas, 1976).

No que se refere exclusivamente ao Uruguai, é interessante notar que, de acordo com Elizaincin (1987), em 1860, época do primeiro censo populacional do Uruguai, a população do país era de 200.000 habitantes, destes 40.000 eram brasileiros, morando ao nordeste do país.

As cidades que serão estudadas neste trabalho são Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. Mesmo quando legitimamente se trata de duas cidades distintas, as situações presenciadas mostram que são na verdade uma cidade só. A realidade social desta “cidade” apresenta-se de forma muito complexa, já que a liberdade de circulação permite que cidadãos de um e outro país, residentes em Sant’ana e em Rivera, tenham acesso ao país vizinho sem intermédio de burocracia. Dessa forma, constatou-se que habitantes de um e outro lado da fronteira têm livre acesso às duas cidades: encontra-se tanto riverenses trabalhando, morando e estudando em Sant’ana como santanenses realizando essas mesmas atividades em Rivera. Essa facilidade de movimentação propicia o intercâmbio cultural e principalmente a formação de um ambiente bilíngüe em todas as áreas de convívio social.

Quem segue de carro, do Brasil em direção a Montevidéu, por exemplo, primeiro atravessa toda a cidade de Rivera para depois chegar no posto de migração (posto conjunto que atende tanto migração para o Uruguai, como para o Brasil). Quer dizer que a circulação para quem vem do Brasil dentro da cidade de *Rivera* é livre, somente precisa fazer a tramitação dos documentos de entrada no Uruguai se quiser ir além desta cidade. A situação é claro, é vista de forma diferente pela população e pelas autoridades, mas o que se deve destacar é a consciência que os habitantes têm de viver uma situação única no mundo.

Na verdade, a cidade é palco das mais inusitadas situações: muitos funcionários de lojas situadas em Livramento são uruguaio e moram em Rivera; até pouco tempo atrás, os carros tinham duas “chapas” (placas), pois podiam ter licença de circulação das duas cidades; as chamadas telefônicas entre as duas cidades são computadas como chamadas locais (não internacionais); em caso de emergência, os bombeiros das duas cidades trabalham juntos; o jornal *A Platéia* de Livramento é bilíngüe (o único no Brasil segundo os habitantes de Sant’ana).

Do ponto de vista histórico, podemos dizer que Santana do Livramento data da época da guerra Cisplatina, entretanto o povoamento intensivo aconteceu somente a partir de 1814, sendo que somente em 1823 se fundou a cidade. De acordo com dados do IBGE de 2001, a população da cidade é de 92042 habitantes.

Rivera foi criada por uma lei, em 7 de maio de 1862, com o nome de *Pueblo Ceballos*, com a finalidade de povoar a região fronteira. Mais tarde, em 1867, foi transformada em cidade por outra lei. A população da cidade foi inicialmente de italianos, espanhóis e portugueses, somados a alguns uruguaios vindos de outras cidades do interior do Uruguai. De acordo com dados do *Instituto Nacional de Estadística*, no ano de 2004, a população era de 106.898 habitantes. De um total de 39925 pessoas economicamente ativas em 1996, 10058 realizavam trabalhos não qualificados, 5649 trabalhavam no comércio e 5858 trabalhavam na indústria. Segundo o *Departamento de Estadística*, do *Ministerio de Educación y Cultura*, em 2001 havia 126 escolas públicas de ensino fundamental (somando um total de 17.873 alunos), destas 44 urbanas e 82 rurais, e 7 escolas de ensino fundamental particulares (572 alunos). Quanto a estabelecimentos de ensino médio (liceo), havia nove públicos e quatro particulares (totalizando 8.659 alunos). A cidade contava, também, com 6 escolas públicas e três particulares de ensino pré-escolar (5.608 alunos ao todo). Havia 114 professores de ensino pré-escolar e 693 professores de ensino fundamental na rede pública.

### **1.3 Fundamentação teórica**

As diferentes línguas humanas têm entrado em contato em diversos lugares e em vários momentos da história do homem, no entanto, o estudo deste fenômeno somente adquiriu conotações científicas em épocas recentes. Há vários autores que têm tratado da questão do contato de línguas, porém neste estudo serão citados, especialmente, os trabalhos de Weinreich (1974) e Thomason e Kaufman (1988). As duas propostas refletem pontos de vista diferentes na abordagem da situação de contato linguístico, pois Weinreich utiliza uma abordagem estruturalista, enquanto Thomason e Kaufman tratam o tema desde a ótica da história externa da língua.

Weinreich propõe que duas línguas estão em contato no caso de elas serem usadas alternativamente pelo mesmo falante, isto é, o *locus* do contato para o autor é o falante, pouco importa se esses falares possuem o status de línguas (diassistema), se são dialetos de uma mesma “língua” ou variedades de um mesmo dialeto. A distinção para ele é imaterial.

Sendo assim, o autor considera **interferência** como a reorganização dos padrões estruturais resultante da introdução de elementos externos nos domínios de uma língua. A interferência terá como resultado a identificação de elementos como similares, quando na verdade não são. Esse fenômeno pode se dar na ordem de fonemas, ordem sintática, etc.

Se bem Weinreich considera fatores externos à língua (forma de aprendizado, atitudes e tamanho de cada uma das comunidades) como determinantes no evento do contato, na sua proposta ele não analisa as possíveis conseqüências de cada uma delas à exaustão. Reconhece, no entanto, que, mesmo quando o lingüista deve teoricamente se preocupar com questões puramente lingüísticas sobre o bilingüismo, pode obter um melhor resultado se encarar o assunto de um ponto de vista interdisciplinar. Admite, também, que o contato entre línguas nada mais é do que contato de culturas.

No que se refere à interferência nos sistemas fonológicos, este fenômeno acontece, segundo Weinreich, pois a língua alvo (L2) é percebida e seus sons são reproduzidos em termos da língua nativa (L1). A interferência ocorre porque o falante identifica sons da L2 com sons da L1 e os reproduz seguindo as regras de L1. Mesmo assim, é interessante notar que, segundo o autor, a fonética da língua mãe pode ser facilmente afetada pelo bilingüismo. Desta forma, Weinreich identifica vários fenômenos relacionados à interferência fonológica. Em primeiro lugar, pode acontecer uma **sub diferenciação**<sup>5</sup> de sons, quando dois sons da língua alvo não são distinguidos em L1. Citamos como exemplo os sons [b] e [v], que são distintivos em português, mas não em espanhol. Um falante de espanhol que venha a aprender português como L2 terá problemas, pois confundirá sons que são distintivos em português.

Pode ocorrer, também, a **sobre diferenciação** de fonemas nos casos em que o falante transfere para L2 distinções fonológicas da L1 que não são necessárias em L2. Tomando novamente o exemplo dos sons [b] e [v], mas no evento contrário, isto é, de um

---

<sup>5</sup> A versão para o português dos fenômenos de interferência fonológicos foi feita por mim.

falante de português que aprende espanhol, pode-se esperar que venha a diferenciar os sons [b] e [v] em espanhol, sendo que isso não é necessário.

Uma outra possibilidade é a **reinterpretação de distinções**, que ocorre quando o falante bilíngüe distingue fonemas na L2 por traços que são redundantes nesse sistema, mas relevantes em L1. Este fenômeno pode-se exemplificar tomando como base as vogais médias [e, o] do espanhol. Quer dizer, nessa língua as vogais médias podem ser pronunciadas abertas ou fechadas, já que não há contraste entre vogal média aberta e vogal média fechada. Em português, contudo, essa diferença é relevante já que nessa língua essas vogais são distintivas. Assim sendo, um falante de português que venha a aprender espanhol como L2 pode transferir as distinções entre vogal média aberta e vogal média fechada do português para o espanhol, sendo que isso não seria necessário.

Finalmente está a **substituição de sons** ou pronúncia não usual de certo fonema. Esse fato acontece quando dois fonemas são idênticos em duas línguas, mas a pronúncia deles difere. Trata-se, pois, de uma distinção fonética e não fonológica, já que embora os dois fonemas sejam caracterizados da mesma forma do ponto de vista fonológico a realização deles é diferente. Nesse caso, por exemplo, o fonema /a/ é, tanto em português como em espanhol, considerado uma vogal central baixa aberta. No entanto, no espanhol a concretização desta vogal independe da posição na palavra, enquanto que no português ela pode ser fechada ou aberta dependendo do lugar onde ela se encontrar.

Desses fenômenos, somente os três primeiros tratam de traços que são relevantes em uma ou duas línguas, o último trata de traços que são redundantes, no entanto podem vir a ser relevantes se o sistema fonológico sofrer mudanças. Por outro lado, a sobre diferenciação e a substituição de sons dificilmente ocasionam problemas de comunicação, já a sub diferenciação e a reinterpretação de sons podem desorientar um falante monolíngüe de L2.

Seja qual for o tipo de influência sofrida pelo sistema fonológico de uma língua, o resultado não deve necessariamente ser idêntico ao sistema que o influenciou. Weinreich afirma que a difusão dos resultados da interferência que envolve alterações fonológicas é conseqüência de condições estruturais e independentes de fatores culturais, já que são poucos os casos em que a mudança fonológica pode ser associada ao status da língua alvo.

As características e conseqüências da interferência morfossintática e lexical não serão apontadas aqui, já que o objeto do presente estudo é o sistema fonológico do português e do espanhol fronteiriços. Por outro lado, as considerações de ordem social e cultural, serão de interesse para este estudo. Sobre o falante bilíngüe, Weinreich tece varias considerações. Define falante ideal como aquele que muda de língua para língua de acordo com a situação, mas não na mesma situação ou em uma mesma sentença. Um falante bilíngüe pode demonstrar graus diferentes de interferência na fala dependendo da situação. Por exemplo, se o interlocutor é bilíngüe, se há envolvimento emocional, se usa as duas línguas com finalidades diferentes, etc. Já para determinar o status de uma das línguas da comunidade, deve-se decidir qual língua é a fonte, e qual a receptora. Alguns fatores que ajudam nessa definição são: a proficiência dos falantes em cada uma das línguas, o uso dado a cada uma delas (escrita, leitura), a ordem em que foram aprendidas, a utilidade na comunicação, a necessidade para ascensão social e o valor literário. Afirma também que a língua que foi aprendida primeiro está em uma posição privilegiada para resistir à interferência. Nota, igualmente, que a carga do bilingüismo geralmente recai sobre um dos dois grupos, já que o outro espera ser abordado na sua própria língua em todos os casos de comunicação entre indivíduos das duas comunidades. Ainda mais, mesmo quando a comunidade é bilíngüe, pode haver somente uma língua nativa, isto é, a outra pode não ser língua nativa de nenhum dos integrantes da comunidade.

Quanto à lealdade lingüística, Weinreich afirma que a língua “padrão” de um dos grupos pode se tornar símbolo da integridade da comunidade. Neste caso, a língua nativa deve ser mantida intacta e, por isso, assume uma posição privilegiada na escala de valores da comunidade. Sendo assim, os falantes sentem a necessidade de defendê-la. Por esse motivo, muitas vezes em situações de contato os falantes se tornam conscientes das peculiaridades da sua língua mãe e tentam manter a língua “pura”. Caso eles sintam que a língua está sendo ameaçada de uma ou outra forma, eles fazem um esforço consciente para conservá-la inalterada. Como é de se esperar, esse sentimento nativista é maior nos indivíduos que ocupam uma posição privilegiada na comunidade, já que essa posição pode ser ameaçada caso ocorra uma mudança cultural.

Aplicando as propostas de Weinreich às características sociais da região alvo deste estudo, observa-se que, embora riverenses e santanenses entendam português e espanhol,

somente os riverenses falam as duas línguas. Ou seja, a carga do bilingüismo cai somente sobre os habitantes do Uruguai. De fato, os brasileiros pressupõem que o português será a língua usada em caso de contato com riverenses.

Verificou-se além do mais que os membros das classes altas de Sant'ana do Livramento e de Rivera censuram o uso da língua do país vizinho no seu meio e classificam as variedades lingüísticas usadas pelos demais falantes como “erradas”.

A proposta de Thomason & Kaufman (1988) considera que a história da língua é a história dos seus falantes e, por isso, dão especial importância à história do contato das línguas. Segundo os autores, as mudanças podem afetar todos os níveis do sistema lingüístico, e muitas vezes os câmbios que começam num plano podem se difundir a outros níveis. Sendo assim, a mudança que aparentemente simplifica um sistema pode complicar outro.

Os autores mencionam dois tipos de interferência: **empréstimo** e **interferência por mudança**. O empréstimo acontece sempre que falantes de uma língua tomam elementos de uma outra. Já a interferência por mudança é resultado do abandono de uma língua por parte dos seus falantes para incorporarem uma língua diferente. Mesmo que os dois processos sejam definidos e tratados de forma separada, os autores mostram que muitas vezes podem ocorrer de forma conjunta. Isto é, enquanto uma comunidade muda para outra língua, os falantes da língua alvo adquirem elementos da língua da primeira comunidade.

No caso da interferência por empréstimo, incorporam-se traços da L2 à língua nativa. Esses elementos podem ser de ordem fonológica, lexical, ou morfológica, e se as duas línguas forem relacionadas haverá maior probabilidade de empréstimo. O empréstimo lexical pode acontecer mesmo quando o bilingüismo não é difundido na comunidade. Por outro lado, para que haja empréstimo estrutural, o bilingüismo deve ser extenso e ter durado centenas de anos.

Para os autores, a interferência por mudança ocorre quando um determinado grupo abandona o uso de sua língua mãe. Isso acontece porque, no processo de aprendizado da L2, os falantes iniciam mudanças, já que o aprendizado não se dá de forma perfeita. Esse processo pode levar somente uma geração e não requer que os “aprendizes” sejam bilíngües perfeitos. Quanto aos falantes nativos da língua alvo, estes podem ou não ser bilíngües. Ao contrário, quanto menor o conhecimento da L2 mais interferência ela sofrerá. A

interferência, neste caso, não começa pelo léxico, mas pelo sistema fonológico e morfossintático.

Segundo os autores, para predizer qual será o resultado do contato entre duas línguas, deve-se observar o cenário do contato. Caso o grupo que está mudando seja pequeno ou caso eles sejam bilíngües perfeitos, a interferência na língua alvo será leve ou nula. Por outro lado, quando a L2 não é totalmente acessível a todos os membros, existe uma maior probabilidade de disseminar diferenças estruturais na comunidade da língua alvo. Também, se o bilingüismo persistir durante um longo período de tempo ou o bilingüismo for extensivo ou perfeito, o empréstimo estrutural será mais plausível. Nos casos em que muitos dos falantes são bilíngües, é necessário saber qual é o tipo de bilingüismo para poder fazer algum tipo de predição sobre o empréstimo de elementos marcados. Todos os casos estudados pelos autores em que ocorreu empréstimo estrutural importante envolvem um grupo de falantes fluentes e ativos da L2, que usam regularmente a língua para situações usuais de comunicação. Nesse caso, haverá uma comunidade conjunta.

Outro fator que pode influenciar a situação é a pressão cultural. A pressão cultural pode-se dar de vários modos: por tempo do contato, número de falantes da L1 e L2, lares ou contextos sociais onde uma das duas línguas é dominante ou onde se fala somente uma das línguas, e a distância tipológica entre as línguas em questão. Os casos em que a pressão cultural é muito forte, *overwhelming cultural pressure*, podem resultar em morte súbita da língua, ou na manutenção do vocabulário mas substituição da gramática original.

Três conceitos ligados à lingüística histórica que são examinados por Thomason & Kaufman serão de interesse neste trabalho: a noção de superestrato, substrato e adstrato. Superestrato é a comunidade dominadora, substrato é o grupo dominado e adstrato quando a convivência se dá sem dominados nem dominadores. Os autores notam que é mais factível que haja transferência lexical no caso da interferência do superestrato do que no caso da interferência do substrato. Por outro lado, a interferência de substrato não é provável nos casos em que os falantes se tornam bilíngües perfeitos por longos períodos de tempo.

O cenário no caso das cidades de Sant'ana do Livramento e Rivera é bastante complexo. No entanto, da análise bibliográfica e pelos resultados das entrevistas realizadas com moradores de ambas cidades, pôde-se concluir que os habitantes de Rivera estão em

maior ou menor grau deixando de falar português para falar espanhol, ou que pelo menos aqueles que eram falantes monolíngües de português estão criando seus filhos como falantes das duas línguas.

Essa situação lingüística decorreria de uma situação social, onde a pressão para que os moradores do Uruguai falem espanhol se manifesta na possibilidade de ascensão social e de identificação com as classes sociais mais altas.

#### **1.4 Metodologia do estudo**

Quanto à metodologia de trabalho proposta para cumprir com o objetivo de analisar fonologicamente as duas variedades de língua, deve-se mencionar em primeiro lugar que houve a necessidade de coletar dados sobre o espanhol montevideano, motivo pelo qual, constituiu-se um pequeno corpus com a gravação da fala de 4 informantes da capital – a necessidade da formação deste corpus será explicitada e comentada no capítulo 4. Os dados para esse corpus foram coletados em janeiro de 2005 e março de 2006. Para compor esse corpus usaram-se ilustrações para elicitare palavras, solicitou-se aos informantes que contassem uma história (Chapeuzinho Vermelho) e que comentassem um fato muito polêmico e de ampla repercussão nacional (o problema das fábricas de celulose na fronteira com a Argentina). Os informantes são quatro monteviduanos natos que sempre viveram em Montevideú. Há duas mulheres da classe média-baixa, uma de 60 anos e outra de 30 anos, ambas com nível superior completo, e dois adultos jovens, pertencentes à classe baixa, um de 25 anos e outro de 21 anos, os dois com ensino médio completo.

O levantamento de dados na região de fronteira foi realizado em duas visitas à cidade: nos meses de fevereiro e março de 2005, e no mês de fevereiro de 2006. Como o objetivo maior é fazer uma descrição fonológica, as considerações sociolingüísticas serão mínimas. Não obstante, foi necessário verificar quais são as línguas ou dialetos usados na cidade pelos membros da comunidade para depois proceder à descrição fonológica dos mesmos. Além disso, dadas as características tão peculiares do lugar, considerou-se necessário fazer um pequeno levantamento para constatar de que maneira se constitui social e lingüisticamente a cidade. Sendo assim, o primeiro momento do estudo visou verificar por meio de observação direta e aplicação de questionários quais são as línguas

faladas por riverenses e santanenses natos. Por esse motivo, foi imprescindível entrevistar falantes de todas as idades e classes sociais. Além disso, era necessário um convívio com os informantes para corroborar a veracidade das informações.

Desta forma, a coleta de dados obedeceu duas etapas. Primeiro, foram realizadas entrevistas (questionários: ver anexos V e VI), para verificar a situação do português e do espanhol na cidade. Após constatar que os santanenses são monolíngües em português – embora entendam espanhol – e esperam ser abordados nessa língua, enquanto os riverenses podem ser bilíngües ou monolíngües, procedeu-se ao levantamento de dados com a finalidade de realizar uma análise fonológica. Nesse segundo momento foram escolhidas pessoas com quem o entrevistador já tinha alguma intimidade para assim diminuir a ansiedade e aumentar a espontaneidade dos informantes. Por esse motivo, as seções de gravação dos informantes não foram marcadas, simplesmente aconteceram como parte da conversa normal; não seguiram um roteiro predeterminado; e aconteceram em espanhol ou português, dependendo da língua que cada informante disse falar.

As entrevistas foram gravadas no local de trabalho ou na residência dos informantes e tiveram uma duração média de 30'. Convém aclarar que, seguindo as recomendações de Tarallo (2000:21), o motivo real da pesquisa somente foi revelado após gravar as entrevistas. Em princípio foi dito aos entrevistados que o objeto da pesquisa era estudar a situação fronteiriça do ponto de vista social. Por esse motivo, a conversa girou em torno de situações interessantes presenciadas ou vividas pelos informantes e do dia-a-dia nas cidades fronteiriças.

É importante esclarecer que o termo **padrão** será usado para identificar as variedades de português e espanhol faladas em Porto Alegre e em Montevidéu respectivamente. Esse termo não terá qualquer conotação quanto à correção ou valor lingüístico do referido dialeto.

Convém esclarecer que, como o objetivo do trabalho é verificar a organização fonológica das variedades de língua faladas nas cidades como língua nativa, a escolha dos informantes obedeceu a algumas particularidades. Em primeiro lugar, selecionaram-se pessoas monolíngües a fim de apreender as características já fossilizadas nas variedades de língua usadas na região. No caso de não se achar indivíduos monolíngües, escolheram-se pessoas que, embora conheçam a outra língua não a usam como L1, nem para a interação

com familiares e amigos mais próximos. Em segundo lugar, escolheram-se informantes somente de um grupo social para evitar possíveis contradições e divergências. Em terceiro lugar, preferiram-se pessoas com que se tivesse algum grau de familiaridade para poder verificar se realmente possuíam as qualidades necessárias para serem informantes deste estudo. Para constatar se os informantes realmente tinham as condições imprescindíveis recorreu-se à orientação de uma santanense/riverense residente nas cidades há mais de 35 anos e que conhecia todos os informantes.

Para realizar a transcrição das entrevistas e a análise fonológica do material transcrito procedeu-se da seguinte forma:

- 1- descartaram-se os primeiros cinco minutos de cada entrevista, pois é o momento em que o falante demonstra mais ansiedade e em consequência monitora mais a fala;
- 2- transcreveram-se foneticamente os 15 minutos seguintes – desde que a qualidade do material gravado permitisse uma identificação adequada dos sons. Os 15 minutos finais da entrevista não foram transcritos foneticamente mas verificou-se se havia diferenças entre a pronúncia dos diferentes sons. Usou-se a transcrição fonética acurada já que é objeto do trabalho evidenciar as diferenças fonéticas e fonológicas entre as variedades de língua usadas na cidade e aquelas consideradas “padrão”. Para a identificação e caracterização dos sons usaram-se os trabalhos de Ladefoged & Maddieson (1996), Quilis (1988), Weiss (1988), assim como os programas para análise da fala, CECIL e SPEECH ANALISER;
- 3- realizou-se um levantamento dos sons do dialeto do espanhol falado em Rivera, com a finalidade de fazer uma análise fonológica desse dialeto;
- 4- realizou-se a descrição fonológica do dialeto do espanhol falado em Rivera. Para fazer essa descrição utilizaram-se as propostas sobre a metodologia para análise fonológica de Cagliari (2002), Kindell (1981), Pike (1947) e Trubetzkoy (1971);
- 5- os resultados dessa análise foram comparados com descrições de outras variedades de espanhol. Para o espanhol peninsular usou-se Alarcos

Llorach (1954), D’Introno et ali (1995) e Quilis (1988), e para o espanhol do Uruguai, Rona (1965);

- 6- os dados dos dialetos do português falados por brasileiros e uruguaios foram comparados com outros dados e propostas para o português do Brasil de trabalhos publicados por Amaral (1920), Bisol (2001), Callou & Leite (2003), Mattoso Câmara (2004)<sup>6</sup>, Chaves de Melo (1971), Pontes (1965), Rodrigues (1974), Wetzels (1997);
- 7- as conclusões sobre os dialetos das duas línguas foram analisadas à luz das propostas de Weinreich (1974), para verificar a que tipo de interferência correspondiam.

Sendo assim, na primeira etapa do trabalho foram entrevistadas 76 pessoas. Dessas 39 são brasileiros e 28 são uruguaios. Há também, nove “doble chapa” – pessoas que possuem a documentação dos dois países.<sup>7</sup> Dos 39 brasileiros, 34 moram em Sant’ana e cinco moram ou já moraram em Rivera. Quanto aos uruguaios, há 24 que moram em Rivera e quatro que moram ou já moraram em Sant’ana. Há três “doble chapa” que atualmente moram em Rivera e seis que moram em Sant’ana, embora todos eles já tenham morado alternadamente nos dois países. Sendo assim, no total há 44 pessoas que moram em Sant’ana do Livramento e 32 pessoas que moram em Rivera. Deve-se observar ainda que a cidade de residência não é necessariamente a cidade onde a pessoa desempenha suas atividades laborais. Dentre os 39 santanenses há 25 que trabalham no Brasil e dois que trabalham no Uruguai. Por outro lado, há 18 uruguaios trabalhando em Rivera e seis trabalhando em Sant’ana. Quanto aos “doble chapa” a situação é bem interessante, já que sete deles trabalham ou já trabalharam nos dois países, sendo que um aposentou-se tanto no Brasil como no Uruguai.

---

<sup>6</sup> Embora a primeira edição de *Estrutura da Língua Portuguesa* seja de 1970, consultou-se a edição de 2004.

<sup>7</sup> Consideram-se “doble chapa” aquelas pessoas que efetivamente possuem a documentação dos dois países. Desta forma são cidadãos uruguaios e brasileiros, podendo exercer todas as funções de qualquer cidadão nato nos dois países. Não são “doble chapa” aqueles que, mesmo tendo mãe e/ou pai de ambas as nacionalidades, não têm a documentação uruguaia e brasileira. Mesmo assim, é interessante notar que quando a pessoa possui a documentação dos dois países ela se considerara brasileira ou uruguaia de acordo com lugar onde nasceu.

#### 1.4.1 Os questionários aplicados em Sant'ana

Quanto aos santanenses, há 21 pessoas (15 mulheres e seis homens) que são profissionais ou pertencem à classe alta<sup>8</sup> (grupo Z) e 18 indivíduos (seis homens e 12 mulheres) que pertencem às classes trabalhadora e baixa.

Dos 21 membros do grupo Z santanense, somente quatro homens e quatro mulheres dizem falar um **pouco** de espanhol. Entretanto, estes oito entrevistados afirmam que falam espanhol somente por necessidade. Há um homem casado com uma uruguaia, outro que trabalha em Rivera e dois adolescentes que veraneiam em Punta del Este e, por isso, devem saber se comunicar em espanhol. Mesmo assim, somente os dois adolescentes são fluentes na língua e a falam sem constrangimento, os dois adultos ficam visivelmente embaraçados ao falar espanhol. Quanto às quatro mulheres a situação é praticamente a mesma; uma delas aprendeu espanhol em Montevideu, lugar onde foi estudar depois de adulta, duas são casadas com uruguaios e a última é aluna da UERGS e aprendeu espanhol na universidade. Em resumo, nenhum membro do grupo Z admite espontaneamente que fala espanhol. Apesar disso, vários desses falantes mostram-se competentes em espanhol fora do ambiente da entrevista.

Convenientemente, ao responder à pergunta *Como você se comunica com os uruguaios?*, os santanenses admitem que por viverem na fronteira têm uma “noção” de espanhol. Foi muito interessante constatar que todos os entrevistados são categóricos ao afirmar que, como os uruguaios da fronteira *não falam nem português nem espanhol*, não interessa aos santanenses aprender espanhol. Segundo eles quem quer aprender espanhol deve estudar em um centro de línguas ou ir para um lugar do Uruguai que não a fronteira.

Quanto aos membros das classes trabalhadora e baixa (doravante denominado grupo X) a situação é um pouco diferente, pois se verifica que o preconceito quanto ao espanhol fronteiriço diminui. Sendo assim, dos 18 entrevistados, sete (cinco homens e duas mulheres) admitem falar espanhol. Todos eles aprenderam espanhol na rua ou no comércio, lugar onde desempenham suas atividades. Entre os sete há três flanelinhas, dois vaqueiros (gaúchos), e duas vendedoras ambulantes. É interessante notar que nenhum dos

---

<sup>8</sup> Nenhum critério sociológico foi usado para determinar as classes sociais. Usou-se a denominação corrente para caracterizar as três classes sociais mais prototípicas.

entrevistados mostrou-se envergonhado em admitir que aprenderam o espanhol de maneira informal com pessoas de origem humilde do Uruguai. Além disso, não demonstraram nenhum tipo de acanhamento ao falar a língua. Não obstante, deve-se admitir que o espanhol destes entrevistados é uma segunda língua aprendida após a adolescência e que estão longe de ser considerados fluentes na língua.

Outro fato interessante foi constatar que mesmo aqueles membros do grupo X que negam falar espanhol, admitem que usam o “portunhol” para se comunicar com os vizinhos uruguaios – vindos de todas partes do Uruguai para fazer compras em Sant’ana. Dentre os 18 entrevistados somente quatro desempenham atividades não relacionadas com o comércio, já que Sant’ana do Livramento é uma cidade que vive do comércio, principalmente dos uruguaios (riverenses ou não) que vêm comprar roupas e artigos do dia-a-dia. Por esse motivo, há vários supermercados e muitas lojas de roupa na cidade. Sendo assim, é necessário que os trabalhadores do comércio e afins possam se comunicar com os possíveis compradores falantes de espanhol.

Quando perguntados sobre o uso do “portunhol” os entrevistados afirmaram que é um recurso que usam na hora de se comunicar com os uruguaios que NÃO falam português. Esse “dialetto” nunca é usado em casa ou com uruguaios falantes de português.

#### 1.4.2 Visita a escola em Sant’ana

Visitou-se além disso a escola *Saldanha Marinho* localizada no centro da cidade. Foram observadas a 3ª série da Prof. R (alunos de nove anos) e a 4ª série da Prof. N (alunos de dez anos), ocasião em que se pediu para que os alunos respondessem a um questionário similar à aquele aplicado aos adultos (verificar anexo V). Embora os resultados tenham sido interessantes, o mais importante foi observar a dificuldade que os alunos tiveram em distinguir que há duas nacionalidades e duas línguas em jogo na região. Para começar, os uruguaios são chamados de castelhanos pelos brasileiros, em conseqüência o *castelhano* é a língua falada por eles. Porém mesmo assim, as crianças tiveram dificuldade em responder quanto à sua nacionalidade e a língua que usam. Ficou evidente que para eles há duas formas de falar diferentes, mas não o suficiente para impedir o entendimento entre crianças falantes de português e crianças falantes de “castelhano”. O que é mais importante, para as

crianças nesta idade a cidade é uma só, já que para elas não há diferença entre morar em Sant'ana e morar em Rivera. Observe-se que a escola está situada no Brasil, mas mesmo aquelas crianças que moram no Uruguai não percebem que estão num país ou numa cidade diferente.

#### 1.4.3 Os informantes de Sant'ana

Em Sant'ana do Livramento foram gravadas conversas com 15 informantes de todas as classes sociais (seis mulheres e nove homens) com idades que variam entre 15 e 70 anos. Nenhum dos informantes diz falar espanhol em casa. De fato os informantes se recusam a falar espanhol e afirmam que somente entendem a língua. Constatou-se que dois vendedores ambulantes usam o português ou o “portunhol” para falar com uruguaios falantes de espanhol, mas nunca falam espanhol. Dentre os 15 informantes foram selecionados três cujas entrevistas serão usadas para realizar a análise fonológica. Os informantes serão identificados por uma letra maiúscula – que não tem relação com o nome da pessoa – idade, atividade econômica e grau de instrução. Sendo assim os informantes residentes em Sant'ana do Livramento são:

- G- 64a, ferroviário aposentado, sempre morou em Sant'ana ou nas fazendas da redondeza, ensino fundamental até a 5ª série;
- V- 62a, aposentado, sempre morou em Sant'ana, ensino fundamental até a 3ª série;
- B- 66a, tropeiro, cursou até a 5ª série no Brasil, mora em Sant'ana há 30 anos.

#### 1.4.4 Os questionários aplicados em Rivera

A realidade para os uruguaios nascidos e residentes em Rivera é bastante diferente daquela vivenciada pelos santanenses. Foram entrevistadas 28 pessoas; 14 (seis homens e oito mulheres) são do grupo X, e 13 (sete homens e sete mulheres) do grupo Z.

Observou-se que os 14 falantes do grupo Z entendem português, mas, em muitos casos, se recusam a falar essa língua. Entre os entrevistados, há somente dois homens e duas mulheres que podem ser considerados fluentes em espanhol **padrão** e português **padrão**. Há dois homens e quatro mulheres que são fluentes em espanhol, por outro lado,

entendem português mas falam com muita dificuldade; e três homens e uma menina que falam somente espanhol, mas com forte influência do português.

Sendo assim, foi interessante comprovar que os 14 entrevistados consideram que devem falar espanhol mesmo com brasileiros. Como exemplo, pode-se relatar que três dos informantes foram entrevistados na casa de uma brasileira, M (artista plástica, 80a, classe alta, F) residente em Rivera há mais de 35 anos, onde se presenciou uma situação bastante comum entre membros do grupo Z. A interação entre os três uruguaios e a brasileira se dá na língua nativa de cada um, português e espanhol; M. (artista plástica, 80a, classe alta, F, brasileira) fala português normalmente e E. (dona de casa, 23a, classe alta, F, uruguaia), J. (estudante de arquitetura e engenharia em Sant’ana, 30a, classe alta, M, uruguaio) e L. (dona de casa, 72a, classe alta, F, uruguaia) respondem em espanhol. Esta situação apresentou-se como a mais corriqueira na interação entre membros do grupo Z de Sant’ana e de Rivera.

Quando se perguntou a E (dona de casa, 23a, classe alta, F) em que língua se comunicava com amigos brasileiros explicou que:

“...en mi primer grupo de amigas hablaba en portugués con ellas, hasta que un día hablé en español y me dijeron... *que? não tô entendendo nada*. A no... yo te entiendo, tu vivís acá, como no me vas a entender lo que hablo? Entonces, medio que dió no sé qué y paré, ahora hablo solo español.” (No meu primeiro grupo de amigas, eu falava português. Até que um dia eu falei em espanhol e elas falaram... *que? não tô entendendo nada*. A não...eu entendo você, você vive aqui, como não vai me entender? Então, eu fiquei sem jeito e parei, agora falo somente espanhol.)

J. (estudante de arquitetura e engenharia, 30a, classe alta, M) que estuda na Urcamp em Sant’ana, disse que:

“Cuando me pongo en la clase a hablar con los profesores, yo les hablo en español y ellos me hablan en portugués. Son de las cosas cómicas de acá. Pero no solo conmigo, en mi clase somos seis uruguayos de una clase de veinte alumnos.” (Quando eu falo na sala de aula com os professores, eu falo em espanhol e eles falam comigo em português. Essas são as coisas engraçadas daqui. Mas não é só comigo, na minha sala somos seis uruguaios de uma turma de vinte alunos.)

Os entrevistados do grupo Z reconheceram que falam menos “brasileiro” do que o resto dos riverenses; fazem questão de destacar que eles SIM falam espanhol, já que o resto da população fala *“una mezcla que no es ni portugués ni español”* (U, protética, 22a, classe alta, F). Notam inclusive, que muitas professoras primárias falam “portunhol”. E disse que não gostaria que um filho estudasse em Rivera porque *“si vos tenés un hijo y lo mandás a la escuela; como te va a aprender español correctamente si tiene un maestra que habla portunhol?”*.(se você tem um filho e coloca ele na escola, como vai aprender espanhol direito se a professora fala portunhol?)

Por outro lado, a situação de grande parte dos membros do grupo X é muito diferente. A maioria é bilíngüe, entendem e falam português e espanhol; entretanto, há jovens e crianças que têm sido educadas somente no espanhol ou somente no português. É importante observar que os entrevistados julgam a língua que falam usando as mesmas palavras dos integrantes do grupo Z *“no es ni portugués ni español, es una cosa rara”* (F, vendedor ambulante, 22a, classe baixa, M). Desta forma, os monolíngües em português ou espanhol consideram que a língua que usam é “errada”, e observam que somente os brasileiros falam português corretamente e somente os montevidéanos falam espanhol corretamente. Já os bilíngües, afirmam que não falam nem português nem espanhol “bem”, mas preferem falar português. Y (balconista, 40a, classe baixa, F) prefere falar português *“porque falo mejor que o espanhol”*, mas adverte logo que *“meu português não é bom”*.

Dos 13 entrevistados, todos entendem português; quatro mulheres e dois homens falam unicamente espanhol (variedade não-padrão); três mulheres são bilíngües (são fluentes em português não-padrão, mas falam espanhol com dificuldade); uma mulher e três homens são falantes de português (mas entendem espanhol).

Uma das mulheres, A (balconista, 26a, classe trabalhadora, F) fala espanhol como única língua, já que o pai que era falante de português e falava português em casa (com outros familiares) e proibia que ela falasse português. Outras duas falantes de espanhol como única língua fizeram observações similares. I (faxineira, 38a, classe baixa, F) disse que

“Apesar de vivir acá en la frontera en casa no me dejaban hablar portugués. Mi mama decía que en la frontera nadie habla portugués bien. Así que era mejor hablar solo español que es mi

lengua” (Mesmo vivendo na fronteira, na minha casa não me deixavam falar português. Minha mãe falava que na fronteira ninguém fala português direito. Por isso, era melhor falar somente espanhol que é minha língua)

Outra entrevistada (P, estudante, classe baixa, 17a, F) afirmou que nunca teve necessidade de falar português. Além disso, a mãe sempre dizia que como era uruguaia devia falar a língua do país.

Das três falantes bilíngües, duas aprenderam espanhol na escola e uma diz ter aprendido espanhol brincando com amigos na rua. Entre elas está a mãe de P, Y, que é falante de português como primeira língua e aprendeu espanhol com 10 anos quando começou a escola.

Finalmente, os quatro falantes que usam somente português são analfabetos ou semi-escolarizados. Eles aprenderam português em casa e é essa a língua que falam com familiares e amigos. Entre os informantes estão o homem mais velho e o menino mais novo. A única diferença entre a fala dos dois informantes é que como o menino está estudando no Uruguai, o português dele está sofrendo influências fortes do espanhol. No momento em que fomos apresentados, Z (estudante, 10a, classe baixa, M) tentou não falar português. Ele começava a falar em português, hesitava e voltava atrás, se corrigindo em espanhol. Entretanto, ficou evidente que pensa em português e tenta traduzir para o espanhol, sem bons resultados.

#### 1.4.5 Visita a escola em Rivera

Visitou-se, também, a escola no 104, que fica perto do centro da cidade. Na ocasião da visita, as aulas tinham começado há muito pouco tempo. Sendo assim, alunos e professores estavam recém voltando das férias, e havia na escola um clima de muita descontração e alegria. Nessa ocasião foram entrevistadas algumas *maestras*, o diretor e também visitou-se duas salas de aula: a segunda série da *maestra S* e a sexta série da

*maestra* M. O diretor ressaltou que na escola se trabalha com a idéia de que **a língua** é o espanhol, por isso, já nas séries iniciais “se **bloquea** el uso del DPU<sup>9</sup> y del português”.

Na segunda série visitou-se a sala da *maestra* S., que trabalha na escola há 18 anos. Havia 41 alunos na sala. Como estavam sentados em mesinhas de seis, foi muito fácil constatar (nas conversas paralelas) que entre eles falam tanto português como espanhol, principalmente português. No entanto, eles têm noção de que estão usando sistemas diferentes e com a professora falam somente espanhol. Observou-se que se os alunos falam em português com a *maestra*, ela simplesmente não responde ou pergunta “*Como? No entendí*”, nesse caso os alunos repetem o que haviam dito, desta vez em espanhol.

Na sexta série (última série do Ensino Fundamental no Uruguai) visitou-se uma turma com 58 alunos que se dividem em 2 grupos. Sendo assim, assistiu-se à aula em um dos grupos e depois se entrevistou as duas professoras. A situação aqui é bastante diferente à da segunda série, já que os alunos falam somente espanhol em sala. No entanto, as professoras reconhecem que em casa, na rua e no recreio os alunos falam português.

#### 1.4.6 Os informantes de Rivera

Em Rivera foram gravadas 16 entrevistas com informantes de todas as idades e classes sociais, destas foram selecionadas sete entrevistas. Como foi mencionado anteriormente, cada gravação corresponde a 25’-30’ de conversa informal. Para proceder ao levantamento de sons, os primeiros 5 minutos da conversa foram desprezados, realizou-se a transcrição fonética dos 15 minutos seguintes. Sendo assim os informantes para português são:

R- 88 a, aposentado (no Uruguai e Brasil), trabalhou no exército (brasileiro) e em curtumes e matadouros no Uruguai e Brasil. Estudou no exército, só até o “terceiro livro”. Atualmente mora com uma neta em Rivera. Outros filhos e netos são brasileiros e moram no Brasil;

D- 52a, mecânico. Mora em Rivera, mas trabalha em Sant’ana.

Os informantes falantes de espanhol são:

---

<sup>9</sup> DPU segundo Barrios, Behares e Elizaincín (1987), dialectos portugueses del Uruguay (para mais detalhes ver capítulo 2).

N- 10a, estuda na quinta série no Uruguai. Pertence à classe média alta<sup>10</sup>;

O- 14 a, faz a entrega de uma mercearia num bairro de Rivera. Está fazendo o primeiro ano do *liceo* (ensino médio), está dois anos atrasado nos estudos;

Y- 40 a, atendente de loja de frente a *línea*. Não tem parentes brasileiros e nunca morou fora. Aprendeu português como L1, língua que falou até os dez anos quando começou o ensino formal e foi PROIBIDA de usá-la em casa e castigada se surpreendida falando-a com amiguinhos. Hoje fala somente espanhol com a família, as filhas são monolíngües em espanhol;

P- 17a, filha de Y. Estuda quinto ano do *liceo* (3º ano do Ensino Médio) em Rivera;

F- 20 a, vendedor ambulante (camelô) na *línea*. Não terminou os estudos, fez até o 2º ano do Ensino Médio (*liceo*). Morou dois anos no Chuí (outra cidade de fronteira). Não tem parentes brasileiros.

---

<sup>10</sup> O caso deste informante mereceria por si só um estudo especial. O menino é filho de uruguaios da classe média-alta que falam espanhol altamente padrão, contudo N fala uma variedade de espanhol que em nada se distingue do espanhol usado por falantes das classes baixa/trabalhadora.

## CAPITULO II

---

### REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo apresentará uma breve resenha de alguns dos trabalhos já publicados sobre a situação lingüística na fronteira do Brasil com o Uruguai. Cabe lembrar que estes não são os únicos autores que estudaram a região e nem são estes os únicos trabalhos que eles realizaram. Escolheram-se os trabalhos mais relevantes, em especial aqueles que pelo enfoque do estudo realizado se aproximam mais da tentativa de descrição fonológica que se pretende realizar no âmbito deste trabalho.

Discorrer-se-á também sobre alguns elementos fonológicos constitutivos da variedade de português denominada caipira, visto que essa caracterização revelou-se de interesse para o presente estudo.

#### **2.1 Fronteiriços e *Dialectos Portugueses del Uruguay* (DPUs)**

Vários foram os estudiosos que investigaram o fenômeno do contato entre o espanhol e o português na fronteira do Brasil com o Uruguai. A seguir serão apresentados os trabalhos em ordem cronológica começando por Rona (1963, 1965a); Hensey (1972); Elizaincín, Barrios e Behares (1987), Elizaincín (1992), Behares (2001) e Carvalho (2003a, 2003b, 2005, 2006).

##### 2.1.1 Rona (1963, 1965a)

Um dos primeiros lingüistas a estudar a fronteira norte do Uruguai é Jose Pedro Rona que estuda, no âmbito da dialetologia, primeiramente a influência lexical do português sobre o espanhol do Uruguai (1963), e depois, as características fonológicas do dialeto que ele denomina *fronteiriço* (1965a). O primeiro trabalho refere-se à influência lexical do português sobre o espanhol no Uruguai. Sendo assim, o autor destaca que não há uma linha divisória entre os falares dos dois países e que existe uma variação dialetal que

indicaria que em algum momento poderia ter existido uma única língua, mas lembra que historicamente não foi o que aconteceu.

Segundo Rona, os eventos históricos de que resulta essa situação são três. Em primeiro lugar, o autor lembra que houve, no início, colonização espanhola no RS e Uruguai (a retirada começa em 1733 e termina em 1851). Em segundo lugar, cita que entre 1816 e 1825 o Uruguai foi ocupado sucessivamente por Portugal e depois pelo Brasil. Em terceiro lugar, faz alusão ao estabelecimento de cidadãos brasileiros no território uruguaio e vice-versa, desde a época colonial até a data da sua pesquisa. Outro fator importante, de acordo com ele, é que a região norte do Uruguai e o sul do RS, até pouco tempo antes do estudo por ele realizado, constituíam uma unidade cultural e econômica em decorrência da má comunicação com Porto Alegre e Montevideú.

Do ponto de vista lingüístico, Rona (1963) identifica três áreas fronteiriças com características distintas dentro do território de Uruguai. O Chuí, onde há pouca influência do português; Cerro Largo e Rivera, onde a influência é intensíssima; e Artigas, onde, segundo ele, a influência é mais profunda. O autor distingue, também, quatro áreas, onde a penetração do português é diferente, com as seguintes características: na primeira área, fala-se português, mesmo quando a população sabe também espanhol; na segunda área fala-se um “*dialecto fronterizo*” de base portuguesa. Segundo Rona este dialeto é muitas vezes ininteligível para falantes de espanhol ou português. Em uma terceira área, fala-se espanhol com portuguesismos, principalmente no léxico, no entanto a fonética é espanhola. Em último lugar, distingue uma área onde se fala espanhol, mas há portuguesismos isolados. Pode-se visualizar as quatro áreas no mapa que segue. Nesse mapa a área mais escura representa a região fronteiriça, onde, segundo Rona, se fala português; a área mais clara mostra a parte do país onde se fala somente espanhol. Entre essas duas áreas encontra-se a área onde se fala fronteiriço (cinza mais escuro) e a área onde se fala espanhol com influência lexical do português.

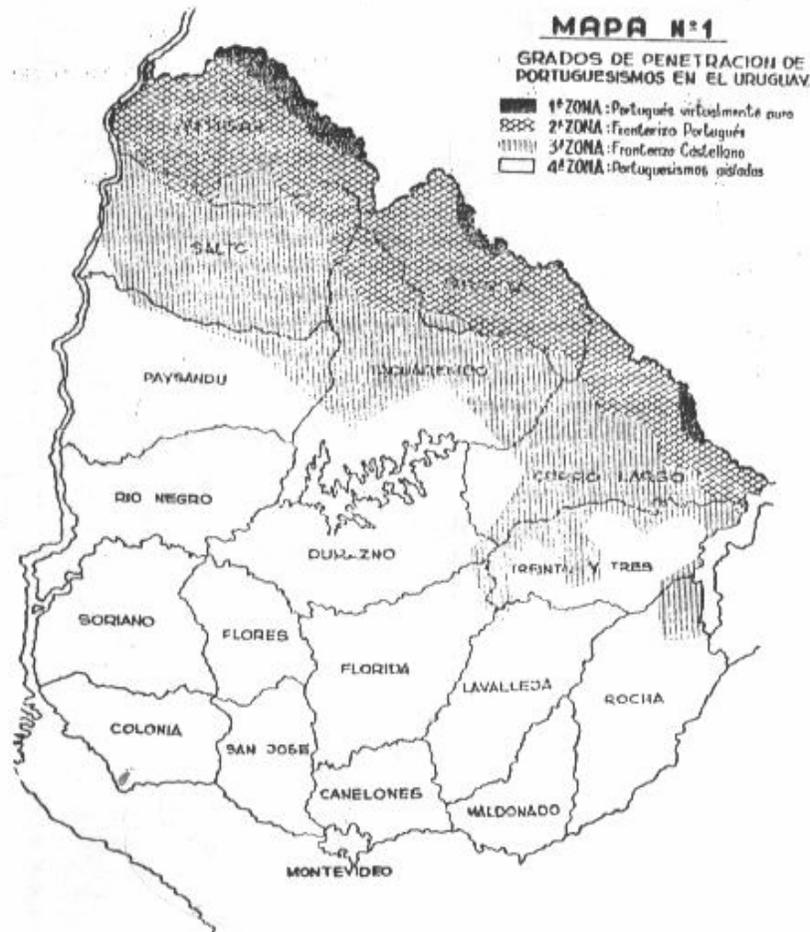


Fig II.1: Mapa com as regiões dialetais discriminadas por Rona (1963, 21).

Em um estudo posterior, Rona (1965a) começa comparando a área de abrangência da influência do português (representada pela Fig.II.1) com dados sobre o número de brasileiros residentes no Uruguai no ano de 1861 – dados que ele toma de um projeto de colonização do Uruguai de 1862. Sendo assim, o autor elabora outro mapa em que mostra a área onde os brasileiros estavam fixados. Esse mapa, reproduzido a seguir como Fig. II.2, deixa em evidência que a população do norte do Uruguai era de origem brasileira/portuguesa e não hispânica.

Em decorrência disso, Rona (1965a) conclui que:

- “la verdadera frontera lingüística entre el español y el portugués se encuentra, en el Uruguay” (p. 8). Sendo assim essa fronteira coincidiria com o limite entre a segunda e a terceira dialetal do mapa da Fig. II.1;
- “la base étnica y, en consecuencia, lingüística de toda esta zona [norte do Uruguay] es portuguesa, no española” (p. 8);
- “no se trata de una influencia del portugués sobre el castellano ..., sino, al revés, de la influencia del castellano sobre una base portuguesa” (p. 8).

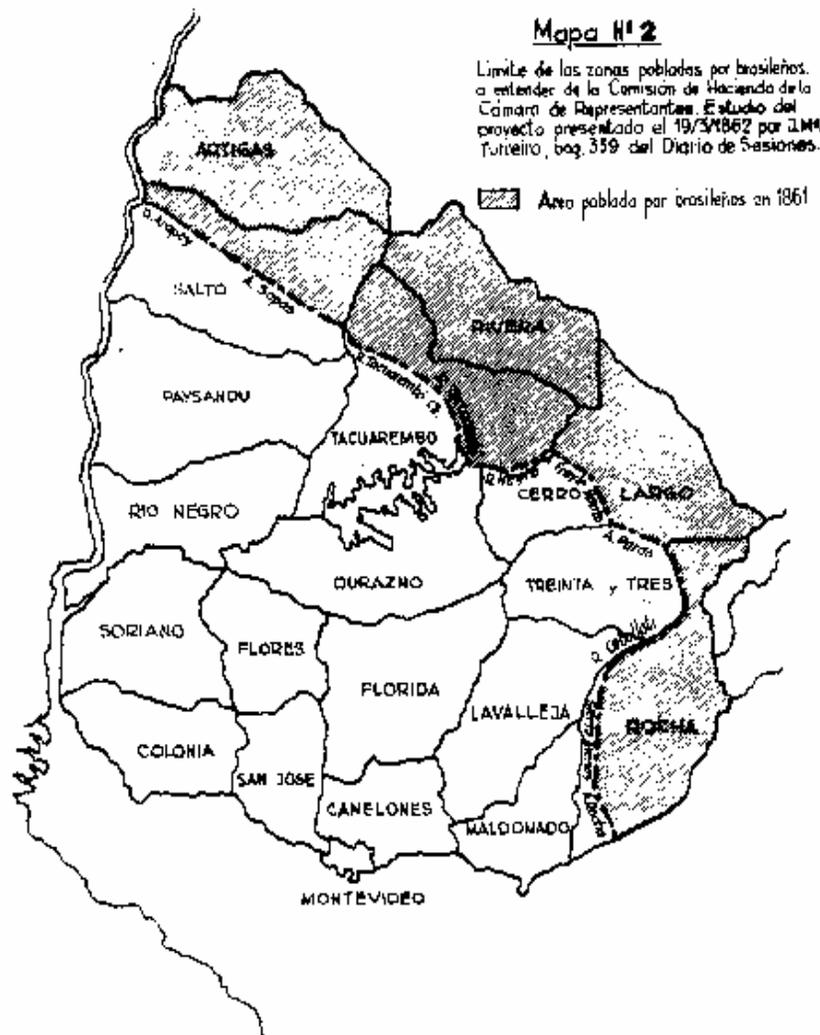


Fig. II.2: Área de população brasileira em 1861. (Rona, 1965a: 10)

Já do ponto de vista lingüístico, Rona (1965a) pretende apresentar uma primeira tentativa de análise fonética e fonémica dos dialetos fronteiriços falados no norte do Uruguai.

Segundo o autor há três tipos de falantes: falantes de português ou espanhol, falantes bilíngües, e finalmente, falantes do dialeto misto ou fronteiriço. Rona afirma que há quatro variedades desse dialeto, sendo que a área que aqui nos ocupa pertence à variedade denominada tacuareboense. Para essa variedade Rona propõe o seguinte quadro de consoantes (Rona 1965a: 37).<sup>1</sup>

	Labiais	Dento-alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	p	t		k
Fric. Lenas	β	ð		ɣ
Fric. Tensas	f	s	š	χ
Nasais	m	n	ñ	
Vibrantes		r		ř
Laterais		l		

Quadro II.1: Consoantes da variedade tacuareboense segundo Rona.

No que diz respeito às vogais orais, nesta variedade, serão, segundo Rona, as mesmas do português. O autor ressalta que quanto às vogais nasais não é possível aplicar a análise de Mattoso Câmara para o português brasileiro, pois no dialeto fronteiriço as vogais nasais são fonemas.

Os trabalhos pioneiros de Rona são até hoje de grande ajuda a quem pretende realizar um estudo descritivo dos dialetos falados na região fronteiriça. Apesar disso cabe lembrar que os estudos fonológicos estavam no início na época em que Rona realiza seus estudos e que muitos dos dados foram coletados por meio de questionários escritos.

Quanto à classificação lingüística das variedades usadas no norte do Uruguai é interessante notar que Rona denomina fronteiriços a uma variedade de língua que segundo

<sup>1</sup> Esse quadro foi copiado sem alterações, usando os mesmos símbolos que Rona usa no seu quadro.

ele não corresponde nem a português nem a espanhol, mas a uma “mescla” de ambas as línguas.

### 2.1.2 O estudo de Frederik Hensey (1972)

A tese de doutorado de Hensey é o primeiro estudo realizado no âmbito da sociolinguística, além de ser o único que trata quase que unicamente das cidades de Rivera e San'tana do Livramento. Também é o único trabalho que aborda o fenômeno dos dois lados da fronteira, já que os estudos anteriores e posteriores se restringiram ao território uruguaio.

*The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border* é publicado em 1972, e de acordo com o autor, na época não havia bibliografia sobre a influência do espanhol sobre o português no RS, mesmo quando havia vários estudos sobre a influência do português sobre o espanhol. Este fato levou Hensey a concluir que o Uruguai tinha recebido maior impacto lingüístico.

Para seu estudo, Hensey propõe estudar a situação em Quaraí/Artigas, Livramento/Rivera, Acegua/Aceguá, Jaguarão/Rio Branco e Chui/Chuy, cidades que ele chama de gêmeas (sendo a primeira de cada par brasileira e a segunda uruguaia). Naquela época a população de L/R era de 40.000 habitantes em cada uma das cidades. O trabalho do lingüista se centra na interferência na fonologia segmental, léxico e alguns pontos gramaticais do português falado por uruguaio bilíngües.

A realidade das cidades na época era bem diferente da de hoje. Em primeiro lugar, a população de ambas as cidades duplicou nesses mais de 30 anos. Já quanto à situação das cidades verifica-se que houve um declínio da atividade econômica. Livramento contava com uma cervejaria, um frigorífico e um lanifício; todos hoje fechados há algum tempo. Rivera tinha hotéis, restaurantes, cassino; todos existentes hoje em dia, mas sem as glórias do passado.

Em seu estudo Hensey constata que é duas vezes mais comum achar uruguaio que falem português do que ao contrário. O bilingüismo também é mais comum entre uruguaio do que entre brasileiros e há uma correlação entre o aumento do bilingüismo e o nível social. Segundo Hensey, a geração mais velha de uruguaio é monolíngüe em português,

porém, as crianças são bilíngües. Ele comprova que o uso do espanhol não aumentou em Livramento, mas o uso do português aumentou em Rivera e que as crianças se tornam bilíngües na infância no Uruguai, e na adolescência no Brasil. Verifica também que nenhum dos brasileiros entrevistados fala espanhol com pai e mãe, com outros amigos brasileiros ou com amigos de ambas nacionalidades. Desta forma, os brasileiros somente usam espanhol para falar com amigos uruguaios. Por outro lado, 40% dos uruguaios preferem português em casa.

A hipótese de Hensey é a de que, para os uruguaios bilíngües, espanhol é L1 e português é a língua que recebe interferência. Desta forma, a tarefa é a de comprovar até onde essa interferência pode ser medida. Para isso ele divide os entrevistados em quatro grupos diferentes: o grupo I consiste de seis pessoas que nunca tiveram contato com espanhol ou com a fronteira, o grupo II é formado por seis residentes de L falantes de português; o grupo III consiste de seis residentes bilíngües de Rivera, e finalmente o grupo IV conta com três residentes de R que foram entrevistados em espanhol (dois dos quais já tinham sido entrevistados para o grupo III).

O autor conclui que o dialeto falado em Rivera é um dialeto do português que tem diferenças fonológicas do português e do espanhol. Ele questiona a sobrevivência do fronteiriço como única língua dos falantes, pois a educação formal vem aumentando, e isso contribui para a formação de falantes bilíngües. Hensey preconiza que, a menos que os uruguaios adquiram um português padrão, continuará havendo interferência do tipo fronteiriço e poderá se formar uma variedade de português uruguaia. Mesmo sendo assim, ele aponta para o fato de que o português falado por riverenses é considerado “errado” por brasileiros, e visto como inadequado pelos próprios riverenses.

Desta forma, o lingüista recomenda que se ensinem as duas línguas em ambos lados da fronteira, em especial no Uruguai. Finalmente, considera que o problema poderá tornar-se mais grave com a subida das famílias de trabalhadores a classes sociais mais altas. Isto poderá expandir o bilingüismo e o uso do espanhol não padrão.

O trabalho de Hensey interessa principalmente pelos resultados da pesquisa sociolingüística. Os resultados da análise da variedade de português falada por riverenses não oferece dados importantes, pois o objeto de estudo foram falantes bilíngües. Ou seja, na

realidade estava-se estudando a aquisição de uma segunda língua e não elementos característicos de uma língua materna resultados do contato português-espanhol.

### 2.1.3 Elizaincín, Barrios e Behares (1987)

Anos mais tarde o lingüista uruguaio, Adolfo Elizaincín, junto com outros colegas, propõe-se, também, estudar o fenômeno do avanço do português no norte do Uruguai. No estudo, realizado em 1987, os autores assinalam a existência do que eles chamam de DPU, “dialetos portugueses do Uruguai”, e concentram o estudo nos aspetos morfológicos e sintáticos desses dialetos, em especial na “variação e simplificação de certas estruturas”. Não apresentam um estudo sobre fonologia, pois entendem que os trabalhos de Hensey (1972) e Rona (1965) abordam o assunto de forma completa. Não estudam o léxico visto que acreditam que o tamanho do corpus não justifica esse tipo de estudo. Abordam, principalmente a variabilidade e a simplificação de algumas estruturas. Nesse estudo eles destacam que a situação é muito variável e tomam como hipótese inicial que se trata de formas mistas de base portuguesa que têm uma forte influência espanhola.

O trabalho de Elizaincín, Barrios e Behares é desenvolvido sob a ótica da sociolingüística variacionista. De acordo com os autores, os DPUs evidenciam grande **variabilidade**, termo que se refere à situação de contato entre duas ou mais línguas (preferem usar variação para os casos de alternância no uso da língua padrão). Distinguem assim dois tipos de variabilidade: variabilidade interna, que é conseqüência da instabilidade própria da gramática dos DPU; e variabilidade externa, que se refere à distribuição diatópica da variabilidade interna de formas e estruturas.

Os lingüistas trabalham, igualmente, com o arcabouço teórico dos estudos de pidgins, crioulos e dialetos bilíngües. Neste caso, usam a definição de dialeto bilíngüe dada por E. Haugen, como sendo “um sistema intermediário que surge como conseqüência de uma situação de contato” (Elizaincín, Barrios e Behares, 1987:20). Admitem que, embora uma situação de contato favoreça a pidgnização, esse processo não é obrigatório. Por outro lado, os autores acham que não seria adequado classificar os DPUs como crioulos, pois estes ainda são muito instáveis para serem considerados línguas. Assim sendo, são categóricos ao afirmar que é muito difícil classificar esses dialetos, mas os considerariam pré-pidgins: nos DPU há grande variabilidade, não há homogeneidade, mas há

compreensão por falantes tanto do espanhol como do português. Para essa classificação os autores utilizam somente o critério estrutural, uma vez que afirmam que “muitos falantes de DPU somente conhecem essa forma de falar, sendo estranho para eles tanto o português como o espanhol” (Elizaincín, Barrios e Behares, 1987:27).

O corpus, usado por eles, foi coletado entre agosto e outubro de 1979 e março de 1980 em 12 localidades da fronteira com Brasil. Realizaram 132 gravações de 20’-25’ de duração e uma pesquisa escrita com estudantes. As entrevistas foram em DPU. Em Rivera foram entrevistadas 21 pessoas. A maioria dos entrevistados era semi-analfabeta e muitos somente falavam DPU.

Do ponto de vista fonológico ressaltam que as vogais [ɔ] e [ɛ] não existem em E nos mesmos casos que existem em P. Apontam também que as consoantes apresentam algumas particularidades, como no caso de [b] que alterna com [v] em muitas circunstâncias, e que há palatalização das dentais [t] e [d], porém a velarização da vibrante múltipla não é comum em DPU.

Quanto a este trabalho é interessante dizer que a caracterização dos DPUs como pré-pidgins pareceria não ser a mais indicada por dois motivos: a sua estrutura não corresponde àquela evidenciada em pidgins, além disso, a própria definição de pidgin não condiz com o uso real desta variedade. Quanto ao primeiro motivo, isto é, a estrutura de pidgins Hocks (1991: 512) afirma que um pidgin se caracteriza por “a radical simplification of linguistics structure and radical reduction of vocabulary...the lexicon of pidgins tends to be limited to 1000 to 2000 words”, o que não se aplica aos DPUs. Além disso, para o segundo motivo temos que, de acordo com Thomasom & Kaufmam (1988: 149-150), pidgin é uma língua simplificada, usada no contato com falantes de outras línguas, que tem funções restritas e não é a língua nativa de seus falantes. Sendo assim, um pidgin surge da necessidade de comunicação entre falantes de línguas diferentes e mutuamente ininteligíveis, mas, de acordo com os autores, quando um pidgin é aprendido como primeira língua pelas crianças da comunidade, torna-se um crioulo e tem as mesmas características de qualquer outra língua. Se os DPUs são a língua materna de muitos habitantes do norte do Uruguai, eles poderiam ser classificados como crioulos, mas não como pidgins.

#### 2.1.4 Elizaincin (1992)

Em 1992, Elizaincin publica *Dialectos en Contacto-Espanol y Portugues en Espana y América*, onde trata da questão do contato entre espanhol e português na fronteira do Brasil com o Uruguai, assim como na fronteira da Espanha com Portugal.

Logo no início, afirma que “el contacto provoca bilingüismo y, en consecuencia, en el habla de los bilíngües, encuentranse características de las dos lenguas” (Elizaincín, 1992: 54). Será, pois, usando esse critério que o autor desenvolverá o estudo. Sendo assim, procede ao levantamento de dados em várias cidades e povoados do Uruguai (Artigas, Rivera, Tranqueras, Vichadero, Minas de Corrales, entre outras). Constata que há uma grande insegurança por parte dos falantes na hora de usar o dialeto, fato que ele atribui a problemas e atitudes de origem social e histórica, e à noção do falante de que usa uma língua diferente e “defeituosa”. Do ponto de vista teórico, Elizaincín distingue dois tipos de comunidades lingüísticas: aquelas em que os falantes têm como referência uma língua já “normatizada”; e aquelas em que a influência de fatores extralingüísticos é muito grande e a instabilidade dos dialetos causa insegurança no uso. O segundo tipo de comunidade corresponderia, segundo o autor, à comunidade falante de DPU no Uruguai. Quanto à descrição dos DPUs, apesar da constatação de uma grande variação de usos, aponta para o possível surgimento de um novo dialeto, cujas características ora tendem ao espanhol, ora ao português.

O autor conclui que os fenômenos de mistura de língua dos dois lados do Atlântico são muito similares, embora não totalmente idênticos. Entre os motivos que propiciam a diferença entre as duas situações, menciona o tempo do contato e o isolamento das áreas. Aponta para o fato de que os falares fronteiriços, por não terem uma língua padrão superordenada como referência, são altamente variáveis.

#### 2.1.5 Behares (2001)

Em 2001, Behares publica um artigo, no âmbito da análise do discurso, que trata principalmente do surgimento do discurso da língua nacional única no Uruguai. Embora o presente trabalho não esteja inserido no domínio da análise do discurso é interessante

mencionar alguns aspectos do artigo de Behares, já que eles esclarecem bastante o panorama histórico que deu origem à atual situação lingüística da região. Em relação a esse fato é apropriado indicar que Behares faz referência à necessidade, relacionada com a independência das nações, de gerar um discurso para constituir o campo das nacionalidades, e ressalta que no Uruguai este discurso foi se constituindo nas últimas três décadas do século XIX. Isto é, surge, segundo o autor, a partir de 1870 o discurso sobre uniformidade cultural, racial, e lingüística no Uruguai. Ignoram-se assim, segundo ele, os distintos falares presentes no país, em especial os da fronteira norte do Uruguai com o Brasil.

As observações de Behares são interessantíssimas já que explicam a necessidade que os habitantes de Rivera sentem de falar espanhol e também esclarecem porque a escola busca “bloquear” o uso do português.

## 2.2 Português do Uruguai

Carvalho (2003a, 2003b, 2005, 2006) tem estudado a situação lingüística na cidade de Rivera e aponta para o fato de que aquilo que Rona chama *fronterizos* e Elizaincín, Barrios e Behares chamam DPUs, são na realidade variedades de português. Isto é, a pesquisadora argumenta, principalmente em Carvalho (2003b), que aquilo que tinha sido tratado como língua mista é uma variedade de português com forte influência lexical do espanhol. Carvalho observa que não há motivos históricos que justifiquem “a necessidade da criação de uma terceira variedade, ou seja, um ambiente multilíngüe onde as línguas fossem mutuamente incompreensíveis, e a criação de um dialeto resultasse da necessidade de comunicar-se e da aprendizagem incompleta do superstrato” (2003b: 133). Sendo assim, Carvalho propõe que o português falado na cidade de Rivera encontra-se no continuum entre o português brasileiro (PB) urbano e o português uruguaio (PU) rural. Um dos principais argumentos para sustentar essa hipótese é que no PU os falantes mais velhos usam [j] em lugar de [ʎ], fenômeno que está relacionado ao português rural. (Carvalho, 2003b: 135-137)

Ainda mais, em um detalhado estudo sociolingüístico sobre o uso do português e do espanhol em duas cidades uruguaias da fronteira Brasil-Uruguai, Carvalho (2005)

comprova que há crianças que ao começar o ensino fundamental são monolíngües em português. Nota, também, que os falantes da classe média são aqueles que preferem o espanhol. (Carvalho (2006a, 2006b, 2005, 2004, 2003a, 2003b) apresenta um panorama abrangente do ponto de vista sociolingüístico).

A proposta de Carvalho é a que parece explicar melhor a situação lingüística dos dialetos falados nessa região fronteira. Como foi dito anteriormente, não cabe denominar esses dialetos de pidgins, pois a estrutura lingüística e o uso deles não permite essa afirmativa, ao mesmo tempo, a história do lugar e as pesquisas de Rona (1963,1965) e Hensey (1972) apontam para o fato de que o espanhol é de uso recente nessas comunidades fronteiriças. Pelos motivos expostos, a sugestão de Carvalho (2003b) quanto ao português uruguaio será a adotada neste trabalho. Nesses termos, português rural será considerado sinônimo de português caipira e português rural gaúcho.

A respeito do português caipira ou português rural devemos dizer que Amaral (1920) faz algumas considerações muito importantes sobre a fonética/fonologia do português caipira. Em primeiro lugar, nota que as vogais no falar caipira duram o dobro do que no falar comum, sendo assim as vogais curtas terão dois tempos e as vogais longas quatro tempos. Observa que o som palatal [ʎ] não existe no dialeto e que [b] e [v] são alofones que estão em variação livre. Quanto às líquidas o autor aponta que o *r* inter e pós-vocálico tem uma pronúncia que “assemelha-se bastante ao *r* inglês post vocálico” (Amaral, 1920:21); o [l] em final de sílaba muda para [r] e o [r] cai quando em final de palavra. Além disso afirma que os paulistas – região onde ele estuda o português caipira – mantiveram “intensas relações de comércio sobretudo de comércio de animais, sendo freqüentíssimas as viagens de tropeiros de uma para outra província” (Amaral, 1920: 43)

Por outro lado, Chaves de Melo (1971), diz que “a nossa língua popular, falando-se de um modo geral, é substancialmente o português arcaico, deformado, ou se quiserem, transformado em certo aspecto da morfologia e em alguns da fonética pela atuação dos índios e dos negros” (Chaves de Melo, 1971: 91). De fato, alguns autores modernos têm mostrado que o português caipira é uma variedade moderna do português arcaico.

Quanto às líquidas o autor diz que houve a semivocalização de *-r* e *-l* fechando sílaba, por isso, há ocorrências de palavras como “*caine, baiba, Baibino, coigo*”, mas

acrescenta que “...esse fato é quase sempre esporádico, atingindo algumas palavras e deixando intactas inúmeras outras” (Chaves de Melo, 1971: 106).

Pádua (2002), que estuda uma variedade de português rural falada ao norte do estado de Goiás, também relaciona o português caipira ao português arcaico – assim como ao galego antigo e moderno – ao explicar a pronúncia do fonema /ʎ/ como [j]. Sendo assim, a autora afirma que “a variante palatal [j] do fonema palatal /ʎ/ pode ser considerada uma pronúncia historicamente natural para o ambiente fonológico” (Pádua, 2002: 98).

Finalmente quanto ao dialeto caipira da região de Piracicaba, Rodrigues (1974) reafirma o que Amaral já tinha falado sobre a variação livre de [b] e [v]. Acrescenta também que /t/ e /d/ se realizam como [tʰ] e [dʰ], oclusivas pós-alveolares, seguidas de /i/ e que /t͡ʃ/ /d͡ʒ/ é realizado “como único som, africado, ápico-alveolar, assibilado” (Rodrigues, 1974:163). Para essas realizações cita ocorrências como [kwaʃro] e [maʃrugada].

Este capítulo visa explicar porque não se apresenta, no âmbito deste trabalho, uma descrição fonológica do chamado “portunhol”. Para isso, se fará referência à análise fonológica dos dialetos da região, e mencionar-se-ão as definições de pidgin e interlíngua dadas por alguns especialistas dessas áreas.

### **3.1 O “portunhol”**

Os habitantes da região de fronteira geralmente de forma intuitiva dizem que na região se falam três línguas, a saber, espanhol, português e “portunhol”. Contudo, após uma observação mais detalhada verificou-se que sob a denominação de “portunhol” os habitantes da cidade estão colocando falares diferentes. Isto é, tudo aquilo que é distinto do português ou do espanhol “padrão” é chamado de “portunhol”. Sendo assim, variedades estruturalmente dessemelhantes recebem a mesma denominação. Desta maneira, as variedades não-padrão de português e espanhol, assim como o registro simplificado das duas línguas – que é usado no momento do contato – tudo é denominado “portunhol”. Em resumo o “portunhol” não corresponde a uma unidade lingüística, mas a um conjunto de variedades que têm em comum a não identificação com uma língua padrão.

Após considerar os resultados da análise fonológica das línguas em uso nas cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera, podemos afirmar que não há uma língua mista, mas variedades dialetais do português e do espanhol que diferem dos respectivos padrões. Do lado brasileiro fala-se unicamente português num dialeto que difere pouco do português falado em qualquer outra parte do RS. No entanto, em Rivera a situação é muito desigual; há falantes de duas línguas maternas (português e espanhol) e os dialetos dessas línguas, em alguns casos, são muito distantes dos padrões gaúcho e montevidiano respectivamente. Por isso, nessa cidade há falantes de português padrão e não-padrão e de espanhol padrão e não-padrão. Verifica-se, ao mesmo tempo, que a situação lingüística está determinada por fatores sociais, já que a variedade dialetal é condicionada pela classe social a que o indivíduo pertence.

O levantamento de dados feito com a ajuda dos questionários mostrou que os falantes riverenses de português (variedade não-padrão) são, geralmente, das classes trabalhadora e baixa e, em muitos casos, aprendem espanhol somente ao ingressar na educação formal. Esses falantes têm vergonha da língua que usam e não hesitam em considerá-la “errada”. Por outro lado, falantes de espanhol não-padrão são extremamente inseguros quanto à língua que utilizam, por considerá-la uma mistura de português e espanhol. Observou-se que esses falantes são, na maioria, descendentes de falantes de português como língua materna. Como é de se esperar, os falantes de espanhol na variedade padrão, normalmente das classes média e alta, mostram-se contrários ao uso do português. Além disso, consideram o espanhol não-padrão, usado por outros membros da comunidade, como sendo “portunhol”.

Considerando os resultados das entrevistas e da análise fonológica, pode-se afirmar que não há falantes de língua mista com o L1; entretanto, verificou-se que em determinados casos de interação interlingüística usa-se **sim** uma mistura de português e espanhol. No entanto, o uso dessa mistura lingüística, principalmente lexical, acontece **só** no caso da interação de falantes monolíngües de português com falantes monolíngües de espanhol, ou o inverso.

Observa-se que, por ser esta uma área fronteiriça onde convivem as duas línguas, mesmo os falantes monolíngües de uma e outra língua têm um conhecimento passivo da língua vizinha. Desta forma, em caso de necessidade de interação com falantes da outra língua, os falantes usam esse conhecimento passivo para se fazer compreender pelo outro falante monolíngüe. De tal modo, não se trata de uma situação permanente, mas de um uso esporádico e com características de mistura lexical, que, em último caso, poderia ser caracterizada como um pidgin.

Lembremos que, para Hocks (1991), um pidgin é caracterizado por uma simplificação na estrutura e por uma redução no vocabulário a um léxico de aproximadamente 2000 palavras. Além disso, o autor menciona que em um pidgin não há flexão de presente ou passado e que os verbos de ligação não são usados.

Ao respeito do assunto, Carvalho (2003b, 132) assegura que “o português de Rivera ... não revela nenhum tipo de simplificação que seja exclusiva do português uruguaio e que não seja também detectada em outras variedades de português brasileiro coloquial.” Ao

mesmo tempo, como já foi mencionado no Capítulo II, Carvalho argumenta que a situação sócio-histórica não sustenta a hipótese de gênese lingüística.

Em outro trabalho, Carvalho (2006b, 23) afirma que “a percepção do português uruguaio como uma mistura do espanhol e português é como todas as percepções lingüísticas, mais ideológica [do] que científica” e acrescenta que em sua pesquisa não achou ninguém que não conseguisse distinguir uma língua da outra (Carvalho: 2003b, 131). Por esse motivo, a autora argumenta que não há causas estruturais que justifiquem a afirmativa de que o português uruguaio é uma língua diferente (Carvalho: 2006b, 25).

Poder-se-ia argumentar que o chamado “oportunhol” é uma interlíngua. Sendo assim, é interessante notar que Hocks (1991) liga o fenômeno da interlíngua ao aprendizado de uma segunda língua e diz que esse acontecimento é de curta duração e está limitado ao domínio do falante individual. Entretanto, afirma que nos casos em que a segunda língua serve como língua de contato, pode acontecer que o fenômeno da interlíngua se torne permanente.

Por outro lado, Ellis (1998) lembra que o termo interlíngua foi proposto por Selinker para nomear um sistema usado por aprendizes de L2, que tem por base a L1, mas que estruturalmente difere tanto da L1 como da L2. Assim sendo, a interlíngua de um aprendiz de L2 é um sistema único. Esse termo, no entanto, está ligado à teoria mentalista do aprendizado de línguas e, portanto, ligada ao indivíduo e não à comunidade. A interlíngua estaria, pois, relacionada ao falante individual, como afirma Hocks (1991) e não à comunidade.

Em resumo, a teoria considera interlíngua como sendo o resultado da interferência da L1 na L2 que o falante está aprendendo. Ao mesmo tempo observou-se que se denomina pidgin a uma simplificação lingüística que é usada no momento do contato de duas comunidades que possuem L1 diferentes. Pelos motivos arrolados, observa-se que se trata de falares que não são língua materna, e por isso, não serão contemplados no escopo desta pesquisa. O objeto de estudo aqui são as variedades de espanhol e de português faladas como língua materna pelos habitantes das cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera. O estudo do fenômeno da interlíngua e do pidgin se insere dentro do âmbito de estudo de aquisição de segunda língua.

## **CAPÍTULO IV**

---

### **O ESPANHOL FRONTEIRIÇO**

Neste capítulo discorrer-se-á principalmente sobre a organização fonológica do espanhol de Rivera no que tange às consoantes desse sistema. Dado que este trabalho se enquadra dentro da descrição lingüística e não da caracterização sociolingüística, usar-se-ão os dados de entrevistas realizadas com cinco falantes das classes trabalhadora/baixa para evitar possíveis conflitos oriundos de diferenças sociolingüísticas. Segundo Cagliari (2002: 112), “é impossível fazer uma análise fonológica de uma língua pretendendo incorporar todas as diferenças encontradas nos mais diversos modos de se falar essa língua.” Ainda de acordo com o autor, uma análise que envolva um grande número de falantes pode apresentar contradições internas, dificultar a explicação dos fatos e comprometer a formulação de regras. Por esse motivo, decidiu-se trabalhar com um grupo de informantes bastante restrito, a saber, pessoas pouco ou não escolarizadas da classe trabalhadora/baixa.

De tal modo, em um primeiro momento serão apresentadas as tabelas de sons encontrados nas transcrições e a seguir serão oferecidas listas de ocorrências para cada som. Em seguida, será apresentada a tabela fonológica para o espanhol de Rivera. Na última seção, apresentar-se-ão alguns exemplos de espectrogramas de palavras e frases que auxiliaram na análise.

#### **4.1 O espanhol padrão**

Já que o objetivo deste capítulo é descrever as características mais marcantes do sistema consonantal da variedade de espanhol falada em Rivera e apontar as características que o distinguem do espanhol falado na capital seria conveniente contar com uma descrição do espanhol padrão do Uruguai para poder realizar uma comparação sistemática com a variedade usada em Rivera. Estamos, porquanto, considerando que o espanhol padrão neste caso se refere ao espanhol falado na capital do Uruguai por pessoas da classe alta. No entanto, verificou-se que não existem trabalhos com essas características. Por outro lado, dado que a proposta é descrever o espanhol falado em Rivera e não o espanhol padrão do Uruguai, não há possibilidade de realizar uma descrição exaustiva dessa última variedade de espanhol no âmbito deste trabalho. Sendo assim, decidiu-se recorrer aos trabalhos de Alarcos Llorach (1954), Quilis (1988) e

d’Introno, del Teso e Weston (1995), que tratam principalmente do espanhol falado na Espanha ou espanhol peninsular, como é denominado em grande parte da bibliografia especializada – que é representado pela sigla EP neste trabalho – e aos quadros fonológicos para o espanhol do Uruguai (doravante EU), que Rona (1965) apresenta em seu estudo sobre a mescla lingüística na fronteira Brasil-Uruguai. Na medida em que se considere necessário recorrer-se-á às observações que o próprio Rona (1965) faz no seu trabalho sobre a variedade de espanhol usada na capital. Usar-se-á, também, o corpus constituído por gravações realizadas com 4 informantes residentes em Montevideú. Espera-se que esse método de trabalho permita depreender as diferenças mais notáveis entre as duas variedades de espanhol.

#### **4.2 O espanhol riverense**

Mesmo quando não é objetivo do estudo tecer considerações de cunho variacionista, é interessante situar a variedade que será enfocada no contexto dos resultados da pequena pesquisa realizada no começo do trabalho de campo e apresentada no capítulo I. De acordo com os resultados observados, nota-se que os membros do grupo Z usam uma variedade muito parecida com o falar dos montevideanos, e geralmente não querem ou não sabem falar português (embora entendam o idioma perfeitamente). Já a grande maioria dos membros do grupo X é bilíngüe (falam português e espanhol). Mesmo no grupo X há falantes monolíngües, mas aqueles que falam somente espanhol usam um espanhol bastante diferente do espanhol montevideano e aqueles que falam somente português falam um português que não é bem aceito por falantes santanenses<sup>1</sup>.

A descrição do espanhol usado em Rivera é realizada com base na transcrição fonética das entrevistas gravadas com cinco falantes riverenses caracterizados no capítulo I. Recorreu-se os programas CECIL e SPEECH ANALISER para esclarecer eventuais dúvidas quanto às características dos sons.

---

<sup>1</sup> Para uma visão sociolingüística da situação do lado uruguaio da fronteira, consultar Carvalho (2006a, 2006b, 2005, 2004, 2003a, 2003b), que trata o assunto de forma muito clara e abrangente.

4.2.1 Consoantes

Como estamos considerando que na área analisada há duas línguas em contato, português (na variedade gaúcha, doravante PG) e espanhol (do Uruguai), serão considerados os quadros fonológicos de ambas línguas. Por esse motivo, nesta seção serão consultados os quadros fonológicos para o espanhol propostos por Rona (1965) e Alarcos Llorach (1954). Deve-se ressaltar, entretanto, que o quadro apresentado por Rona (1965) leva em consideração as características articulatórias, enquanto o quadro de Alarcos Llorach (1954) distribui os fonemas de acordo com propriedades acústicas. De qualquer forma, os esclarecimentos que Rona acrescenta a seu quadro, assim como a descrição fonética de cada fonema foram suficientes para poder traçar um paralelo entre os ambos quadros. Sendo assim, toma-se como ponto de partida o quadro fonológico para o EU proposto por Rona (1965), reproduzido sem alterações a seguir.

Labiais		Dento-alveolares		Palatais		Velares	
	p		t				k
b		d				g	
	f	s		ž			χ
m		n		č			
		r, ĩ		ň			
		l					

Quadro IV.1 : Inventário de consoantes do EU segundo Rona (1965: 19).

É interessante notar que nesse quadro Rona representa os sons oclusivos e fricativos usando um sistema triangular para estabelecer um paralelismo com a proposta que Alarcos Llorach (1954) faz para o EP (quadro IV.4). O quadro proposto por Rona (1965), que leva em conta as características articulatórias dos fonemas, será adaptado à nomenclatura e classificação do IPA (quadro IV.3). O ajuste considerará as explicações que o próprio Rona acrescenta ao quadro. Sendo assim, o que ele transcreveu como /č/ será /tʃ/, /r/ será /r/, /ĩ/ será /ɾ/, /ň/ será /ɲ/ e /χ/ será transcrito como /x/. Dado que Rona não caracteriza cada um dos sons usados e que não indica se está usando o IPA, o

alfabeto fonético proposto por Pike ou qualquer outro alfabeto fonético, é impossível dizer se o autor considerou /χ/ como sendo um som velar ou uvular. Atualmente, na classificação do IPA este símbolo corresponde a um som uvular surdo. Cabe ressaltar que /χ/ é usado por d’Introno, del Teso e Weston (1995) para representar a fricativa velar surda. De qualquer forma, como neste trabalho pretende-se ser sistemático no uso do IPA, decidiu-se usar o símbolo /x/ para representar a fricativa velar surda, a fim de evitar uma possível confusão com a fricativa uvular surda /χ/.

Há ainda que considerar a questão do fonema /ʒ/, já que segundo o autor esse fonema é indiferente à correlação de sonoridade e pode-se realizar como [ʒ] ou [j]. Um estudo sociolingüístico, realizado anos mais tarde por Barrios (2002), confirma que a variante mais freqüente é [ʒ], com 67% das ocorrências. Não obstante esse resultado, a autora admite que se trata de uma mudança em curso, e que provavelmente em pouco tempo a variante surda [j] substituirá a sonora [ʒ]. De acordo com as considerações de Rona sobre a correlação de sonoridade para o fonema /ʒ/ e com os dados do trabalho de Barrios, pode-se concluir que o EU está sofrendo mudanças fonológicas que implicam a mudança do fonema /ʒ/ para /j/, motivo pelo qual se optou pelo uso do fonema /ʃ/.

Deve-se acrescentar que Fontanella de Weinberg (1992: 184-185) apresenta resultados de um estudo sociolingüístico realizado pela própria autora em 1975 na cidade de Bahia Blanca, na Argentina, que lhe permitem afirmar que há três sistemas de obstruintes palatais que coexistem no espanhol de Buenos Aires. Como resultado do mencionado trabalho, a autora apresenta o seguinte quadro para ilustrar as suas afirmações (o quadro será reproduzido sem alterações).

Sistema 1 (falantes velhos)	Sistema 2 (falantes adultos)	Sistema 3 (falantes jovens)
/č/ [č]	/č/ [č]	/č/ [č]
/š/ [š]	/š/ [š]	/š/ [š]
/ž/ [ž]	/ž/ [š] [ž]	/š/ [š] [ž]

Quadro IV.2: Obstruintes palatais do espanhol bonaerense de acordo com Fontanella de Weinberg (1992: 185).

Esses dados se tornam interessantes uma vez que de acordo Rona (1964: 225) o Uruguai e a província de Buenos Aires, na Argentina, pertencem à mesma área dialetal. Sendo assim, verifica-se que está ocorrendo uma mudança fonológica envolvendo os fonemas /ʃ/ e /z/ em outros pontos dentro da mesma região dialetal em que se encontra o Uruguai.

Levando todos esses motivos em conta e usando símbolos que estão de acordo com a nomenclatura do IPA, reformulamos o quadro fonológico de Rona, resultando na representação que segue.

	bilabiais	labiod.	dental	alveolar	alveopa	palatais	velar
Oclusivas	p b		t d		tʃ		k g
Fricativas		f		s		ʃ	x
Nasais	m			n		ɲ	
Trill				r			
Flap				r			
Lateral				l			

Quadro IV.3: Adaptação do inventário de consoantes para o EU de Rona (1965: 19).

Como já foi mencionado, as consoantes do EP organizam-se em grupos de três conforme mostra o quadro de Alarcos Llorach (1954: 144) a seguir.

	graves		agudas								
difusas	m	b	f θ	d n	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">líquidas</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>l</td> <td>r, r̄</td> </tr> <tr> <td>ʎ</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	líquidas		l	r, r̄	ʎ	
líquidas											
l	r, r̄										
ʎ											
			p t								
densas		g	k tʃ	y ɲ							
			x s								

Quadro IV.4: Consoantes do EP segundo Alarcos Llorach (1954: 144).

Lembremos que o quadro apresentado por Llorach (1954) retrata características acústicas e usa símbolos diferentes dos do IPA. Dessa forma, do ponto de vista acústico, o contraste denso/difuso, segundo Llorach (1988: 58), corresponde ao contraste entre sons produzidos com o predomínio da cavidade bucal, e sons produzidos com

predomínio da cavidade faríngea. Por outro lado, de acordo com o autor o contraste grave/agudo distingue os sons articulados com um único ressonante bucal de sons produzidos com um ressonante bucal duplo. O autor acrescenta ainda que o contraste interrupto/contínuo opõe as oclusivas às fricativas, e as vibrantes às laterais. Segundo o lingüista, o contraste fortes/lenes em espanhol é pertinente para as vibrantes.

O quadro acima foi adaptado de forma a centralizar os fonemas surdos. Sendo assim, torna-se mais fácil explicar a fusão dos fonemas *e /ɰ/ e /y/ em /ʒ/* - fenômeno denominado *yeísmo* na literatura especializada –, e a dos fonemas */θ/ e /s/ em /s/* que ocorreu no espanhol de América. Lembramos, além disso, que o fonema */ʒ/* na variedade uruguaia está perdendo a sonoridade e tornando-se */ʃ/*.

	graves		agudas		
	Não líquidas				líquidas
	nasal	não nasal	nasal	não nasal	
Difusas	m	b	p n	t θ	l
Densas		g	x ɲ k	s tʃ	y ʎ

Quadro IV.5: Adaptação do quadro, proposto por Alarcos Ilorach, de fonemas consonânticos.

A evolução dos fonemas agudos pode ser tracejada conforme mostra a seqüência do quadro IV.6.

agudas não nasais	líquidas	agudas não nasais	agudas não nasais
t	l	t	t
d		s	s
θ		d	ʃ
s		tʃ	tʃ
tʃ	y ʎ	ʒ	d
Primeiro momento		Segundo momento	Terceiro momento

Quadro IV.6: Evolução dos sons agudos na variedade de espanhol do Uruguai.

Como pode se observar, num primeiro momento os fonemas surdos /θ/ e /s/ se fundem em /s/, assim como os fonemas sonoros /y/ e /ʎ/ se fundem em /ʒ/. Num segundo momento, observa-se que da fusão dos fonemas surdos /s/ e /θ/ resulta o fonema surdo /s/; enquanto da fusão dos fonemas sonoros /y/ e /ʎ/ resulta o fonema sonoro /ʒ/. Nesse estágio haveria dois fonemas difusos em oposição - /t/ e /d/ - sendo um surdo e outro sonoro, enquanto, por outro lado, entre as densas haveria dois fonemas surdos /s/ e /tʃ/ se opondo a um fonema sonoro /ʒ/. A tendência seria, então, de desfazer a oposição densa/difusa e manter a oposição surdo/sonoro. Sendo assim, num terceiro momento o fonema /ʒ/ se ensurdeceria e passaria a se distinguir de /d/ pela sonoridade. Para essa nova disposição haveria quatro fonemas surdos /t, s, ʃ, tʃ/ que se oporiam a um único fonema sonoro /d/.

Desta maneira pretende-se explicar a tendência, verificada por Rona (1965) e Barrios (2002), para o ensurdecimento do fonema /ʒ/ no espanhol do Uruguai.

Após confrontar os quadros fonológicos propostos por Alarcos Llorach e Rona e considerar os dados do espanhol de Montevideú, procedeu-se à reanálise do quadro de Rona, tendo como resultado o quadro que segue.

	graves		Agudas		
	Não líquidas				líquidas
	Nasal	Não nasal	Nasal	Não nasal	
difusas	m	p b	n	t s	l
densas		x g k	ɲ	d ʃ tʃ	

Quadro IV.7: Reanálise do quadro proposto por Rona com as oposições identificadas por Llorach.

Observa-se, nesse quadro, que no que diz respeito aos fonemas consonânticos agudos pareceria estar acontecendo uma reorganização, conforme já explicitado. De tal forma, a correlação de sonoridade que no EP distinguiu, por um lado /t/ , /d/ e / ð/, e

por outro lado, /s/, /tʃ/ e /y/, assim como o contraste difuso/denso que distinguia o primeiro grupo do segundo, estaria se perdendo na variedade de espanhol falada no Uruguai. Assim sendo, a oposição agora seria entre quatro fonemas surdos e um fonema sonoro, isto é, os fonemas /t/, /s/, /f/, /tʃ/ opor-se-iam ao fonema /d/, conforme detalhado na seqüência do quadro IV.6.

Quanto à realização dos fonemas oclusivos surdos e sonoros no EP, Quilis (1988:190) afirma que /p,t,k/ se realizam sem alterações em posição silábica pré-nuclear. Por outro lado, para /b,d,g/ a situação é diferente, pois estão em distribuição complementar com os fones fricativos [β,ð,ɣ]. Isto é, [b, d, g] ocorrem em posição inicial absoluta e seguindo uma nasal – [d] também ocorre depois de [l] –, enquanto [β, ð, γ] ocorrem em todos os outros ambientes. Dessa forma temos:

- 1- [b,d,g]/ ||\_\_\_\_\_
- 2- [b,d,g]/ N \_\_\_\_\_
- 3- [d]/ L \_\_\_\_\_
- 4- [β,ð,γ]/ nda

Por outro lado, quanto à posição pós-nuclear, no EP, Quilis sustenta que os fonemas se neutralizam e que a realização varia de acordo com a região dialetal. No que o autor denomina fala culta familiar, verifica-se a ocorrência dos sons fricativos sonoros, conforme discriminado a seguir:

$$/-p/ > [\beta] < /-b/$$

$$/-t/ > [\ð] < /-d/$$

$$/-k/ > [\gamma] < /-g/$$

Haveria então, uma convergência de dois fonemas oclusivos para um som fricativo sonoro correspondente a ambos, com o mesmo ponto de articulação dos primeiros.

D’Introno, del Teso e Weston (1995), em estudo mais detalhado sobre a variação na realização dos sons oclusivos pós-nucleares, mostram que na realidade são vários os alofones possíveis para as oclusivas surdas nessa posição silábica. É interessante notar que entre as possibilidades está o alofone [∅], que é o que pareceria corresponder melhor à realidade fonética do EU.

Após considerar o sistema consonantal do espanhol apresentar-se-á o quadro fonológico do português, adaptado do sistema consonantal do português proposto por Mattoso Câmara (1970:50). Observa-se que o sistema consonantal do português distingue fonemas surdos e sonoros para as séries oclusiva e fricativa. Deste modo, as séries oclusiva e fricativa aparecem em pares, sendo um integrante surdo e o outro sonoro, conforme mostra o quadro IV.8. Observa-se que há seis pares de fonemas, três pares oclusivos e três fricativos. Os pares da série oclusiva são fonemas que existem, também, na variedade de espanhol que estamos considerando aqui. Já quanto à série fricativa não há correspondência, pois esta variedade de espanhol não possui os fonemas sonoros da série fricativa.

	bilabiais	Labiod.	alveolar	palatais	velar
oclusivas	p b		t d		k g
fricativas		f v	s z	ʃ ʒ	
nasais	m		n	ɲ	
trill			r		
flap			ɾ		
lateral			l	ʎ	

Quadro IV.8: Consoantes do português adaptado de Mattoso Câmara (1970:50)

Por outro lado, Pontes (1965:9) observa outra característica das consoantes das séries oclusiva e fricativa do português; em posição final de sentença, existe um alofone leno para os fonemas sonoros. Conforme se pode comprovar no quadro IV.9, as oclusivas e fricativas surdas são fortes (ou +tensas) e as sonoras são lenes (ou –tensas). Em sílaba átona seguida de pausa, as consoantes lenes apresentam um alofone surdo segundo Pontes (op. cit); por exemplo, 'casa' em final de enunciado antes de pausa se realizaria como [ 'ka.z̥g̊ ] desde que a vogal da mesma sílaba também tenha ensurdecido.

O quadro abaixo reproduz parcialmente a proposta para as consoantes de Pontes (op.cit) para o PB.

	Labiais	Apicais	Dorsais
Oclusivas fortes	p	t	k
lenes	b	d	g
Fricativas fortes	f	s	ʃ
lenes	v	z	ʒ

Quadro IV.9: Oclusivas e fricativas do português coloquial adaptado de Pontes (1965:9).

Há ainda que considerar a realização fonética de /ɲ/ e /ʎ/, já que Pontes (1965:7) considera que o primeiro é realizado como [ɲ̃] e o segundo como a seqüência [l<sup>j</sup>]. Nos dados referentes ao português falado na fronteira a realização do fonema nasal palatal mostrou variar entre [ɲ̃] e [n<sup>j</sup>].

Após a transcrição fonética das gravações realizadas com os informantes de Rivera, o inventário de sons utilizados nesta variedade de espanhol resultou ser o seguinte.

	Bilabial	Labiod.	Interd.	Alv.	Alveop.	Retrofl.	Palatal	Velar	Glotal
Ocl.	p p <sup>-</sup> b			t t <sup>j</sup> t <sup>-</sup> d d <sup>j</sup>				k k <sup>-</sup> g	
Nasais	m			n ɲ n <sup>-</sup>	ɲ			ŋ	
Afr. Cônc.					tʃ				
Fric. Planas	β	f	ð					x ɣ	h
Cônc.				s	ʃ ʒ ʒ <sup>s</sup>	ʒ ʒ <sup>s</sup>			
Laterais				l		ɭ			
Vib. Simples				r		ɾ			
Múltipla				r					
Semi- vocóide	w	u					j		

Quadro IV.10: Sons consonantais do espanhol de Rivera.

Dos sons apresentados no quadro IV.10 somente alguns aparecem em início de palavra. O quadro a seguir identifica tais sons.

	Bilabial	Labiod.	Interd.	Alv.	Alveop.	Retrofl.	Palatal	Velar
Ocl.	p p <sup>-</sup>			t t <sup>j</sup> t <sup>-</sup> d <sup>j</sup>				k k <sup>-</sup> g
Nasais	m			n				
Afr. Cônc.					tʃ			
Fric. Planas	β	f	ð					x
Cônc.				s	ʃ ʒ ʒ <sup>s</sup>	z		
Laterais				l				
Semi- vocóide	w	v					j	

Quadro IV.11: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra.

O número de sons que aparecem em posição final de sílaba é ainda mais reduzido, conforme mostra o quadro IV.12.

	alveolar	retroflexo
nasais	n	
fricativa	s	
lateral	l	ɭ
vibrante	r r	ɽ

Quadro IV.12: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba.

#### Ocorrência de sons consonânticos

Serão consideradas as transcrições das conversas gravadas com os cinco informantes já mencionados, para listar dados referentes às ocorrências dos sons consonânticos. Observou-se que diferentes informantes do grupo X apresentam sistematicamente pronúncias distintas para a mesma palavra. Isto é, o grupo X pode ser

subdivido em dois grupos, de acordo com a pronúncia de certas palavras, o que implica uma variação condicionada socialmente, mas não foneticamente. Seria interessante verificar o ponto de vista sociolingüístico, mas aparentemente, de acordo com os dados desta pesquisa – que não pretende ser sociolingüística –, o fenômeno estaria relacionado com o grau de instrução do informante. Assim sendo, aqueles que são analfabetos ou cursaram somente as séries iniciais formariam um grupo (X'), enquanto o outro grupo (X'') estaria formado por pessoas com um pouco mais de estudo, provavelmente equivalente ao ensino fundamental. A diferença no que se refere à realização fonética é mínima e apresenta-se somente em alguns sons. Quando necessário serão indicadas as variantes existentes para cada grupo social.

[p]: oclusiva bilabial forte surda<sup>2</sup>

início de palavra absoluto

[plan.'te]	['pe.ro]	[por]	['pa.rɐ]	[po.'ðer]
'plantei'	'pero'	'por'	'para'	'poder'
['pɾes.ðan]	[pa.'ɣa.sjen]			
'emprestam'	'você paga cem'			

início de palavra

[ta.βɐ#pɾon.tu]	[a.se.#po.'ki.t̃u]	[el#pah.'t̃or]	[el#pwen.te]	['ũ <sup>n</sup> .ɐ#per.'so.nɐ]
'tava pronto'	'há pouco'	'o pastor'	'a ponte'	'uma pessoa'
[las#per.'so.na]	[ke#por]	[po.'ðer#pwe]	['pɾes.ðan#pe.'lo:t̃ɐ]	[a.'k̃a#pa.'ɣa.mo]
'as pessoa'	'que por'	'poder posso'	'emprestam pelota'	'aqui pagamos'

meio da palavra

[eh.'po.so]	[ðeh.'pwe]	['gru.pô]	[mĩnh.'pi.rɐ]	[e.'xe <sup>m</sup> .plo]
'esposo'	'depois'	'grupo'	'inspira-me'	'exemplo'
[e <sup>m</sup> .pe.'swa]				
'começou a'				

Observa-se que o som [p] ocorre em posição inicial de palavra e sílaba. Não sendo registrada nenhuma ocorrência de [p] em coda silábico. Desta forma, constata-se que esse som não aparece nessa posição silábica. Sendo assim, esta variedade de

<sup>2</sup> O símbolo # será utilizado para indicar início não absoluto de palavra. | e || serão utilizados para marcar início absoluto de palavra ou final antes de pausa.

espanhol estaria contemplada dentro da proposta de d’Introno, del Teso e Weston, (1995), que sugerem que as oclusivas surdas estão sofrendo um processo de enfraquecimento que pode resultar no desaparecimento desse som em posição de coda. Ao que tudo indica, no caso do [p], esse apagamento já aconteceu no espanhol de Rivera.

[b]: oclusiva bilabial lene sonora

início de palavra

[u <sup>m</sup> #'bra.su]	[u <sup>m</sup> #bo <sup>m</sup> .'be.ru]
'um braço'	'um bombeiro'

meio de palavra

[fiẽ <sup>m</sup> .brɪ]	[u <sup>m</sup> #'õ <sup>m</sup> .bre]	[bo <sup>m</sup> .'be.ru]	[tẽ <sup>m</sup> .'bjen̄]
'fiambre'	'um homem'	'bombeiro'	'também'

Observando as ocorrências do som, tanto em início de palavra como em meio de palavra, pode-se afirmar que o som [b] ocorre somente seguindo um som nasal.

- [b] / N \_\_\_\_

[p̄]: oclusiva bilabial lene surda

De acordo com Llorach (1988: 53), os sons tensos se caracterizam por ter uma maior duração e nitidez. A representação desse som conforme o IPA seria [b], entretanto, somente no caso dos sons oclusivos, por motivos de clareza, optou-se por não seguir o Alfabeto Fonético Internacional, visto que os símbolos usados por Pontes (1965) para os sons oclusivos lenes surdos parecem ser mais ilustrativos. Cabe notar que essa representação será usada somente para sons oclusivos lenes surdos. Para indicar ensurdecimento em final de sentença se usará o símbolo do IPA (̄) debaixo do som, por exemplo [p̄].

início absoluto de palavra

[[p̄-or]

'por'

início de palavra

[no#p̄o.ke] 'não porque'	[si.dr̄#p̄e.r̄u] 'sidra mas'	['maŋ.γ̄e:#p̄l̄ẽn.'te] 'manga plantei'	[si#p̄e.r̄u] 'sim mas'
[ta <sup>m</sup> .bjen.#p̄o.r̄] 'também por'	[doj#p̄la.t̄#p̄v̄] 'dou dinheiro pra'	[lo#p̄es] 'o peixe'	[le#p̄u.sje.r̄on] ['pe.so#p̄a.r̄v̄] 'colocaram nele' 'peso para'

Observa-se que [p̄] em início de palavra não absoluto ocorre sempre em uma posição que deixa esse som entre dois sons sonoros, ou seja, não há ocorrência de [p̄] entre um som sonoro e outro surdo, por exemplo. Esse acontecimento pode estar ligado ao fato de que qualquer som em um ambiente sonoro tende a ser enfraquecido. No caso da oclusiva surda tensa, o enfraquecimento resulta na perda da tensão.

Contrastando ocorrências de [p̄], como ['pe.so#p̄a.r̄v̄] 'dinheiro para' e [ta<sup>m</sup>.bjen.#p̄o.r̄] 'também por'; com ocorrências de [p], como [k̄e#por] 'que por', conclui-se que [p] e [p̄] estão em variação livre. Contudo, constatou-se que o maior número de palavras iniciadas com [p] é de palavras lexicais, enquanto a maioria das palavras iniciadas por [p̄] é gramatical. Observou-se também que quando a palavra não é destacada dentro do enunciado – não há ênfase na palavra – ela poderá ser pronunciada com o som [p̄] e que os falantes do grupo X' tendem a produzir mais [p̄] do que falantes do grupo X''.

meio de palavra

[de.'p̄wes]  
'depois'

Observa-se que as ocorrências de [p̄] estão restritas a uma única palavra, esta com valor gramatical e não lexical. Fato que vem a reforçar a idéia de que palavras gramaticais tendem a ser pronunciadas com [p̄].

Observa-se, do mesmo modo, que as ocorrências de [p̄] parecem estar ligadas à posição intervocálica, ou entre sons sonoros.

Desta forma pode-se concluir que:

- [p] sempre ocorre em posição inicial absoluta para palavras lexicais;
- [p] ~ [p̄] em início e em meio de palavra, ocorrência que parece ser motivada por um ambiente sonoro. Observou-se que há um a tendência a

pronunciar com [p̄] palavras gramaticais e vocábulos não destacados na sentença.

Sendo assim /p/ será escolhido para representar o fonema, e [p̄] será seu alofone. Formula-se portanto a seguinte regra,

- /p/ ~ [p̄]/ So \_\_\_\_ So  
[p]/ nda.

[t]: oclusiva dental forte surda

início de palavra absoluto

[t̄'teŋ.gwi]	[t̄'to.du]	[t̄'ta.ʊe]	[t̄'to.'t̄'al]	[t̄'t̄'a.βa.xe]
'tenho hibiscos'	'todo'	'tava'	'total'	'trabalha'

As ocorrências do som [t] em posição inicial absoluta são poucas, mas aparentemente o som [t] ocorre antes das vogais médias e baixa e antes da vibrante.

início de palavra

[βra.'sil#t̄m.'bjen]	[t̄'teŋ.go : ʃ]	[t̄'teŋ.go#ta <sup>m</sup> .'bjen]	[ðoj#ta.r.'xe.ta]
'Brasil também'	'tenho'	'tenho também'	'dou cartão'

meio de palavra

[βah.'t̄n.te]	[plan.'te]	[flo.'ta : ðu]	[t̄'m̄n.te]
'bastante'	'plantei'	'flutuando'	'menta'
[t̄'p̄'la.t̄e]	[ta.r.'xe.ta]	[p̄'ron.tu]	[le.ʊan.'tarõn ʔ]
'dinheiro'	'cartão'	'pronto'	'levantaram'

O som [t] em meio de palavra parece ocorrer após vogal baixa e vogais médias, após o som [n] e após a fricativa glotal [h].

[t̄<sup>j</sup>]: oclusiva dental palatalizada surda

início de palavra absoluto

[t̄<sup>j</sup>je.ne] 'tem'



Da análise dos dados pode-se concluir que este som somente ocorre antes de ditongo iniciado pela semiconsoante palatal [j].

Uma análise inicial rápida poderia levar a concluir que os sons [t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>] ocorrem antes da vogal anterior alta [i]. Observando com mais atenção verifica-se que há dados que contradizem essa hipótese. Houve ocorrências como [di.'xje.roŋ.ge.] 'disseram que', [ti.'niɐ] 'tinha', [tʃi.ki.'ti.tu] 'pequenino', [l'ði.xo] 'disse' e [la.ti.'ma.ron̄] 'machucaram', que mostram que não é a vogal anterior alta [i] que condiciona o aparecimento dos sons [t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>].

Sendo assim pode-se postular a seguinte regra,

- [oclusiva dental] > [oclusiva dental palatalizada]/ \_\_\_\_\_ [jV]

[t<sup>-</sup>]: oclusiva dental lene surda

início de palavra

[a.'o.rɐ#t<sup>-</sup>ɐ]

'agora da'

[a.ɣi.lɐ#t<sup>-</sup>o.do]

'águia todo'

meio de palavra

[mɐ.t<sup>-</sup>e'ɾja]

'material'

[ɛ̃:.t<sup>-</sup>es]

'antes'

[pwɛ̃:.t<sup>-</sup>e]

'ponte'

[mo.t<sup>-</sup>o]

'moto'

[pɾ̄.es.t<sup>-</sup>an]

'emprestam'

O som [t<sup>-</sup>] é um alofone de /t/ que ocorre antes de vogal. Ao comparar casos como [ɛ̃n.tes] ~ [ɛ̃:.t<sup>-</sup>es] 'antes'; [pwɛ̃:.t<sup>-</sup>e] ~ [pwɛ̃n.t e] 'ponte' observou-se que é recorrente a pronúncia de [t] depois da nasal. Já no caso em que o falante nasaliza e alonga a vogal, mas NÃO produz a consoante nasal – isto é, o som oclusivo aparece em posição intervocálica – surge [t<sup>-</sup>].

Assim como no caso de [p<sup>-</sup>], observou-se que o maior número de palavras iniciadas com [t] é de palavras lexicais, enquanto que a maioria das palavras iniciadas por [t<sup>-</sup>] é de itens gramaticais. Observou-se também que quando a palavra lexical não é enfatizada há mais possibilidades de ser pronunciada com o som [t<sup>-</sup>] e que os falantes do grupo X' tendem a produzir mais [t<sup>-</sup>] do que falantes do grupo X''.

Em resumo pode-se afirmar que:

- /t/ ~ [t<sup>j</sup>] / \_\_\_\_\_ [jV]  
[t<sup>-</sup>] / \_\_\_\_\_ V  
[t] / nda.

[k]: oclusiva velar forte surda

início de palavra absoluto

['kɾew]	[ 'kin.se]	[ 'kwa.tɾo]
'creio'	'quinze'	'quatro'

início de palavra

[se#kor.'ta.rõ]	[#ke]	[#ke.ðo:]
'cortaram-se'	'que'	'ficou'
[ðe#'ko.sa]	[ o.tz.ɐ#'ka.sɐ]	[pa.'sas#ko.zjen.do]
'coisa'	'casa'	'você passa correndo'

meio de palavra

[βus.'kar]	[ma.'kũ.βɐ]	[paɾ.ki]
'buscar'	'macumba'	'parque'
[mi.'li.ko]	[ baŋ.ko]	[ blaŋ.ko]
'milico'	'banco'	'branco'

Nota-se que o som [k] parece ocorrer em onset silábico e aparentemente não haveria condicionamento nessa posição.

[g]: oclusiva velar lene sonora

início de palavra

[ðo.'sjen.tos#gu.'ri.ses]	[un ʔ#go.'le.ro]	[ðe#go.'le.rɔ]
'duzentos guries'	'um goleiro'	'de goleiro'

meio de palavra

[a.le.'gɾjaʔ]	[ teŋ.ɣo]	[ ði.ɣo]
'alegria'	'tenho'	'falo'

Deve-se ressaltar que não houve ocorrências do som [g] em início absoluto de palavra. Observa-se que o som [g] parece ocorrer em variados ambientes. Observa-se também que quando seguido de uma vogal posterior a realização é como oclusiva velar lene sonora recuada [g].

[k̄]: oclusiva velar lene surda

início de palavra

[p̄as#k̄e]	[ˈtra.βa.xo#k̄e]	[a.ˈo.rɐ#ˈk̄o.mo]
'capaz que'	'trabalho que'	'agora como'
[ˈa.ɲo#k̄e]	[ðe#k̄wi.ˈðaɾ]	[la#ˈk̄an.t̪ɐ]
'anos que'	[de cuidar]	'a quadra'

meio de palavra

[a.k̄ɐ#]	[ˈfla.k̄ɐ#]	[ˈt̪i.k̄o]	[ˈfla.k̄o]
'aqui'	'magra'	'menor'	'magro'

Pelos dados pode-se concluir que o som [k̄] ocorre em posição intervocálica.

Em resumo, o som [k̄] é um alofone de /k/ que aparentemente ocorre em posição intervocálica. O caso de [k̄] se apresenta diferente ao caso de [p̄] e [t̄], já que se observou que quanto à realização de [k̄] parece não haver uma diferença tão significativa entre palavras lexicais e gramáticas. Isto é, não se verifica para esse alofone um maior número de palavras iniciadas com [k] dentre as lexicais e uma maior incidência de palavras gramaticais iniciadas por [k̄]. Verificou-se ao mesmo tempo, que falantes do grupo X' e falantes do grupo X'', aparentemente não mostram diferenças quantitativas quanto à realização desse som.

Desta forma, formula-se a regra que segue

- /k/ ~ [k̄] / V \_\_\_\_\_ V  
[k]/ nda

#### 4.2.1.1 Fones e fonemas oclusivos

Em síntese, a análise realizada até o momento permite afirmar o seguinte quanto aos fones e fonemas oclusivos desta variedade de espanhol:

- [oclusiva dental] > [oclusiva dental palatalizada] / \_\_\_\_\_ [jV];
- [b] ocorre somente após um som nasal;
- [d] ocorre sempre depois de [n];
- [g] parece ocorrer em variados ambientes;
- /p/ ~ [p̄] / So \_\_\_\_\_ So

- [p]/ nda;
- /t/ ~ [t<sup>j</sup>] / \_\_\_\_\_ [jV]  
[t̄] / \_\_\_\_\_ V  
[t]/ nda;
  - /k/ ~ [k<sup>-</sup>] / V \_\_\_\_\_ V  
[k]/ nda;
  - não foram registradas ocorrências de oclusivas surdas em coda silábico, motivo pelo qual argumenta-se que nesta variedade de espanhol esses sons não ocorrem em final de sílaba. De tal modo, esta variedade estaria contemplada dentro da proposta de d’Introno, del Teso e Weston (1995) segundo a qual as oclusivas surdas em posição pós-vocálica estão sofrendo um processo de enfraquecimento no espanhol, processo que pode resultar no desaparecimento desse som em posição de coda. Para o espanhol de Rivera essa mudança já teria se completado;
  - não houve ocorrências de oclusivas sonoras em posição de coda;
  - [p<sup>-</sup> e t̄] ocorreram em maior número em palavras não-lexicais. Ao mesmo tempo, observou-se que nas palavras não enfatizadas há um número maior de incidências desses sons e que falantes do grupo X’ tendem a produzir mais sons lenes do que falantes do grupo X’’;
  - as oclusivas formam grupo consonantal com oclusivas líquidas. Houve ocorrências de [p] + [l], [r]; [t] + [l], [r] e [k] + [l], [r].

Sendo assim, postula-se que os fonemas oclusivos para esta variedade de espanhol são:

- /p/, /t/ e /k/ para as surdas;
- a distribuição dos fones e fonemas oclusivos sonoros vai depender de um estudo complementar sobre a realização dos fones fricativos sonoros.

[t̄]: africada palato-alveolar surda

início de palavra

[t̄ʝi.ki.'ti.t̄o#]  
'pequeno'

['t̄ʝi.k̄o]  
'menor'

meio de palavra

[mu.tʃu]	[mu.tʃa.tʃu]	[pi.no.tʃe]	[mu.tʃjo]
'muito'	'rapaz'	'folha seca de pinheiro'	'muito'

- Postula-se o fonema /tʃ/.

[β]: fricativa bilabial sonora

início absoluto de palavra

[βos]	[βoj]	[βeŋ.go]	[βe.'ni]
'você'	'vou'	'venho'	'vem'

início de palavra

[te#βenˀ#bos]	[dos#βe.ses]	[#βos]	[a#βus.'kar]
'vêm você'	'duas vezes'	'você'	'buscar'
[se#βi.nu]	[i#βer]	[sa.βa.ðu#βas]	[lɐ#βwel.tɐ]
'veio'	'ver'	'sábado você vai'	'volta'

Observa-se que [β] ocorre em todos os ambientes iniciais, inclusive em início absoluto.

meio de palavra

[βa.'tu.βe]	[ol.βi.'ðo]	[ma.'kũ.βe]	[zɔ.'βa.ðu]
'Batuva'	'esqueceu'	'macumba'	'roubado'
[βi'βi.mo]	[i.βe]	[li.βɾi]	[sal.βɐ.'vi.ðe]
'vivimo'	'ia'	'livre'	'salva vida'

Da análise dos dados depreende-se que a única posição em que [β] não ocorre é depois de nasal (N), nessa posição ocorre [b].

[v]: aproximante labiodental sonora

[ʋol.'tʃja.vɐ]	[ʃe.'var]	[ve.'si.nɐ]
'virava'	'levar'	'vizinha'
[tres#'ve.sis]	[sal.β a.'vi.ðe]	[ʒe.'var]
'vezes'	'salva vida'	'levar'



[ð]: fricativa interdental sonora

início absoluto

[ 'ði.sen]	[ 'ðos]	[ 'ða.me]	[ 'ðe.'si.me]
'dizem'	'dois'	'de-me'	'diga-me'

início de palavra

[la#ðe'xo]	[lo#ðe]	['sal.ɣo.ða.'i]	[ʃe.'va.mo.'ðo.se]
'deixou'	'de'	'saio de lá'	'levamo doze'

Após a análise dos dados conclui-se que [ð] ocorre em variados ambientes.

meio de palavra

[ol.βi.'ðõ]	[flo.'tẽ:.ðo]	[go:ɾ.ðe]	['si.'ðrɐ]
'olvidou'	'flutuando'	'gorda'	'sidra'
[po.'ði.añ]	[po.'ðes]	[sa.βa.ðu]	[sal.va.'vi.ðe]
'podiam'	'pode'	'sábado'	'salva vida'

Pelos dados observa-se que este som ocorre em posição inicial absoluta e intervocálica, sendo a vogal nasalizada ou não. Deve-se lembrar aqui que o som [d] ocorre somente após [n], e que [d<sup>j</sup>] ocorre somente seguido de ditongo iniciado pela semiconsoante palatal [j]. Pelos motivos arrolados, [ð] será escolhido como fonema e terá [d] e [d<sup>j</sup>] como seus alofones.

Em suma, sugerimos a seguinte regra

- /ð/~[d] /n \_\_\_\_\_  
[d<sup>j</sup>] / \_\_\_\_\_ [jV]  
[ð] / nda

É conveniente ressaltar que se [ð] também ocorre no espanhol de Montevideu a articulação deste som não é a mesma nas duas variedades de espanhol. Observou-se que em Rivera o som é verdadeiramente interdental, enquanto em Montevideu o ponto de articulação é, de regra, dental. Ladefoged & Maddieson (1996: 20) observam a mesma variação na produção do /ð/ entre falantes de inglês na Califórnia e na Inglaterra. Sendo

assim, observa-se que o som [ð] na variedade montevideana é também fricativo, mas não é interdental. O ponto de articulação deste som no dialeto da capital é como um som fricativo **dental/alveolar** plano, só em caso de ênfase [ð] ocorre com o ponto de articulação **interdental**, como em Rivera.

[x]: fricativa velar surda  
início absoluto de palavra

[ʎ̞.ẽ.t̞e]	[ʎ̞u.ˈɣaɾ]	[ʎ̞u.ˈɣaː]	[ʎ̞u.ˈɣa.mo]
'há pessoas ali'	'jogar'	'você joga'	'nós jogamo'

início de palavra

[βas.t̞ɛn.te#x̞en.te]	[ˈmu.t̞ʝ̞#x̞e:.te]	[la#x̞i.ˈna.sja]
'bastante gente'	'muita gente'	'a ginástica'

meio de palavra

[tra.βa.xu]	[ma.ˈne.x̞]	[di.ˈxe.rõ]	[ðe.ˈxo]
'trabalho'	'dirige'	'disseram'	'deixou'

Aparentemente o som [x] tem ampla distribuição. Observa-se, não entanto, que esse som parece não ocorrer em cluster e nem em coda silábico. Nota-se, além disso, que antes de vogais médias e altas esse som tende a ser produzido como [x̞], fricativa velar recuada surda.

- Postular-se-á o fonema /x/.

[ɣ]: fricativa velar sonora

Para a correta análise do status fonológico deste som é necessário lembrar primeiro a distribuição dos sons [g] e [k̞]. Por esse motivo, reproduzimos a seguir a lista de ocorrências para cada um dos referidos sons e acrescentamos as ocorrências do som [ɣ].

O quadro IV.13 mostra as ocorrências do som [k̞] na fala dos informantes do grupo X', por um lado, e do grupo X'', por outro. Observando os dados arrolados no

quadro, pode-se constatar que não há diferenças aparentes quanto à realização do som [k̄] entre falantes de um e do outro grupo. Ao mesmo tempo, verifica-se que o ambiente que favorece a realização do som [k̄] é um ambiente intervocálico em início ou meio de palavra. Constata-se, também, que não há visíveis diferenças entre o número de palavras lexicais e gramaticais que são realizadas com o som [k̄].

<b>oclusiva velar surda lenes [k̄]</b>	
Informantes do grupo X'	Informantes do grupo X''
[ 'k̄a.ða] 'cada'	
['tr̄a.βa.xo#k̄e] 'trabalho que'	['a.no#k̄e] 'anos que'
[a.'o.r̄e#k̄ o.mo] 'agora como'	[ðe#k̄wi.'ðar] 'de cuidar'
[la#k̄an.t̄ʃe] 'a quadra'	
[βa#k̄e.'ðar] 'vai ficar'	
[a.k̄e] 'aqui'	[a.'k̄e] 'aqui'
['fla.k̄e] 'magra'	[k̄e] 'que'
['t̄ʃi.k̄o] 'menor'	[k̄wal] 'qual'
['fla.k̄o] 'magro'	[k̄on] 'com'
	['k̄a.sem] 'casem'
	['k̄e.'ðe] 'fiquei'

Quadro IV. 13: Ocorrências do som [k̄].

A caracterização dos sons em lenes/fortes é encontrada na descrição fonética de vários lingüistas, entre eles Pontes (1965), porém Ladefoged & Maddieson (1996: 96) afirmam que esses termos têm sido usados de forma muito díspar na bibliografia especializada. Para os últimos, o termo *fortes* define um som que se profere com uma maior força na articulação e, em conseqüência, maior pressão na cavidade bucal. Por outro lado, do ponto de vista acústico Llorach (1954: 53) define os sons *fortes* por terem uma maior duração e nitidez. No presente trabalho a caracterização dos sons como fortes implica que eles são produzidos com maior força na articulação e, em conseqüência, são mais nítidos.

Quanto à realização dos sons [ɣ], [g] e [k] pode-se conferir, no quadro IV.14, que a posição intervocálica parece favorecer a realização do som [ɣ] como alofone de /g/. Isto é, verifica-se que esse som ocorre principalmente em posição intervocálica, sendo que também há algumas ocorrências desse som depois de [r]. Não obstante, quanto ao som [g] nota-se que há uma sobreposição com o som [ɣ] – quanto à posição

em que ambos podem aparecer – já que os dois ocorrem em posição intervocálica e seguidos de [r]. No entanto, verificaram-se mais ocorrências de [ɣ] do que de [g]. Há duas posições que aparentemente favorecem a realização do som [g]; em início de palavra, e antes de uma vogal posterior. Verifica-se que há mais ocorrências do som [g] antes de vogal posterior [o] do que do som [ɣ], enquanto não há ocorrências do som [ɣ] com a vogal posterior alta fechada [u].

A complicação em relação à distribuição dos sons [k, k<sup>-</sup>, ɣ, g] está dada pelo fato de que, embora [ɣ] em algumas ocorrências pode ser alofone de /g/, em outras é alofone de /k/. Esse fenômeno não foi constatado nas outras séries de oclusivas/fricativas, isto é, os fonemas surdos /p, t/ não compartilham nenhum alofone com os fonemas sonoros.

Quanto às ocorrências em si, considera-se bastante significativo, o fato de não haver ocorrências do som [ɣ] com valor de [k] na fala dos informantes do grupo X''. Esse fato poderia estar mostrando que há algum tipo de condicionamento social que motiva a realização/não-realização desse som nessas circunstâncias; ou então que esse acontecimento pode estar ligado a uma questão de mudança fonético/fonológica decorrente de um processo de mudança de língua.

Em outras palavras, dado que se parte da afirmativa de Rona (1965) de que o português em 1860 era a língua majoritária na região estudada e hoje em dia, na cidade de Rivera, o espanhol tem ganhado espaço, pode-se deduzir que este é um caso de mudança de língua. Ou seja, esta situação se comporta dentro do fenômeno de **interferência por mudança** de língua definido por Thomasom & Kaufmam (1988). Lembre-se que segundo os autores, **interferência por mudança** ocorre quando um determinado grupo abandona o uso de sua língua mãe. Dessa forma, no processo de aprendizado da L2 os falantes iniciam mudanças porque o aprendizado da L2 não se dá de forma perfeita. A interferência no caso de mudança lingüística não começa pelo léxico, mas pelo sistema fonológico e morfossintático. O processo de mudança de língua, segundo eles, pode levar somente uma geração, entretanto em Rivera a mudança tem sido demorada por motivos sociais e políticos.

Do ponto de vista estritamente lingüístico, a **interferência por mudança** pode ser explicada de forma bastante clara. Observa-se que as correlações entre fonemas se definem dentro de um sistema lingüístico, não sendo válidas além dele. Por isso, a

oposição que é válida para os fonemas oclusivos – fortes/lenes – conforme apresentada por Pontes (1965) é adequada para o sistema consonantal do português, não se estendendo além dele. Por esse motivo a observação de Weiss (com. pessoal) de que os sons tensos do português são lenes se comparados com sons tensos do espanhol ou inglês torna-se muito pertinente e pode auxiliar na formulação de uma hipótese que tente explicar os fenômenos constatados nesta variedade de espanhol.

Isto é, do ponto de vista fonológico, os fonemas oclusivos do português se opõem quanto à tensão, porém a realização fonética desses mesmos fonemas resulta em sons lenes se comparados com a realização dos mesmos sons em outras línguas, entre elas o espanhol. Se esta é uma comunidade que está mudando do português para o espanhol, estaria acontecendo uma **substituição de sons** conforme descrito por Weinreich (1975). Em outras palavras, poderia ter acontecido uma reinterpretação dos sons oclusivos surdos tensos do espanhol com base na realização mais lene desses sons no português dos Brasil.

O quadro IV.14 mostra algumas ocorrências dos sons [k, ɣ, g] na fala de membros do grupo X' e X''.

<b>fricativa velar sonora [ɣ]</b>		<b>oclusiva velar sonora [g]</b>	
início de palavra	meio de palavra	início de palavra	meio de palavra
Falantes do grupo X''			
	['mẽ̃.ɣɐ] 'manga' [a.βo.'ɣa.ðɐ] 'advogada' [ẽn.kar.'ɣa.ðɐ] 'encarregada'	['gru.po] 'grupo' [es#grẽ:.ðe] 'é grande' [ða#'grẽ: .ðẽ]] 'dá grande' [son'ɣoɾ.ðo] 'são gordo' ['e.rɐ'ɣoɾ.ðɐ] 'era gorda'	[  'teŋ.gun'] 'tenho um' [a.le.'grjá] 'alegria' ['ði.go] 'falo' [zɔ.'ðri.go] 'Rodrigo' ['dɾaj.go] 'trago' [  i.'gle.sjɐ] 'a igreja'
Falantes do grupo X'			
	[maj.'ɣa.su] 'te roubam' ['sal.ɣo] 'saio' [a.'mi.ɣo] 'amigo' ['xwe.ɣan'] 'brincam' [xu.'ɣar] 'brincar' [xu.'ɣa.mo] 'brincamo' [eŋ.'kar.ɣa.ðo] 'encarregado' [pa.'ɣa.mo] 'pagamo' ['la.ɣu] 'lago'	[lo.gu.'ri.se] 'os guries' [mi'ɣus.tɐ] 'eu gosto' [un.ɣo.'le.ru]] 'um goleiro'	[ðe.'le.gra.fo] 'telegráfo'
<b>fricativa velar sonora [ɣ]</b>		<b>oclusiva velar surda [k]</b>	
início de palavra	meio de palavra	início de palavra	meio de palavra
Falantes do grupo X''			
		['ko.mo] 'como' ['kin.se] 'quinze' [ko.'si.tɐ] 'coisinha' [kwi.'ðar] 'cuidar' [ko.si.'ne.rɐ] 'cozinheira'	[a.'ke.zɐ] 'aquela' [i.'βih.ko] 'hibisco' [po.'ki.tʊ] 'poquinho' [sa.'ke] 'tizei' [ka.'ro.so] 'semente' [mẽn.'kẽn.ta] 'adoro' [  tʃi.ki.'ti.to] 'pequeno' ['u.ni.kɐ] 'única' [ẽn.kar.'ɣa.ðɐ] 'encarregada'
Falantes do grupo X'			
	[a.'ɣɐ] 'aqui' ['fla.ɣo] 'magro' [sa.'ɣar.la] 'tirá-la'	[kɐ.'toɾ.se] 'quatorce' ['kã:.tʃɐ] 'quadra' ['kin.se] 'quinze' ['kwa.tɾo] 'quatro'	[las.'ki.ŋɐ]] 'a esquina' [eŋ.'kar.ɣa.ðo] 'encarregado' [sĩŋ.'kwɛn.tɐ] 'cinquenta' ['sĩ̃.kõn] 'cinco em'

Quadro IV.14 : Ocorrências dos sons [k], [g] e [ɣ].

Da análise dos quadros acima se conclui que [k, k̄, γ] são alofones – não condicionados foneticamente – de um mesmo fonema. Observa-se, ao mesmo tempo, que [g, γ] também estão em relação de alofonia.

A questão da realização dos sons [γ], [g], [k] e [k̄] se apresenta díspar da realização e distribuição dos sons [p], [p̄], [t] e [t̄]. No caso das velares, não se registrou um maior número de palavras não-lexicais com a variante menos tensa [k̄]. Ao mesmo tempo, não se observou que haja uma diferença entre palavras enfatizadas e não enfatizadas, ou entre as realizações de falantes do grupo X' e do grupo X''. Acrescente-se também que há um alofone fricativo [γ] compartilhado pela oclusiva tensa surda [k] e a sonora [g]. Em outras palavras, há uma neutralização, fato que não foi registrado para os outros pares de oclusivas.

[h]: fricativa glotal surda

meio de palavra (somente falantes do grupo X'')

[eh.'po.so]  
'esposo'

[ðeh.'pwe]  
'depois'

[mĩnh.'pi.rɐ]  
'inspira-me'

É importante ressaltar que não houve ocorrências de [h] na fala dos informantes do grupo X', nem em final nem em meio de palavra.

Cabe indicar que na capital o som [h] é alofone de /s/ e ocorre em final de sílaba/palavra. Segundo dados de Barrios (2002), no espanhol da capital há 1% de ocorrências de [s] em posição interna de palavra, e 1.8% de ocorrências em final de palavra antes de consoante. Nesses casos, a maior ocorrência é a do alofone [h]. Isto é, no espanhol de Montevideu a pronúncia de 'triste' seria ['trih.te].

As particularidades sociolingüísticas deste fenômeno em Rivera foram estudadas por Carvalho (2006a) que também apresenta dados de outros estudos sobre a aspiração em outras variedades de espanhol. Para o espanhol de Rivera, a autora apresenta dados segundo os quais 54% das ocorrências são de [s] enquanto 33 % correspondem à aspiração [h] em final de sílaba antes de consoante. No caso de final de palavra antes de pausa, a autora oferece os seguintes números: 85% das ocorrências correspondem à [s] e 2% correspondem à [h] (p. 13).

A autora mostra, ao mesmo tempo, que em posição interna a elisão [ø] é evitada, porém é mais freqüente em posição final de palavra. Deste modo Carvalho propõe que na realidade há duas regras para o dialeto fronteiriço: uma regra fonológica, condicionada por fatores morfológicos que elide /s/; e outra, foneticamente condicionada, que promove a aspiração em posições onde não há elisão – posição interna da palavra. Os dados apresentados por Carvalho para esse fato são os seguintes: há 63% de ocorrências de [s] em posição final de palavra e 64% em posição interna. Por outro lado, [ø] aparece em 17% das ocorrências em final de palavra e 2% das ocorrências em final de sílaba (p.14).

Finalmente, a linguísta argumenta que a aspiração é mais freqüente entre os integrantes da classe média e classe média baixa do que entre os integrantes da classe trabalhadora. Sendo assim, os dados aqui arrolados quanto à realização de [h] estariam de certa forma confirmando aquilo já evidenciado por Carvalho (2006a), já que o número de ocorrências de [h] em meio de palavra foi muito reduzido e verificou-se somente na fala dos membros do grupo X”.

[s]: fricativa alveolar surda  
início absoluto

[si]	[su.βi]	[sal.yo̞]
'sim'	'sobe'	'saio'

onset silábico em início de palavra

[#stø]	[sa.βa.ðo]	[sal.va.'vi.ðø]
'está'	'sábado'	'salva vida'

onset silábico em meio de palavra

[li.'sje.røŋ#]	[mar.su]	[βus.'kar]	[e.su]
'fizeram'	'março'	'buscar'	'isso'
[ve.'si.nø]	[gu.'ri.ses]		
'vizinha'	'guries'		

coda silábico em final de palavra

[βas#a] 'vai'	[βe.ses#] 'vezes'	[ni.nos#no] 'crianças'	[pe.'ke.nos#] 'pequenos'
[po.'ðes#ir] 'pode'	[βos#las] 'você as'	[a.nos#de] 'anos'	

não ocorrência [Ø]

[teŋ.gwi.'βih.koØ] 'tenho hibisco(s)'	[sɐ.'βeØ] 'você sabe'	[ε : ] 'ser (3 <sup>a</sup> s- presente)'
[xo.βe.nεØ] 'joven(s)'	[mis# a.mi.γoØ] 'meus amigo(s)'	[no.'so.tɾoØ] 'nós'

Observando as ocorrências em início, meio e fim de palavra, pode-se concluir que [s] ocorre em todas as posições silábicas, por isso, postulamos /s/. Chama-se a atenção mais uma vez para o fato de que [Ø] mostra que há elisão de [s] em final de palavra relacionada a uma questão morfológica, conforme demonstrado anteriormente por Carvalho (2006b). No corpus aqui estudado a elisão do [s], morfema de número, foi verificada na fala dos membros do grupo X' e X''.

[ʃ]: fricativa palato-alveolar surda

início de palavra

[ʃa.manʔ] 'chamam'	[a.'o.rɐ.#ʃɐ] 'agora já'	[ro#ʃe.'va.mo] 'levamo'	[es#ʃe.'βar] 'levar'
-----------------------	-----------------------------	----------------------------	-------------------------

meio de palavra

[p̄a.'ʃa] 'para lá'	[ke.ʃos] 'que eles'	[a.'ʃa] 'lá'	[a.'ʃi] 'alí'
------------------------	------------------------	-----------------	------------------

[ʒ]: fricativa palato-alveolar sonora

início de palavra

[ʒja.manʔ] 'chamam'	[plãn.'tɐ#ʒa] 'já'	[se#ʒo] 'eu'	[ʒo] 'eu'
------------------------	-----------------------	-----------------	--------------

meio de palavra

[a.ma.'ri.ʒe]	[a.'ke.ʒe]	[l'ε.ʒje]	[l'βa.ʒan]
'amarela'	'aquela'	'ela'	'voltem'

[ʒ<sup>s</sup>]: fricativa palato-alveolar ensurdecida

início de palavra

[stɐ#ʒ <sup>s</sup> e#]	[stɐ#ʒ <sup>s</sup> e.nu]	[tro#ʒ <sup>s</sup> a.'ma.mo]	[l'ε.ʒ <sup>s</sup> e]
'está ali'	'está cheio'	'chamamo'	'ela'
	[li#ʒ <sup>s</sup> e.'va.mo]	[ða.'ʒ <sup>s</sup> i]	[lo.ʒ <sup>s</sup> a.'ma.ram]
	'e levamo'	'de ali'	'o chamaram'

meio de palavra

[a.'ʒ <sup>s</sup> a]
'la'

Observando as ocorrências de [j], [ʒ], e [ʒ<sup>s</sup>] verifica-se que se trata de alofones de um mesmo fonema. Nota-se que houve algumas ocorrências da semiconsoante palatal [j], epentética entre o som consonantal [ʒ] e a vogal seguinte.

De acordo com os dados, as ocorrências de [j] e [ʒ] parecem não estar condicionadas pelo ambiente fonético, ao mesmo tempo, observou-se que falantes de ambos grupos (X' e X'') realizam mais [ʒ] do que [j]. Isto é, não haveria condicionamento fonético nem social para a realização de um ou outro som.

Por outro lado, deve-se lembrar que, para o espanhol padrão do Uruguai, Rona (1965) propõe o fonema /ʒ/ mas afirma que no caso da fricativa palatal sonora [ʒ] e da fricativa palatal surda [j] a correlação de sonoridade não incidiria. Como já foi mencionado antes, Barrios (2002) estudou esse ensurdecimento e observou que a variedade surda é mais usada por jovens e por falantes do sexo feminino. De tal modo, considera a hipótese de que “en un par de generaciones, es posible que la variante sonora haya desaparecido por completo del habla de Montevideo”. Mesmo assim, a pesquisadora opta pela representação sonora /ʒ/ por ser esta a variante que ela considera padrão atualmente no E de Montevideu.

Neste momento, trata-se de descrever uma outra variedade de língua (não a de Montevideu) por isso preferimos nos orientar pelos dados. Considerando as ocorrências desses sons optaremos pela representação /ʒ/ para esse fonema, visto que aparentemente não há condicionamento fonético ou social que incida na produção de [ʒ] e [ʒ̃], entretanto o som [ʒ] é a variante que mais ocorre.

#### 4.2.1.2 Os fonemas oclusivos e fricativos

Foi notado que alguns sons oclusivos tinham um comportamento sistemático. O som [b] ocorria somente após um som nasal; [d] sempre depois de [n]; e o som [g] parecia ocorrer somente em início de palavra e antes de vogal posterior. Por outro lado, para as fricativas observou-se que [β, ð, γ] pareciam ocorrer em todos os outros ambientes. Esses fatos levaram à rápida caracterização da distribuição de fones e fonemas conforme detalhado a seguir;

- /β/ ~ [b]/ N \_\_\_\_\_  
[v]/ V \_\_\_\_\_ V  
[β]/ nda;
- /ð/ ~ [d]/ n \_\_\_\_\_  
[dʲ]/ \_\_\_\_\_ [jV]  
[ð]/ nda;
- /γ/ ~ [g]/ # \_\_\_\_\_  
[γ]/ nda.

Entretanto, ao observar o comportamento dos fonemas surdos e seus alofones verificou-se que a organização do sistema fonológico obedece a outra relação. Para explicitar melhor a situação é necessário listar os fonemas oclusivos surdos e seus alofones:

- /p/ ~ [p̄]/ So \_\_\_\_\_ So  
[p]/ nda;
- /t/ ~ [tʲ]/ \_\_\_\_\_ [jV]

[t̥]/ \_\_\_\_ V  
 [t]/ nda.

Confere-se que o traço compartilhado entre os fonemas [p, t] e seus respectivos alofones [p̥, t̥] é o traço surdo; isto é, tanto os alofones quanto os fonemas são surdos. Por esse motivo e para manter o paralelismo entre alofones e fonemas, argumenta-se que a relação de alofonia no caso dos sons oclusivos sonoros não se dá entre fonemas fricativos e fones oclusivos – como os dados pareciam indicar – mas entre fonemas sonoros e alofones sonoros. Em decorrência disso, neste caso, se escolheu a variante mais condicionada para representar os fonemas. Dessa forma a distribuição dos fonemas oclusivos e seus respectivos alofones é a seguinte:

<b>Oclusiva forte surda</b>		<b>Oclusiva lena sonora</b>	
/p/	[p] [p̥]/ So ____ So	/b/	[b]/ N ____ [β]~[v]/ nda
/t/	[tʲ] / ____ [jV] [t̥]/ ____ V [t]	/d/	[dʲ] / ____ [jV] [d] / ____ n [ð] / nda
/k/	[k̥]/ V ____ V [χ]/ V ____ V [k]/nda	/g/	[g]/# ____ ; ____ V[+post] [χ]/ V ____ V

Quadro IV.15: Distribuição dos fonemas oclusivos e seus respectivos alofones.

Da análise do quadro acima se depreende que os fonemas oclusivos fortes surdos têm por alofones sons oclusivos lenes/fortes surdos, e os fonemas oclusivos lenes sonoros têm por alofones sons oclusivos/fricativos lenes sonoros. Desta forma torna-se evidente que a relação pertinente para cada grupo é diferente. Sendo assim, pode-se afirmar que a qualidade que une os elementos da primeira coluna é o fato de todos compartilharem as propriedades oclusiva e surda. Isto é, a qualidade *forte* não é pertinente para os fonemas /p,t/ e seus respectivos alofones. Por outro lado, a relação entre fonemas e sons da coluna da direita não obedece à relação lenes/fortes. Os fonemas /b,d/ compartilham com seus respectivos alofones duas propriedades, a saber, são lenes e sonoros.

Em conclusão, pode-se afirmar que para os membros da coluna da esquerda as qualidades pertinentes são oclusividade e surdez, enquanto para os membros do grupo da direita a afinidade se dá pela lenitude e sonoridade.

O caso dos fonemas /k/ e /g/ é relativamente diferente uma vez que a distribuição desses fonemas e seus alofones parece não refletir a mesma relação que há entre /p, t/ por um lado e /b, d/ por outro.

Quanto aos outros fonemas fricativos /f, s, ʒ, x/ observou-se que não há pares surdos e sonoros. Para alguns, como para /ʒ/ por exemplo, há uma variação não condicionada entre a realização surda e a sonora, fato que também se verifica em outras variedades de espanhol. Já o fonema /s/, que na capital tem um alofone glotal [h], em Rivera se realiza sempre como [s].

A reorganização dos alofones dos fonemas oclusivos surdos e sonoros nesta variedade de espanhol, pode tentativamente ser explicada pela história sóciolingüística da região. Deve-se lembrar que, segundo Rona (1965), a área que inclui a cidade de Rivera era habitada por brasileiros e conseqüentemente falava-se português até, no mínimo, 1860. Apesar disso, a força exercida pelo governo fez com que em muitos casos a população fosse aos poucos abandonando o português e adotando o espanhol. Sendo assim, pode-se argumentar que as mudanças fonéticas foram iniciadas quando os falantes de português aprenderam o espanhol como segunda língua e depois ensinaram essa língua a seus filhos.

Lembrando as considerações de Weinreich (1974), **interferência** é a reorganização dos padrões estruturais resultante da introdução de elementos externos nos domínios de uma língua. Sendo assim esse fenômeno provoca a identificação de elementos como similares, quando na verdade não são. De tal modo, a língua alvo (L2) é percebida e seus sons são reproduzidos em termos da língua nativa (L1), já que o falante identifica sons da L2 com sons da L1 e os reproduz seguindo as regras de L1.

No primeiro capítulo listaram-se as quatro formas de interferência fonológica caracterizadas por Weinreich. Dessas a que parece se manifestar neste caso é a **substituição de sons** ou pronúncia não usual de certo fonema. Ou seja, dois fonemas são idênticos em duas línguas, mas a pronúncia deles difere. Lembre-se que, segundo o autor, esse acontecimento trata de traços que são redundantes, mas que podem vir a ser relevantes se o sistema fonológico sofrer mudanças.

Neste caso /p, t, k/ tem as mesmas características fonológicas tanto em português como em espanhol, em ambas línguas são fonemas oclusivos surdos fortes, contudo conforme mencionado anteriormente, a realização desses sons em uma e outra língua não é exatamente a mesma. Em outras palavras, a caracterização em fonemas oclusivos

surdos fortes é válida dentro de cada sistema lingüístico, mas não pode servir de base para a comparação de um sistema com o outro. Portanto, os fonemas oclusivos surdos fortes do português têm uma realização mais lene do que os mesmos fonemas do espanhol. Provavelmente, falantes de português como L1 transferiram as características dessas realizações no português para o espanhol que aprenderam como L2.

[m]: nasal bilabial sonora

início de palavra

[lo#mi.li.ko]	[la.ɣo#mɪ]	[lo#mu.ɾo]	[nos#mu.ɾo]
'os milico'	'lago me'	'os muro'	'no muro'
[es#ma:s]	[de#mar.su]	[#me]	[#mɪ]
'é mais'	'de março'	'me'	'me'

meio de palavra

[ɛr.'ma.nɐ]	[ẽn.'fer.mɐ]	[a.li.'ma.ɲɐ]
'irmã'	'doente'	'Alemanha'

Dado que [m] parece ter ampla distribuição em onset silábico, postularemos /m/.

coda silábico

[fiẽ <sup>m</sup> .brɪ]	[u <sup>m</sup> #õ <sup>m</sup> .brɛ]	[bo <sup>m</sup> .berɔ]	[tẽ <sup>m</sup> .bjen <sup>ɾ</sup> ]
'fiambre'	'um homem'	'bombeiro'	'também'

Em posição de coda silábico não se encontrou nenhuma realização plena do som [m].

[n]: nasal alveolar sonora

onset silábico em início de palavra

[no]	[es#na.ðɐ]	[es#nor.maɺ]
'não'	'nada'	'normal'

onset silábico em meio de palavra

[u.no]	[fre:.nte]	[e.'ne.ɾo]	[ʒe.nu]
'um'	'frente'	'enero'	'cheio'
[ɛr.'ma.nɐ]	[u.nɐ]		
'irmã'	'uma'		

coda silábico

[ˈʒja.man̩]	[βah.ˈtẽn.te]	[ˈlin.da]	[ˈde:n.tzɔ]
'chamam'	'bastante'	'linda'	'dentro'
[ˈpa:n.dɔ]	[li:n.dɔ]	[ko.ˈzjen.dɔ]	
'pando'	'lindo'	'correndo'	

Observa-se que [n] ocorre em posição de onset e coda silábico e em início e final de palavra. Postula-se então o fonema /n/.

[n̩]: nasal alveolar sonora não explodida

final de palavra

[βen̩#βos]	[fin̩#de]	[tan̩]
'vêm'	'fim'	'tão'

Observa-se que o som [n̩] ocorre somente em posição final de palavra.

[ñ̩]: nasal alveolar ensurdecida

final de palavra

[le.vɛñ̩.ta.rɔñ̩#]	[li.ˈsje.rɔñ̩]
'levaram'	'fizeram'

Observa-se que há perda da sonoridade antes de silêncio. Fato que é característico do português do Brasil.

[ɲ]: nasal palatal sonora

meio de palavra

[kɛn.ˈpɛ.ɲɐ]	[ma.ˈɲa.na]	[ko.ˈlo.ɲɐ]	[bre.ˈtẽ.ɲɐ]
'campanha'	'amanhã'	'colônia'	'bretanha'
[a.li.ˈma.ɲɐ]	[ˈni.ɲos]	[pe.ˈke.ɲos]	[ˈa.ɲos]
'Alemania'	'crianças'	'pequenos'	'anos'

Aparentemente o som [ɲ] ocorre somente em posição intervocálica. Entretanto, descobriu-se um par mínimo que permite afirmar que /ɲ/ é um fonema e não um alofone.

[kən.'pa.ŋə]	[kən.'pa.nə]
'campanha'	'sino'

[ŋ]: nasal velar sonora

['blaŋ.ko]	[baŋ.ko]	['teŋ.go]
'branco'	'banco'	'tenho'

Observa-se que este som ocorre sempre antes de uma oclusiva velar.

[l]: lateral alveolar sonora

início de palavra

[k̄e#li.'sje.rɔŋ]	[o#'la.ɣo]	[k̄e#le]	[pal.'la.ðo]
'fizeram'	'lago'	'que o'	'para o lado'
['o.tɔ#'la.ðo]	[en#lɐ]	[prɐ#lɐ]	[kõn#la]
'outro lado'	'em a'	'para a'	'com a'

meio de palavra

[a.ɣi.lɐ]	[βwel.tɐ]	[a.'ðlɛn.ti.dɐ]	[vol.'tja.vɐ]
'água'	'volta'	'Atlântida'	'virava'
[ol.'βi.'ðo]	[sal.va.'vi.ðɐ]	[flo.'ta:ðo]	[mi.'li.ko]
'esqueceu'	'salva vida'	'flutuando'	'milico'

final de palavra

[el#par.kɪ]	[pal.'la.ðo]
'o parque'	'para o lado'

Observa-se que o som [l] tem ampla distribuição e ocorre em posição de onset e coda silábico. Por esses motivos, postular-se-á o fonema /l/.

[ɫ]: fricativa retroflexa sonora

final de palavra

[mɐ.t̄e.'rjaɫ]	[nor.'mɐɫ]	[saɫ]	[maɫ]
'material'	'normal'	'sal'	'mal'

Observou-se que o som [l] ocorre somente em posição final de palavra antes de pausa e que suas ocorrências são mais numerosas nessa posição do que as do som [l]. Por esses motivos postular-se-á a seguinte regra,

- /l/ ~ [l] / \_\_\_||  
[l] / nda

[r]: vibrante simples sonora

não há ocorrências em posição inicial

meio de palavra

[mæ.t_e.'rjal] 'material'	[nor.mæ] 'normal'	[¹paç.ki] 'parque'	[gu.'rises] 'gurias'	[ẽn.'fer.mæ] 'doente'
[li.'sje.rõ ŋ] 'fizeram'	[pa.'ra.ðo] 'parado'	[di.'xe.rõ] 'disseram'	[er.'ma.næ] 'irmã'	[¹p̄'a.ræ] 'para'

final de palavra

[je.'var] 'levar'	[βus.'kar] 'buscar'	[ir] 'ir'	[βi.'βir] 'viver'	[ʒe.'var] 'levar'
[kẽ̃m.'βjar] 'trocar'	[ma.ne.'xar] 'dirigir'	[fa.'βor] 'favor'	[pa.'sjar] 'passear'	[u.'nir] 'unir'

[r]: vibrante múltipla sonora

posição intervocálica

[¹pe.ro] 'cachorro'	[¹pa.ræ] 'parreira'
------------------------	------------------------

coda interno antes de consoante surda (falantes do grupo X'')

[¹mwer.to] 'morto'	[¹pwer.to] 'porto'	[a.e.ro¹pwer.to] 'aeroporto'
-----------------------	-----------------------	---------------------------------

É interessante notar que as mesmas palavras foram pronunciadas de outra forma pelos falantes do grupo X', a saber

[¹mwer̄.to] 'morto'	[¹pwer̄.to] 'porto'
------------------------	------------------------

[ɾ]: vibrante retroflexa sonora (todos os falantes)

[floɾɫ]'	[el#fa.βoɾɫ]
'flor'	'o favor'

coda interno (falantes do grupo X')

[ˈmweɾ.to]	[ˈpweɾ.to]	[ˈgoɾ.ðo]	[ˈgoɾ.ðe]
'morto'	'porto'	'gordo'	'gorda'

É interessante notar que os sons retroflexos na fala de pessoas do grupo X' e X'' só ocorrem em final de palavra antes de pausa, mas são extremamente incomuns. Já [ɾ] em coda interno ocorre somente na fala de integrantes do grupo X' e também é pouco freqüente.

[z]: fricativa palatal retroflexa

Embora este som não seja vibrante, pelo fato de ele ocorrer na posição onde em outras variedades de espanhol ocorreria uma vibrante, decidiu-se listá-lo junto com as vibrantes.

Na bibliografia consultada esse som é representado das mais variadas formas. Alarcos Llorach (1954) fala de um som [ɻ] que é, segundo o autor, fricativo e que ocorre em posição intervocálica e final de palavra. O autor não se estende na caracterização desse som, mas cabe ressaltar que o símbolo por ele usado corresponde a uma aproximante alveolar no IPA.

Segundo Quilis (1988) em alguns lugares da América Latina o fonema /r/ - /r/ no IPA – tornou-se assibilado sendo representado como [r̄] pelo autor. O autor acrescenta, ainda, que esse som pode apresentar-se ensurdecido, especialmente se seguido de outro som surdo. Observa-se que o símbolo usado por Quilis não faz parte do IPA.

Fontanella de Weinberg (1992) igualmente usa a representação [r̄] e explica que se trata de uma fricativa assibilada alveolar, que pode ocorrer em início e fim de palavra, e realizar-se mais ou menos ensurdecida. Acrescenta, ainda, que o grupo [r̄] pode-se articular como uma consoante africada alveolar surda. Quanto à extensão

geográfica desse som a autora comenta que ele pode ser encontrado no norte e oeste da Argentina e no leste do Paraguai (entre outros lugares).

D’Introno, del Teso e Weston (1995) observam que há um som [ɾ], que eles caracterizam como fricativa assibilada que pode se realizar em posição pré-nuclear ap[ɾ]etar e em final de sílaba – especialmente em posição final de palavra – ca[ɾ]ta, canta[ɾ]. Segundo os autores, esse som varia com [r], dessa forma as mesmas palavras se realizariam como ca[r]ta e canta[r] (p. 292-293).

Conclui-se que o som a que todos se referem é fricativo e pode apresentar-se enfraquecido. Quanto à distribuição do som, todos os autores coincidem em afirmar que esse som pode ocorrer em final de palavra, quanto às outras posições não há coincidência.

Pela descrição do som deduz-se que se trata do mesmo som encontrado na fala dos informantes de Rivera. Entretanto, a forma de representá-lo no âmbito deste trabalho será [ẓ]. Há duas razões para escolher essa representação: em primeiro lugar, a realização do som apresenta-se *ligeiramente* retroflexa; e em segundo lugar, porque não há coincidência entre a descrição articulatória, os símbolos usados pelos autores e os símbolos do IPA.

Sendo assim, a seguir serão listadas as ocorrências de dito som.

#### início de palavra

[ẓo.'sa.ðo]	['ẓo.xo]	[ze.'fweɾ.su]	[  'ẓu.βen ˈ  ]
'rosado'	'vermelho'	'sanduíche'	'Ruben'
[ẓo.'ðri.go]	['ẓo.as]	[ẓo.'βa.ðo]	['ẓi.o]
'Rodrigo'	'rosas'	'roubado'	'rio'

#### meio de palavra

[o.tẓ <sup>s</sup> o]	[ko.'ẓjen.du]	[de.n.tẓ <sup>s</sup> o]
'outro'	'correndo'	'dentro'
[no.'so.tẓ <sup>s</sup> o]	[a.ɣa.'ẓa.rõ]	['fẓ <sup>s</sup> en.te]
'nós'	'agarraram'	'frente'

Pelos dados torna-se evidente que o som [ẓ] ocorre em posição de onset e como segundo elemento de um cluster em onset. Dentre as ocorrências de [ẓ] encontram-se

algumas ocorrências ensurdecidas pelo ambiente, a saber, depois de oclusiva/fricativa surda o som [z̥] se realiza como [z̥<sup>s</sup>].

Dado que este som parece estar em relação de alofonia com [r, r̥, r̄, e ɾ] apresenta-se a seguir uma comparação das ocorrências desses sons nas diferentes posições silábicas.

	[z̥]	[r]	[r̥]	[r̄]	[ɾ]
Onset inicial	*				
Cluster inicial	* / Csu ___		* / Csu ___	* / Cso ___	
Onset não-inicial	* / V. V	* / V. V		*	
Cluster não-inicial	*		* / Csu	* / Cso	
Coda não-final		*		*	*
Coda final			* / ___	*	*

Quadro IV.16: Distribuição dos sons [z̥, r, r̥, r̄, ɾ].

Em primeiro lugar, deve observar-se que o som [ɾ] descrito por Alarcos Llorach (1954) como sendo a variante fricativa do fonema /r/ não pode ser vinculado – quanto à sua distribuição – ao som [z̥] encontrado na variedade de espanhol falada em Rivera, uma vez que esses sons não ocorrem no mesmo ambiente. Ou seja, como já foi mencionado anteriormente Alarcos Llorach descreve [ɾ] como ocorrendo em posição intervocálica e em final de palavra, [z̥] não ocorre em final de palavra.

Da análise do quadro acima pode-se concluir que:

- [r] ocorre em posição intervocálica e em coda não-final;
- [ɾ] ocorre somente em final de sílaba ou palavra;
- [z̥] é o único som que inicia palavra, e junto com [r] são os únicos que não finalizam palavra;
- a ocorrência de [r̥] está relacionada a ambientes surdos; este som somente se realiza depois de consoante surda ou em final de palavra antes de pausa;
- [r], [r̄] e [z̥] são os únicos que ocorrem em onset não inicial.

Pode-se argumentar que a relação de oposição entre os fonemas /r/ e /r̄/ se mantém, já que ambos continuam se opondo em posição intervocálica. Entretanto, a realização [z̥] está de certa forma modificando a relação entre os dois fonemas

vibrantes. Constatase, que a realização [r] é bastante previsível – embora seja distintiva – já que ocorre entre vogais. Na realidade a ocorrência de todos os sons é, até certo ponto, prevista pelo ambiente. Por esse motivo, deve-se recorrer a outra análise que auxilie na caracterização dos fonemas. Desta forma, no quadro IV.17, recorrer-se-á à oposição forte/fraco para tentar elucidar a questão dos fonemas vibrantes.

fraco V ___ V	forte		coda		onset	
	inicial	V ___ V	final	não-final	Cso ___	C su ___
[r]	[z]	[r] [z]	[r] [r̥] [r]	[r] [r] [r]	[r]	[r̥]

Quadro IV.17: Distribuição dos sons [z, r, r̥, r, r̥] quanto à tensão.

Da análise do quadro IV.17, depreende-se que a única realização que é condicionada socialmente é a realização em coda não-final. Isto é, nessa posição os falantes do grupo X' produzem [r̥], enquanto que falantes do grupo X'' produzem [r], embora todos possam produzir [r].

Em síntese, da análise do quadro IV.17, conclui-se que se mantém a única oposição entre os sons vibrantes – ou seja, a lene [r] e as fortes [r, z] ainda estão em contraste em posição intervocálica. Por esse motivo, postular-se-á a seguinte regra:

- /r/ ~ [z] / # \_\_\_; V \_\_\_ V  
[r] / nda;
- /r/ ~ [r̥] / Csu \_\_\_  
[r̥] / \_\_\_#; \_\_\_\$  
[r] / nda.

Em outras palavras, os sons [r], [z] e [r̥] estão em distribuição complementar em posição inicial já que nesse ambiente ocorre somente [z]. Estão também em distribuição complementar em onset silábico, pois nessa posição ocorre somente [r]. Em posição de coda, [r], [r̥] ou [r̥] podem ocorrer, sendo que [r] ocorre somente em coda final. Por esse motivo, deve-se postular um arquifonema /R/, logo que se observa que há uma neutralização de distinções nessa posição. Nota-se, entretanto, que os sons

[r], [z] e [ɾ], ocorrem em posição intervocálica, ocasião na qual estão em oposição, por esse motivo postularam-se os fonemas /r/ e /ɾ/.

Assim sendo, serão fonemas vibrantes /r/ e /ɾ/, mas a oposição será válida somente em ambiente intervocálico. Para a posição de coda postula-se o arquifonema /R/ que pode ser realizado como [r] , [ɾ] ou [ɾ̃] de acordo com variáveis sociais. Finalmente, em onset não inicial ocorre somente [r].

[w]: aproximante velar sonora

[ˈmweɾ.to]                      [ˈpweɾ.to]  
 'morto'                              'porto'

[j]: aproximante palatal sonora

meio de palavra

[vol.ˈtʰja.və]                      [dos.ˈjẽn.tos]                      [pu.sje.ronˈ]  
 'virava'                              'duzentos'                              'colocaram'

#### 4.2.2 As vogais

Mesmo quando não é o objetivo fundamental do presente estudo discutir a classificação fonológica das vogais da variedade de espanhol falada em Rivera, considerou-se interessante incluir um quadro com as realizações vocálicas encontradas.

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ʊ̃	
médias	fechadas	e e <sup>^</sup> ě	ẽ			o : o	õ
	abertas	ɛ ɛ:				o <sup>^</sup> õ	
baixas	fechadas			ɐ ɐ̃	ẽ ẽ:		
	abertas			a a:	ã		

Quadro IV.18: Sons vocálicos que ocorreram nos dados.

## 4.2.3 Pares mínimos

Apresenta-se a seguir uma lista de pares mínimos que não pretende ser exaustiva, mas ilustrativa.

['mweɾ.to] 'morto'	['pweɾ.to] 'porto'	[['ðos] 'dois'	['tos] 'tose'
[p̄es] 'peixe'	['βes] 'vez'	['p̄e.ro] 'mas'	['pe.ro] 'cachorro'
['ti.ɐ] 'tia'	['di.ɐ] 'dia'	[ma] 'mal'	[maɾ] 'mar'
['ka.sɐ] 'casa'	['ta.sɐ] 'taça'	['zɔ.xo] 'vermelho'	['mo.xo] 'eu molho'
[['βoj] 'vou'	[ðoj] 'dou'	[pa.'sjaɾ] 'passear'	[la.'sjaɾ] 'alisar (o cabelo)'
[['sal.ɣõ] 'saio'	['sal.to] 'Salto'	['ka:ˀ.tʃa] 'quadra'	['pa:ˀ.tʃo] 'cachorro quente'
['mar.sɔ] 'março'	['maɕ.ko] 'marco'	['ka:ˀ.tʃa] 'quadra'	['la:ˀ.tʃa] 'lança'
['la.ɣo] 'lago'	['la.ðo] 'lado'	[βas] 'você vai'	[tas] 'você está'
[kɛn.'pa.nɐ] 'campanha'	[kɛn.'pa.nɐ] 'sino'	['mu.tʃɐ] 'muita'	['ku.tʃɐ] 'cama para cachorro'

Em síntese, o levantamento final de fonemas resulta no quadro IV.19 que apresenta todos os fonemas consonantais do espanhol falado pela classe trabalhadora/baixa de Rivera. Observa-se assim que, do ponto de vista fonológico, não há uma mistura de línguas, já que o quadro corresponde ao quadro do EU. Foram encontradas sim diferenças fonéticas que podem ser explicadas por um lado, pela

existência de outra língua na área e, por outro, pela mudança de língua registrada historicamente.

Como já foi dito anteriormente, a proposta aqui apresentada é a de que falantes de português como língua materna estariam criando seus filhos em espanhol. Por se tratar de falantes de espanhol como segunda língua os pais não têm um domínio “perfeito” da fonética do espanhol e imprimem na língua marcas do português. Em consequência os filhos adquirem uma variedade de espanhol que soa diferente de outras variedades de espanhol.

Esse fenômeno poderia explicar também as diferenças fonéticas encontradas entre falantes do grupo X' e X'', já que a mudança de línguas parece ter começado pelas classes mais altas e estar se estendendo às classes mais baixas (cf. Carvalho 2005). Ou seja, os falantes escolarizados, ao ter acesso ao ensino formal foram expostos à variedade “padrão” e estariam tentando imitá-la. Já para os falantes não escolarizados este processo é mais demorado por não terem acesso à educação formal e por ter menos contato com as classes mais altas e em consequência menos acesso à variedade “padrão”.

Essa hipótese é confirmada por Carvalho (2005: 61) que observa “una gradación en la escala social de la asimilación del castellano según su uso en el hogar”. A autora explica que, em casos de mudança de língua, o novo idioma – o espanhol no caso de Rivera – no começo é de uso restrito dos contextos mais formais. Aos poucos a nova língua propaga-se no ambiente da antiga – o português neste caso – cujo uso fica restrito somente ao ambiente familiar. A última etapa se verifica quando a nova língua toma definitivamente o lugar da anterior. De acordo com Carvalho, a escolha de língua dos habitantes de Rivera, pode se ajustar a esses estágios. Ou seja, os jovens da classe média-média seriam representantes do último estágio, já que eles falam somente espanhol. Os falantes da classe média-baixa estariam atravessando um estágio anterior, pois ainda usam o espanhol em contextos íntimos. E por fim estariam os membros da classe baixa, que, de acordo com a autora, usam o espanhol somente em contextos formais e o português em todas as outras ocasiões.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Velar
Ocl.	p b		t d		k g
Nasais	m		n	ɲ	
Afr. Cônc.				tʃ	
Fric. Planas		f			x
Cônc.			s	ʒ	
Laterais			l		
Vib. Simples			r		
Múltipla			r		

Quadro IV.19: Fonemas do espanhol de Rivera.

#### 4.2.4 Análises acústicas

A análise acústica dos dados foi realizada nos casos em que havia dúvidas quanto à realização de certo fonema, ou quando se pretendia mostrar de forma clara e ilustrativa alguma diferença entre a pronúncia do espanhol de Montevideu e o espanhol falado em Rivera. Para alcançar essa análise recorreu-se a recursos como o programa CECIL e o SPEECH ANALISER. Quanto ao suporte teórico para as análises consultaram-se os trabalhos de Queixalós (1985) para a língua sikuani, Quilis (1988) para o espanhol e Ladfoged & Maddieson (1996) para várias línguas.

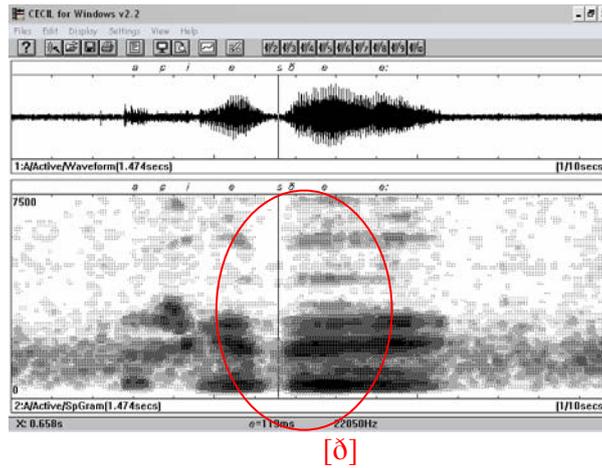


Fig IV.1: Espectrograma da seqüência [a.'ʃi.es.ðe.e:] 'alí é de e...!.

Os formantes F2 e F3 de [ð] podem ser distinguidos claramente o que evidencia que se trata de um som fricativo e não oclusivo.

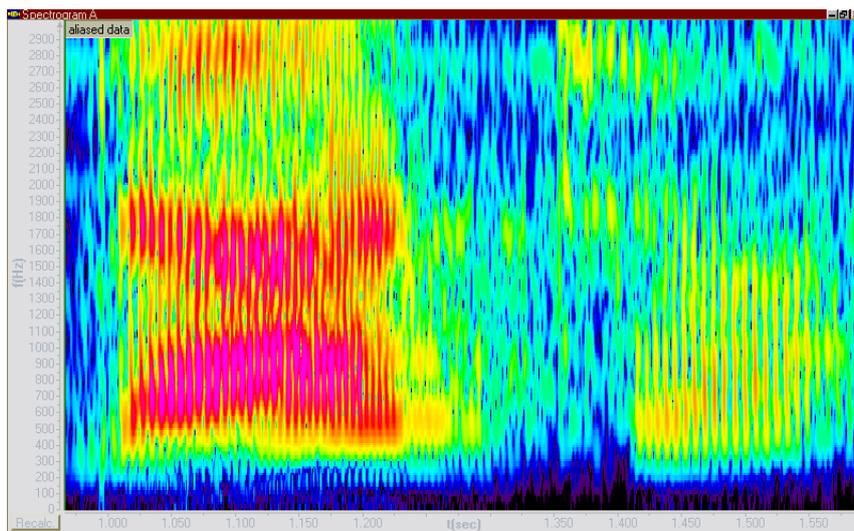


Fig. IV.2: Espectrograma da palavra [l'ẽ:tʃv] 'lança' falada por um informante de Rivera.

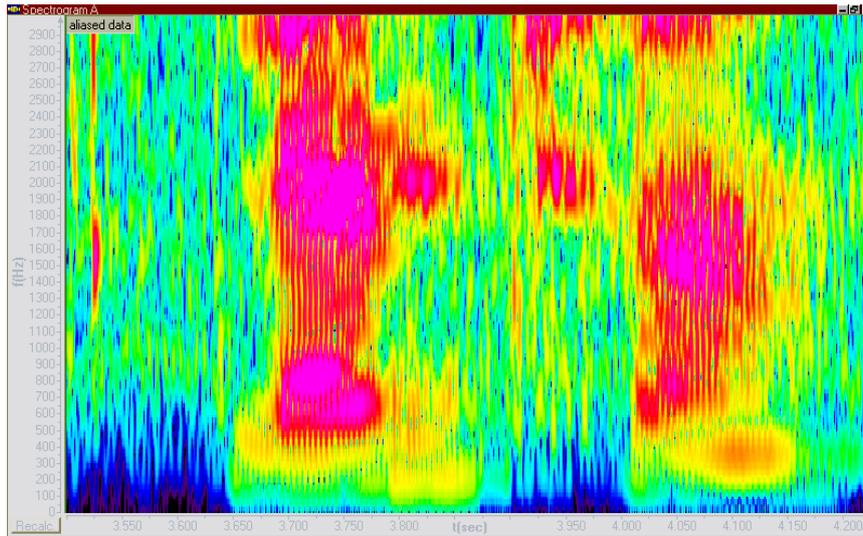


Fig. IV.3: Espectrograma da palavra 'lancha' ['lan.tʃa] falada por uma informante de Montevideú.

A palavra 'lancha' é pronunciada de forma diferente por riverenses e montevidéanos. Na fala dos riverenses esta palavra é registrada como [ˈl̃ɛ:tʃɐ], por outro lado, na fala de montevidéanos ela é pronunciada como [ˈlan.tʃa]. Ou seja, na variedade montevidéana a seqüência vogal mais nasal tautosilábica (\$V + N\$) se realiza como VN, [lan]cha, em outras palavras não há elipse do som nasal. Por outro lado, em Rivera a mesma seqüência pode-se realizar como vogal longa nasalizada (V:), [l̃ɛ:]cha. Observa-se aqui um fato que, segundo Wetzels (1997: 204), diferencia o português do espanhol: em português, a marca da nasalidade da seqüência V + N se realiza na vogal. Esse fato, pareceria ser variável nos dados do espanhol de Rivera, já que a seqüência vogal + consoante nasal se pronuncia como vogal mais consoante nasal em [ˈteŋ.go] 'tenho'; como vogal nasalizada mais consoante nasal em [pl̃ãn.'te] 'plantei'; como vogal nasalizada mais elemento nasal em [tẽ<sup>m</sup>.'bjen] 'tambem!'; como vogal longa mais consoante nasal em [ˈpa:n.do:] 'Pando', e como vogal longa nasalizada em [ˈl̃ɛ:tʃɐ] 'lancha' (Fig. IV.2). Das cinco realizações, três realizações são apontadas por Wetzels (1997) como sendo as três possíveis pronúncias de seqüências de vogal mais nasal tautosilábica em português. Efetivamente, Wetzels (1997: 204) aponta que no português do Brasil há três formas de se pronunciar 'tempo': t[ẽ<sup>m</sup>]po, uma vogal nasal seguida de uma consoante que é homorgânica com a consoante que lhe segue; t[ẽ<sup>n</sup>]po, uma vogal

nasal seguida de uma aproximante nasal homorgânica; ou t[ẽ.]po, uma vogal nasal alongada. Nos dados da variedade de espanhol aqui estudada observaram-se as três pronúncias, com alguma modificação: [teŋ.go] 'tenho', vogal nasalizada seguida de consoante nasal; [lẽ:tʃv] vogal nasalizada; e [pa:n.do:], vogal longa mais consoante nasal. Wetzels aponta uma outra diferença entre o português e o espanhol no que se refere à realização de sons nasais. Segundo o autor, em português nunca aparece uma consoante nasal plena em final de palavra. Os dados estão indicando que, aparentemente, houve uma re-interpretação da nasalidade nesta variedade de espanhol, aplicando-se as regras do português no processo de aquisição do espanhol. Assim sendo, surgiram as três pronúncias encontradas nos dados. Acrescente-se ainda que há dados como [kor.'ta.rõ] que mostram que nesta variedade de espanhol a nasal em final de palavra pode não se realizar.

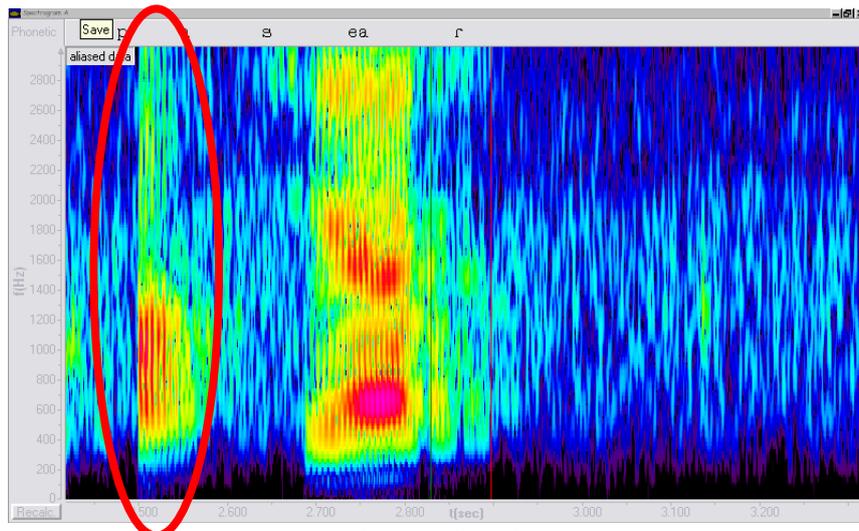
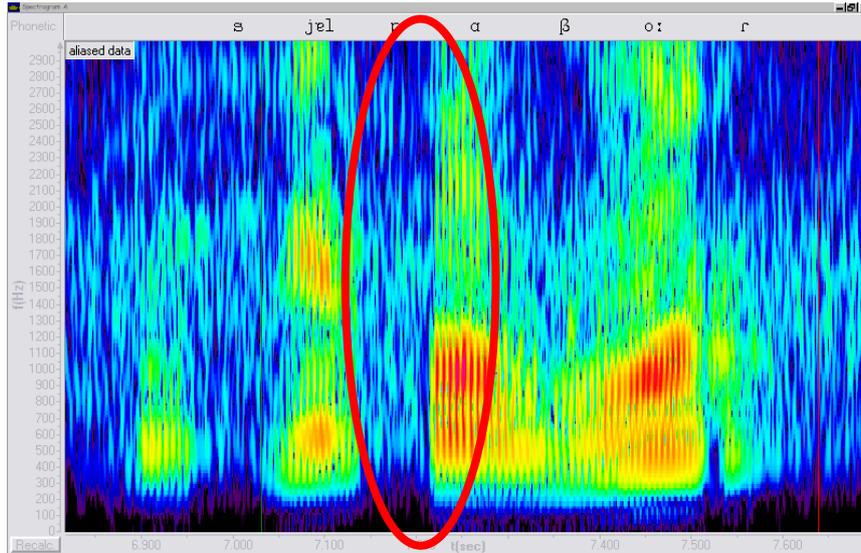


Fig. IV.4: Espectrograma da palavra 'pasar' [pa.'sar] pronunciada por um informante riverense.



[p]

Fig. IV.5: Espectrograma da seqüência 'fazia o favor' [a.sjɐl.pa.ʋoɾ] pronunciada pelo mesmo informante.

A comparação dos espectrogramas da seqüência 'passear' [pa.'sear] (Fig. IV.4) com 'fazia o favor' [a.sjɐl.pa.ʋoɾ] (Fig. IV.5) deixa em evidência que o som produzido na Fig. IV.4 é a oclusiva bilabial surda. Não foi possível verificar se este fenômeno se estende a outras palavras da língua ou se está restrito à palavra 'favor'. Deve-se lembrar que foi registrada a seqüência [um#pfa.'ʋoɾ] 'um favor'.

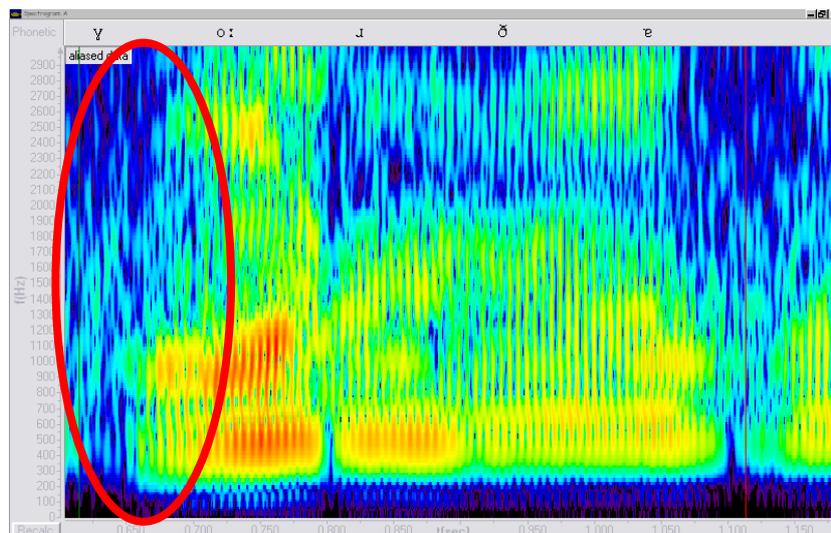


Fig. IV.6: Espectrograma da palavra 'gorda' [ɣo:ɾ.ðɐ] pronunciada por um riverense.

Observa-se que o espectrograma da palavra 'gorda' evidencia que o primeiro som da seqüência é um som oclusivo e não fricativo, já que não há áreas de turbulência no espectrograma de [g].

## **CAPÍTULO V**

---

### **O PORTUGUÊS FRONTEIRIÇO**

Este capítulo terá por objetivo descrever as características mais importantes do inventário fonológico assim como as marcas fonéticas das variedades de português falado nestas cidades da fronteira Brasil-Uruguai. Para isso, serão analisadas as entrevistas realizadas com falantes de San'tana do Livramento e de Rivera – ao todo foram entrevistados mais de 15 santanenses e quatro riverenses. Contudo, considerando as indicações de Cagliari (2002) sobre o número de informantes a ser avaliado em uma análise fonológica, decidiu-se limitar o número de informantes a três homens santanenses e dois homens riverenses da classe trabalhadora/baixa.

#### **5.1 O português padrão**

Uma vez que o objetivo deste capítulo é descrever as características mais marcantes do sistema consonantal da variedade de português falada nestas cidades da fronteira e apontar as características que o distinguem do chamado português padrão, é necessário recorrer a uma descrição fonológica do português padrão do Brasil para poder realizar uma comparação sistemática com as variedades usadas em Sant'ana do Livramento e Rivera. Por esse motivo, decidiu-se seguir as propostas de Mattoso Câmara (1970), embora vários lingüistas mais modernos tenham contestado algumas das análises realizadas pelo autor. A seguir apresentam-se os fonemas consonânticos que Mattoso Câmara propõe para o português (quadro V.1) e em seguida discutem-se brevemente algumas das análises que revêem as propostas do autor. Não é objetivo deste estudo, no entanto, apresentar uma revisão exaustiva das propostas fonológicas para o português do Brasil, pretende-se somente resgatar aquelas análises que venham a ser interessantes no âmbito deste trabalho.

	bilabiais	Labiod.	alveolar	palatais	velar
oclusivas	p b		t d		k g
fricativas		f v	s z	ʃ ʒ	
nasais	m		n	ɲ	
trill			r		
flap			ɾ		
lateral			l	ʎ	

Quadro V.1: Quadro das consoantes do português adaptado de Mattoso Câmara (1970: 50)

Contrariamente ao afirmado por Mattoso Câmara (1970), para Pontes (1965: 10), o flap /ɾ/ se opõe à semivogal /h/ e não ao trill /r/. Outra diferença é que a autora classifica as consoantes em lenes e fortes. Sendo assim, afirma que as consoantes oclusivas e fricativas surdas são fortes e as oclusivas e fricativas sonoras são lenes, conforme mostra o quadro V.2.

	Labiais	Apicais	Dorsais
Oclusivas fortes	p	t	k
lenes	b	d	g
Fricativas fortes	f	s	ʃ
lenes	v	z	ʒ

Quadro V.2: Oclusivas e Fricativas do Português Coloquial adaptado de Pontes (1965: 9)

Há ainda que se considerar a realização fonética dos sons [ɲ] e [ʎ], já que Pontes (1965)<sup>1</sup> considera que o primeiro é realizado como [j] e o segundo como a seqüência [l<sup>j</sup>]. Nos dados referentes ao português falado na fronteira, a realização do fonema nasal palatal pode variar entre [j] e [nj].

<sup>1</sup> Deve-se observar que a autora usa outros símbolos para representar esses sons, mas como aqui se pretende ser fiel à representação fonética do IPA, esses símbolos foram alterados.

Voltando ao tema das vibrantes, deve-se ressaltar que é esse um assunto complexo para a fonologia do português e que diversos autores têm apresentado distintas teorias. Mattoso Câmara (1957) propõe que há no português um único fonema vibrante, opinião revista em trabalho posterior segundo apresentado no quadro V.1. Callou & Leite (2003:76) afirmam que “parece ter havido uma mudança da norma de pronúncia da chamada vibrante forte, não só no ponto de articulação mas também no modo de articulação”. Em seguida, as autoras oferecem resultados de pesquisas realizadas no Rio de Janeiro que sustentam aquela afirmativa. Já Monaretto (1992, 1997: In Bisol, 2001) estuda a realização da vibrante simples no Rio Grande do Sul e aponta para o fato de que a vibrante alveolar [r] em final de palavra é característica desta região, mas os bilíngües substituem a vibrante múltipla [r] pela simples [r].

## 5.2 O português santanense

Embora a questão sociolingüística não seja o alvo da pesquisa aqui desenvolvida, é importante resgatar algumas informações que se tornaram evidentes na pequena pesquisa realizada no começo do trabalho de campo e apresentada no capítulo 1. Sendo assim, constatou-se que os membros do grupo Z falam de uma forma muito padronizada que reflete mais o padrão da mídia brasileira do que o padrão gaúcho. Observou-se, ao mesmo tempo, que integrantes do grupo Z geralmente não querem ou não sabem falar espanhol (embora entendam o idioma perfeitamente). Verificou-se também que os membros do grupo X não são bilíngües como em Rivera; na realidade eles, assim como os membros do grupo Z, falam somente português. Entretanto, o português falado pelos santanenses das classes mais baixas incorpora mais elementos do padrão gaúcho do que do padrão da mídia.

Um fato interessante é que em todas as interações entre membros do grupo Z de Sant'ana do Livramento com membros do mesmo grupo de Rivera, cada indivíduo usa sua língua materna. Por outro lado, em caso de interação entre membros das classes mais baixas e entre membros de classes diferentes, os moradores de Sant'ana esperam que os uruguaios falem “portunhol” ou português. Todos os santanenses entrevistados disseram que acham que os uruguaios têm mais facilidade para aprender português do que os brasileiros para aprender espanhol. Dessa forma, justificam o fato de não usar o espanhol em conversas

com moradores de Rivera, já que segundo eles para os santanenses é mais difícil falar o espanhol.

Após a transcrição fonética das gravações realizadas com os informantes de Sant’ana do Livramento o inventário fonético de sons utilizados nesta variedade de português é o que se apresenta no quadro V.3.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Palatal	Velar	Faringal
Ocl.	p b		t d			k g	
Nasais	m		n				
Afr. Cônc.				tʃ dʒ			
Fric. Planas		f v					
Cônc.			s z	ʃ ʒ			ħ
Laterais			l			ɬ	
Vib. Simples			r				
Múltipla			r				
Semi- vocóide					j ỹ	w	

Quadro V.3: Sons consonantais do português de Sant’ana do Livramento.

Nem todos os sons registrados ocorreram em início de palavra, há sons que somente ocorreram em posição inicial, conforme detalhado no quadro V.4 a seguir.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Velar
Ocl.	p b		t d		k g
Nasais	m		n		
Afr. Cônc.			tʃ		
Fric. Planas		f v			
Cônc.			s z	ʃ ʒ	
Laterais			l		
Vib. multipla			r		

Quadro V.4: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra

O número de sons consonantais registrados em final de sílaba é ainda mais restrito.

	alveolar
fricativa	s z
lateral	ɫ
vibrantes	r ɾ

Quadro V.5: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba.

Embora, este trabalho não pretenda abordar o sistema vocálico considerou-se importante apresentar um quadro que listasse os sons vocálicos registrados nos dados, assim como a relação de ocorrências de cada som. Dessa forma, o quadro V.6 traz o inventário dos sons vocálicos encontrados na fala dos santanenses. No final desta seção há uma lista que contém os registros de cada som vocálico.

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ʊ̃	
Médias	fechadas	e e <sup>^</sup>	ẽ			o o <sup>^</sup>	õ
	abertas	ɛ ɛ <sup>v</sup>				ɔ	
Baixas	fechadas			ɐ ɐ̃	ẽ		
	abertas			a			

Quadro V.6: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos santanenses.

### Ocorrência de sons consonânticos

#### Sons oclusivos-

[p]: oclusiva bilabial surda

início absoluto de palavra

[<sup>h</sup>pa.tu]  
'pato'

início de palavra

[pɪ.rɪ.'gɔ.zu]  
'perigoso'

[<sup>h</sup>pɛ.r.nɐ]  
'perna'

[pɛ.so.'aʔ]  
'pessoal'

[pa]  
'para'

onset silábico não inicial

[ɐ.po.sẽ<sup>n</sup>.<sup>h</sup>ta]  
'aposentar'

[kẽ<sup>m</sup>.<sup>h</sup>pa.njɐ]  
'no campo'

cluster em onset silábico

[pɾɐ]  
'para'

[<sup>h</sup>pla.nu]  
'plano'

Os dados mostram que o som [p] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. Pelos dados verifica-se também que [p] pode formar cluster pré-silábico com um som líquido, sendo que nesse caso o som [p] ocupará sempre o primeiro lugar e o som líquido o segundo lugar do cluster. Propõe-se assim o fonema /p/.

[b]: oclusiva bilabial sonora  
início absoluto de palavra

Não houve  
ocorrências.

início de palavra

[brɐ.zi.'le.rɔ]	['bo.deˆ]
'brasileiro'	'bode'

onset silábico não inicial

[trɐ.'ba.lja]  
'trabalha'

cluster em onset silábico

[se.'tẽm.brɔ]	['do.ble]
'setembro'	'duplo'

Os dados mostram que o som [b] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. Pelos dados verifica-se que [b], assim como [p], pode ocorrer acompanhado de outro som consonantal e conservando sempre o primeiro lugar do cluster. Postula-se, então, o fonema /b/.

[t]: oclusiva dental surda

início absoluto de palavra

[[tẽ]]	[[tu.dɔ]
'têm'	'tudo'

início de palavra

['to.rɔ]	[tẽm.'bẽ]	['tẽ]
'touro'	'também'	'têm'

onset silábico não inicial

[ɐ.kɔs.'tu.mø]	[di.veɾ.ti.'mẽn.tu]	['vĩn.tɪ]	[ɐ.'fĩn.ʒɪ]
'acostuma'	'divertimento'	'vinte'	'atinge'



[dʒ]: africada palato-alveolar sonora

[kõ<sup>n</sup>.tɾɐ.bẽ.<sup>1</sup>dʒis.tɐ]  
'contrabandista'

Os dados mostram que as variantes africadas dos fonemas oclusivos /t/ e /d/ têm ocorrência muito restrita – não mais de três ocorrências para cada som. Observa-se, ao mesmo tempo, que as palavras que foram pronunciadas com a africada foram pronunciadas também com a oclusiva correspondente pelo mesmo informante. Por esse motivo, se considerará que os alofones de /t/ e /d/, [tʃ] e [dʒ] respectivamente, não fazem parte do inventário fonético desta variedade de português.

É interessante notar, no entanto, que esta é uma característica do português dos falantes mais antigos e da classe mais baixa. No português dos jovens e dos membros das classes mais altas os sons [tʃ] e [dʒ] são alofones de /t/ e /d/.

[k]: oclusiva velar surda

início absoluto

[  ko. <sup>1</sup> hɛ]	[   <sup>1</sup> ka.dɐ]
'correr'	'cada'

início de palavra

[kɐs.te. <sup>1</sup> ja.nu]	[ <sup>1</sup> ka.rɐ]
'castelhano'	'cara'

onset silábico não inicial

[ɐ. <sup>1</sup> ki]	[ <sup>1</sup> pi.ko]	[ɐ.kus. <sup>1</sup> tu.mɐ]
'aqui'	'muito'	'acostuma'

cluster em onset silábico

[ <sup>1</sup> kla.rɐ]	[ <sup>1</sup> lu.kɾõ <sup>^</sup> ]
'claro'	'lucro'

Os dados mostram que o som [k] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. Pelos dados verifica-se que [k] – assim como [p], [b], [t] e [d] – pode ocorrer acompanhado de outro som consonantal, conservando sempre o primeiro lugar do cluster. Nos dados [k] ocorreu com [r] e [l]. Por esses motivos, postula-se o fonema /k/.

[g]: oclusiva velar sonora

início absoluto de palavra- não há ocorrências

início de palavra

[ <sup>1</sup> ga.tu]	[ga. <sup>1</sup> u.ʃo]	[ <sup>1</sup> ga.lɐ]
'gato'	'gaúcho'	'gala'

onset silábico não inicial

[a. <sup>1</sup> gɔ.rɐ]
'agora'

cluster em onset silábico

[i. <sup>1</sup> glu]	[ <sup>1</sup> grẽ̃n.dẽ]
'iglu'	'grande'

Os dados mostram que o som [g], assim como os outros sons oclusivos, ocorre sempre em onset silábico e pode formar cluster com os sons [r] e [l], mas conserva sempre o primeiro lugar do cluster. Postula-se, então, o fonema /g/.

### 5.2.1 Fonemas oclusivos

Serão fonemas oclusivos nesta variedade de português /b, p, t, d, k, g/. Considerou-se que os sons [tʃ] e [dʒ] não fazem parte do inventário fonético desta variedade de português. Observou-se, ainda, que estes fonemas ocorrem sempre em posição pré-nuclear e podem formar cluster com os sons [r] e [l] – menos /t,d/ que só formam cluster com [r].

Sons fricativos-

[f]: fricativa labiodental surda

início de palavra absoluto

[|'fi.ljə]  
'filha'

[|'fo.mo]  
'fomos'

início de palavra

[fe.ve.'rɛ.rɔ]  
'fevereiro'

[fwi]  
'fui'

[fɔr]  
'for'

onset silábico não inicial

[des.'fi.li̯]  
'desfile'

cluster em onset

[¹fr̃ⁿ.gu]  
'frango'

[floɾ]  
'flor'

Observa-se que o som [f] ocupa sempre a posição pré-nuclear. Mantendo a posição de primeiro som do cluster, pode vir acompanhado das líquidas [r] e [l]. Postula-se assim o fonema /f/.

[v]: fricativa labiodental sonora

início de palavra absoluto

[|'vĩⁿ.tʃɪ]  
'vinte'

início de palavra

[¹vi.d̥ə]  
'vida'

[¹vɛ.jə]  
'velha'

onset silábico não inicial

[ə.'vo]  
'avô'

[mẽⁿ.tre.vis.'tɕⁿ.dô̂]  
'entrevistando-me'

Os dados mostram que o som [v] ocorre sempre em onset silábico. Diferentemente de outros sons oclusivos e fricativos, com [v] não houve ocorrências de cluster, nem com [r], nem com [l]. Postula-se o fonema /v/.

[s]: fricativa alveolar surda

início de palavra

[se.'tẽ <sup>m</sup> .bɾo]	[ <sup>l</sup> sa.ir]
'setembro'	'sair'

final de palavra antes de pausa

[maj <sup>s</sup>   ]
'mais'

final de palavra

[ <sup>l</sup> de.les]	[tres]	[tres#mi <sup>t</sup> ]
'deles'	'três'	'três mil'

coda silábico não final

[mẽ <sup>n</sup> .tre.vis.'tẽ <sup>n</sup> .do <sup>^</sup> ]	[des.fi.'lẽ.du]
'entrevistando-me'	'desfilando'

onset silábico não inicial

[ <sup>l</sup> ne.sa]	[ <sup>l</sup> no.sa]
'nessa'	'nossa'

Os dados mostram que o som [s] tem ampla distribuição podendo ocorrer tanto em posição pré-nuclear como pós-nuclear. Em ambos casos o som [s] pode formar cluster. Em caso de cluster o som [s] pode se juntar à semiconsoante [j] e ocupará o lugar mais periférico com relação ao núcleo silábico. Observou-se, ainda, que o som [s] pode ocupar a posição intervocálica. Postula-se o fonema /s/.

[z]: fricativa alveolar sonora

início absoluto de palavra

[  <sup>l</sup> zi.pɪ]
'zíper'

início de palavra- não houve ocorrências

onset silábico

[ <sup>1</sup> ka.zø]	[pɪ.r. <sup>1</sup> gɔ.zø]
'casa'	'perigoso'

final de palavra

[dez] 'dez'

Pelos dados verifica-se que o som [z] ocorre em posição pré-nuclear. Considerando que não houve ocorrências em início de palavra poder-se-ia considerar que não é este um fonema, porém postular-se-á o fonema /z/, como resultado dos registros em onset silábico e da ocorrência do par mínimo, [kø.<sup>1</sup>za.do<sup>^</sup>] 'casado' e [kø.<sup>1</sup>sa.do<sup>^</sup>] 'cassado'.

[ʒ]: fricativa palatal sonora

início de palavra

[ʒø]	[ʒi.ne. <sup>1</sup> tʃja.dø]
'já'	'gineteada'

onset silábico

[a.<sup>1</sup>tʃ<sup>ɲ</sup>.ʒɪ]  
'atinge'

As ocorrências não são numerosas entretanto, por tratar-se de uma variedade de português, postula-se o fonema /ʒ/.

### 5.2.2 Fonemas fricativos

Serão fonemas fricativos nesta variedade de português /f, v, s, z, ʃ, ʒ/. Observou-se que /f, v, ʃ, ʒ/ ocorrem sempre em posição pré-nuclear e que /f/ pode formar cluster – pré-nuclear – com [r] e [l]. O fonema /s/ pode ocorrer em posição pré e pós-nuclear e pode, ainda, formar cluster pós-nuclear.

Sons nasais-

[m]: nasal bilabial sonora

início de palavra absoluto

[me]  
'me'

início de palavra

[mĩ]	[mo.'rer]	['mor.to]	[maʔ]
'mim'	'morrer'	'morto'	'mal'

onset silábico não inicial

['so.mos]	[a.'mi.gu]	[ɐ.kus.'tu.mø]
'somos'	'amigo'	'acostuma'

Os dados mostram que o som [m] ocorre sempre em onset silábico. Postula-se o fonema /m/.

[n]: nasal alveolar sonora

início absoluto de palavra

[|'na.dø]  
'nada'

início não absoluto

[no.ve.'sẽ <sup>n</sup> .tos]	[na]	['no.sa]
'novecentos'	'na'	'nossa'

onset silábico não inicial

[mɪ.'ni.nus]  
'meninos'

Os dados mostram que o som [n] ocorre somente em posição pré-nuclear. Não foram registradas ocorrências de [n] em posição pós-nuclear e nem em final de palavra. Postula-se assim o fonema /n/.

[nj]: nasal alveolar mais semiconsoante palatal

[ <sup>1</sup> li.njɐ]]	[kẽ <sup>m</sup> . <sup>1</sup> pa.nja]
'linha'	'campanha'

Observa-se que as duas ocorrências correspondem a palavras de origem hispânica. Postular-se-á que a seqüência [nj] é alofone do fonema /n/.

### 5.2.3 Fonemas nasais

Serão fonemas nasais nesta variedade de português /m, n/. Ambos fonemas ocupam somente a posição pré-nuclear.

Sons líquidos (vibrantes)-

[r]: vibrante múltipla

início absoluto de palavra – não houve ocorrências  
início de palavra

[ <sup>1</sup> ru.ɐ]]	[ro. <sup>1</sup> ba]
'rua'	'roubar'

final de palavra

[mo. <sup>1</sup> rer]	[  la. <sup>1</sup> sar]
'morrer'	'laçar'

onset não inicial

[mo. <sup>1</sup> rer]
'morrer'

coda silábico não final

[ <sup>1</sup> mor.to]
'morto'

Registraram-se duas ocorrências do som [h̥], que no IPA corresponde a um som fricativo faringal surdo. Na realidade optou-se por este símbolo para representar o som registrado, pois esse som não corresponde nem a [x], fricativa velar surda nem a [h], fricativa glotal surda. As duas únicas ocorrências foram registradas na fala de um mesmo informante, não houve ocorrências desse som na fala dos outros informantes. Seria interessante, contudo, realizar um outro estudo para verificar a ocorrência desse som na fala

de outros santanenses, uma vez que Rona (1965b:93) afirma que “la vibrante velar múltiple del portugués brasileño, que ya em algunas otras regiones del Brasil se hace fricativa velar, em esta zona se transforma en fricativa uvular y aún em laringal, no diferente de la /h/ inglesa.”

Esse fato, registrado por Rona no dialeto fronteiriço parece contradizer o que normalmente se afirma sobre o PG. Ou seja, uma das marcas do português gaúcho é a pronuncia ainda vibrante do fonema /r/.

As ocorrências registradas no *corpus* foram

[ko.'ħɛ]	[o.'ħoɾ]
'correr'	'horror'

Observa-se que esse som seria um alofone da vibrante múltipla /r/.

[ɾ]: vibrante simples

início absoluto de palavra- não houve ocorrências

início de palavra – não houve ocorrências

final de palavra

[me.'ljɔɾ]
'melhor'

coda silábico não final

[ 'pɛɾ.nɐ]
'perna'

onset silábico não inicial

[a.'gɔ.ɾɐ.]	[mo.'ɾɛj]
'agora'	'morei'

cluster em onset

[ 'ke.bɾa]
'quebra'

Nota-se que tanto o som [r] quanto [r̥] podem ocorrer em onset. Nessa posição encontrou-se o seguinte par análogo: [mo.'rer] 'morrer' e [mo.'rɛj] 'morei'.

[r̥]: vibrante simples ensurdecida

final de palavra e onset silábico- não houve ocorrências

coda silábico não final

[di.ve.r̥.ti.'mẽ<sup>n</sup>.tu]]  
'divertimento'

cluster em onset

[t̥r̥es]  
'três'

[p̥r̥ɐ]  
'pra'

[t̥r̥a.ba.'lje]  
'trabalhei'

[t̥r̥.'pẽ̌.r̥o]]  
'tropeiro'

Observa-se que o som [r̥] é uma variante de [r] que se apresenta ensurdecida em determinados ambientes, a saber: onset silábico em final de palavra antes de silêncio, cluster onde a primeira consoante é surda e coda silábico seguido de consoante surda.

#### 5.2.4 As vibrantes

Nota-se que os dois sons [r] e [r̥], ocorrem em posição intervocálica, para a qual encontrou-se um par análogo, e por isso postularam-se os fonemas /r/ e /r̥/. É interessante lembrar que em determinados ambientes a ocorrência de [r̥] é mais produtiva que a de [r]. De tal modo, como segundo elemento de um cluster, ocorre sempre [r̥]. Em determinados ambientes [r̥] tem uma variante [r̥̃] que ocorre em final de palavra antes de silêncio; cluster onde a primeira consoante é surda; e coda silábico seguido de consoante surda.

Serão fonemas vibrantes /r/ e /r̥/, mas a distinção entre estes será válida somente em posição intervocálica.

Sons líquidos (laterais)-

[l]: lateral alveolar sonora

início absoluto de palavra

[la]  
'lá'

início de palavra

[la.dʒu|||]  
'lado'

[li.njɐ|||]  
'linha'

onset silábico não inicial

[brɐ.zi.'lej.rɐ]  
'brasileira'

[pla.kɐ]  
'placa'

Os dados mostram que o som [l] ocorre em posição pré-nuclear, tanto como único elemento pré-nuclear, como em cluster com uma oclusiva. Postula-se assim o fonema /l/.

[ɫ]: lateral sonora velarizada

final de palavra

[miɫ]  
'mil'

[brɐ.'ziɫ]  
'Brasil'

coda silábico

[saɫ.'ga.du]  
'salgado'

As ocorrências de [ɫ] estão restritas à posição de final de sílaba ou palavra, isto é coda silábico. Por esse motivo, postula-se que o fonema /l/ terá como alofone o som [ɫ] que ocorre em coda silábico.

### 5.2.5 As laterais

O fonema lateral nesta variedade de português será /l/, que ocorre em todas as posições silábicas menos a nuclear. Esse fonema em posição final de sílaba ou palavra terá como alofone o som [ɫ].

## 5.2.6 Fonemas consonantais

Apresenta-se a seguir o quadro contendo todos os fonemas consonantais da variedade de português falada em Sant'ana do Livramento.

	bilabiais	labiod.	alveolar	palatais	velar
oclusivas	p b		t d		k g
fricativas		f v	s z	ʃ ʒ	
nasais	m		n		
trill			r		
flap			ɾ		
lateral			l		

Quadro V.7: Fonemas consonantais do português de Sant'ana do Livramento.

## 5.2.7 Ocorrência de sons vocálicos

Mesmo quando o objeto de estudo deste trabalho está restrito a sons e fonemas consonantais, considerou-se interessante listar algumas ocorrências dos sons vocálicos, em especial porque podem apontar alguma diferença entre o português falado em Livramento e o português falado em Rivera.

[u]: vogal posterior alta fechada arredondada

núcleo silábico sem onset ou coda

[u.ru.'gwa.jo<sup>h</sup>]  
'uruguaio'

núcleo silábico com onset

[i.'glu]  
'iglu'

núcleo silábico com onset e coda

['muj.tu]  
'muito'

[ũ]: vogal posterior alta fechada arredondada nasalizada

[ˈũ.ɐ]	[ko.ˈmũ]
'uma'	'comúm'

[u]: vogal posterior alta aberta arredondada

final de palavra

[pɾi.ɾi.ˈgɔ.zu]	[ẽ.nu]
'perigoso'	'ano'

núcleo de sílaba com onset e coda em posição não final

[mi.ˈni.nus]
'meninos'

[ɔ̃]: vogal posterior alta aberta arredondada ensurdecida

[ɐ.ˈmi.gɔ̃]	[ˈme.dɔ̃]
'amigo'	'medo'

[i]: vogal anterior alta fechada não arredondada

início de palavra

[i.ˈglu]
'iglu'

núcleo de sílaba com onset ou coda

[ˈli.njɐ]	[tɾɐ.ˈzi.a]
'linha'	'trazia'

[ĩ]: vogal anterior alta fechada não arredondada nasalizada

início de palavra

[ĩ]
'em'

núcleo de sílaba com onset

[[<sup>h</sup>vĩ<sup>n</sup>.tʃɪ]]  
'vinte'

[ɪ]: vogal anterior aberta não arredondada

final de palavra

[[<sup>h</sup>vĩ<sup>n</sup>.tʃɪ]]  
'vinte'

núcleo silábico com onset

[mi.<sup>h</sup>ni.nʊs]  
'meninos'

[o]: vogal posterior média fechada arredondada

núcleo silábico com onset

[ <sup>h</sup> to.rʊ]	[pe.so. <sup>h</sup> at]
'touro'	'pessoal'

núcleo silábico com onset e coda

[o. <sup>h</sup> ɔr]	[dojs]
'horror'	'dois'

[o<sup>h</sup>]: vogal posterior média fechada arredondada + alta

[me <sup>n</sup> .tre.vis. <sup>h</sup> tõ <sup>n</sup> .do <sup>h</sup> ]	[paj. <sup>h</sup> sa.no <sup>h</sup> ]
'entrevistando-me'	'do Uruguai'

[õ]: vogal posterior média alta arredondada nasalizada

[kõ <sup>n</sup> ]	[ <sup>h</sup> põ <sup>n</sup> .ti]
'com'	'ponte'

[ɔ]: vogal posterior média aberta arredondada

[ 'pɔ.dɪ ]	[v̩a.'gɔ.r̩v̩.]
'pode'	'agora'

[ɛ]: vogal anterior média aberta não arredondada

núcleo silábico

[|'ɛ|]  
'é'

núcleo silábico com onset

[ko.'h̩ɛ.]	[ 'nɛ.sas ]	[v̩.le.'gr̩ɛ.te]
'correr'	'nessas'	'Alegrete'

núcleo silábico com onset e coda

[ 'pɛr.n̩v̩ ]	[ 'fɛs.t̩v̩ ]
'perna'	'festa'

[ɛ̃]: vogal anterior média aberta não arredondada + baixa

[|nɛ̃||]  
'ne'

[ê]: vogal anterior média fechada não arredondada + alta

[ 'bɔ.dê  ]	[i.'da.dê]
'bode'	'idade'

[ẽ]: vogal anterior média fechada não arredondada + baixa

[|tr̩.'p̩ẽ.r̩o̩|]  
'tropeiro'

[e]: vogal anterior média fechada não arredondada

núcleo silábico com onset

[ <sup>1</sup> ve.ze]	[ <sup>1</sup> me.dʊ  ]
'vezes'	'medo'

núcleo silábico com onset e coda

[des.fi. <sup>1</sup> l̃e.do]	[t̃res]
'desfilando'	'tres'

[ɐ]: vogal central média fechada não arredondada

final de palavra antes de pausa

[ɐ.kus. <sup>1</sup> tu.mɐ]	[ <sup>1</sup> va.kɐ  ]
'acostuma'	'vaca'

final de palavra

[a. <sup>1</sup> sus.tɐ]	[prɐ]
'assusta'	'pra'

núcleo silábico com onset e coda

[mɐs]
'mas'

[ẽ]: vogal central média fechada não arredondada nasalizada

núcleo silábico sem onset

[ <sup>1</sup> ẽ.nʊ  ]
'ano'

núcleo silábico com onset e coda

[m̃ɛj]	[ñɛw]
'mãe'	'não'

[a]: vogal central aberta não arredondada  
final de palavra

[ˈpla.kə]  
'placa'

núcleo de sílaba com onset

[ˈva:kə]  
'vaca'

[ga.ˈu.ʃo]  
'gaúcho'

[w]: aproximante velar sonora  
coda silábico

[nẽw]  
'não'

[ew]  
'eu'

onset silábico

[kwə.ˈrẽ.ta]  
'quarenta'

[ˈle.gwə]  
'légua'

[j]: aproximante palatal sonora  
onset silábico

[ʒi.ne.ˈtʃja.də]  
'gineteada'

[pja.ˈla]  
'pegaram'

coda silábico

[tẽj]  
'tenho'

[paj]  
'pai'

### 5.3 O Português do Uruguai

Quanto ao PU, as considerações serão feitas levando em conta a análise da fala de dois informantes; um senhor de 80 anos e outro de 52 anos. Sendo assim, a seguir listam-se os sons consonantais registrados na fala dos informantes.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Velar
Ocl.	p b		t d		k g
Nasais	m		n		
Afr. Cônc.				dʒ tʃ	
Fric. Planas	β	f v			
Cônc.			s z	ʃ ʒ ʒ	
Laterais			l	ʎ	ʎ
Vib. Simples			r		
Múltipla			r		

Quadro V.8: Sons consonantais do português de Rivera.

Nem todos os sons consonantais aparecem em posição inicial, segue-se a lista daqueles sons que de fato podem ocorrer em início de palavra.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Velar
Ocl.	p b		t d		k g
Nasais	m		n		
Afr. Cônc.				tʃ dʒ	
Fric. Planas		f v			
Cônc.			s z	ʃ ʒ	
Laterais			l		
Vib. multipla			r		

Quadro V.9: Sons consonantais que aparecem em posição inicial de palavra

Dos sons listados acima somente um número bastante restrito ocorre em final de sílaba. Esses sons foram arranjados no quadro V.10.

	alveolar
nasal	n
fricativa	s
lateral	ʎ
vibrantes	r r̥

Quadro V.10: Sons consonantais que aparecem em posição final de sílaba.

Quanto aos sons vocálicos, o quadro que se segue registra todas as ocorrências computadas no português de Rivera.

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas fechadas	i	ĩ			u	ũ
abertas	ɪ				ʊ ɯ	
Médias fechadas	e e <sup>^</sup>	ẽ			o	õ
abertas	ɛ				ɔ	
Baixas fechadas			ɐ	ẽ		
abertas			a			

Quadro V.11: Sons vocálicos que ocorreram nos dados.

Ocorrência de sons consonânticos

Sons oclusivos-

[p]: oclusiva bilabial surda

início absoluto de palavra

[[pɐ.'sa.dʊ]  
'passado'

[[pɐ.'rɔ]  
'parou'

[[pʊɾ]  
'por'

[[pɐ.'sa.rɐw]  
'passaram'

início de palavra

[ba#pa.'sjɛn.dʊ]  
'passeando'

[dʊ#pu.'di.ɐ]  
'podia'

[paj]  
'pai'

[vɛ#j#pɾʊ]  
'pro'

[ɐ#paɾ.tɛ<sup>^</sup>]  
'parte'

[pojs#pɐ.'sa.rɐw]  
'passaram'

[rɐw#pal]  
'pra'

[rɐ#pe.dɾʊ]  
'Pedro'

[kow#pɐ.'ra.dʊ]  
'parado'

['peɾ.tʊ]  
'perto'

onset silábico não inicial

['ɛ.pʊ.kɐ]  
'época'

[de.'pos]  
'depois'

cluster em onset silábico

[pɾʊ]  
'pro'

[pɾɐ]  
'pra'

[pɾɛ.se s]  
'pra esses'

Os dados mostram que o som [p] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. Pelos dados verifica-se também que [p] pode ocorrer acompanhado de outro som consonantal antes do núcleo da sílaba. Nesse caso o som [p] ocupará sempre o primeiro lugar e o som líquido o segundo lugar do cluster. Nos dados o único som que acompanha o [p] é o [r], porém, se este dialeto conservar as características de outras variedades de português espera-se que também o som [l] possa formar encontro consonantal com [p]. Propõe-se assim o fonema /p/.

[b]: oclusiva bilabial sonora

início absoluto de palavra

[[ <sup>h</sup> bwe.nu]	[[bwø]	[[bõ]
'bom'	'bom'	'bom'

início de palavra

[pɾo#bra.'ziʔ]	[di# <sup>h</sup> bo.dʒi]	[kõ.#ba.tis.'tɛ.rjʊ]	[ <sup>h</sup> tø#boj]
'Brasil'	'bode'	'batismo'	'boi'

onset silábico não inicial

[ <sup>h</sup> ta.bø]	[tɾø.βø.'lja.bø]	[sø.'bɛ]	[tɾø.bø.'lja]
'tava'	'trabalhava'	'saber'	'trabalhar'
[de <sup>h</sup> s.ko.'bɾi]	[[tɾø.baj.'ɛ <sup>h</sup> ]	[tø.kwø.rẽ.'bo]	[bra.'ziʔ]
'descobri'	'trabalhei'	'tacuarembó'	'Brasil'

cluster em onset silábico

[de <sup>h</sup> s.ko.'bɾi]	[bra.'ziʔ]
'descobri'	'Brasil'

Os dados mostram que o som [b] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. É interessante notar que nos dados o som [β] (alofone de /b/ em espanhol) ocorre em contadas ocasiões. Observou-se, ainda, que o som [b] pode ser onset de pelo

menos quatro sons vocálicos do português; a saber [a, ε, ɔ, o], podendo também ocupar a posição intervocálica.

Pelos dados verifica-se que [b], assim como [p], pode ocorrer acompanhado de outro som consonantal e conservando sempre o primeiro lugar do cluster. Nos dados o único som que acompanha o [p] é o [r], porém, se este dialeto conservar as características de outras variedades de português espera-se que o som [l] possa formar encontro consonantal com [b]. Postula-se, então, o fonema /b/.

[t]: oclusiva dental surda

início absoluto de palavra

[t̃w]	[tʁɐ.baj.ˈɛ̃.j.ɛ̃]	[ tʁɐ.baj.ˈjej]
'então'	'trabalhei em'	'trabalhei'

início de palavra

[i#tʁɛjs]	[tʁɐ.βa.ˈλa.bɐ]	[teɾ.mi.ˈno]	[tɐ.kwɐ.rẽ.ˈbɔ]	[tʁɐ.ba.ˈja]
'três'	'trabalhava'	'terminou'	'tacuarembó'	'trabalhar'

onset silábico não inicial

[re.ʒis.ˈtɐ.rɔ]	[kɐɾ.ˈto.rjɔ]	[ˈpeɾ.tu]	[mõ.ti.vi.ˈdew]	[ˈsaɫ.tu]
'registaram'	'cartório'	'perto'	'Montevidéu'	'salto'
[ɛ̃.n.ˈt̃w]	[no.ˈvẽ.ta]	[maɾ.ˈti.nes]	[ˈsɐ̃.n.tɔs]	[ˈmuj.tu]
'então'	'noventa'	'Martinez'	'Santos'	'muito'

cluster em onset silábico

[i#tʁɛjs]	[tʁa.βa.ˈλa.bɐ]	[ˈɔ.tʁɔ]	[tʁɐ.baj.ˈɛ̃.j.ɛ̃]	[fiɫ.tʁɛj]
'três'	'trabalhava'	'outro'	'trabalhei em'	'filtrei'
	[pa.ˈtʁɐ̃w]	[kɔns.tʁu.ˈtoɾ]	[kõ.ˈtʁa.to]	
	'patrão'	'construtor'	'contrato'	

Os dados mostram que o som [t] tem ampla distribuição, ocorrendo sempre em onset silábico. O som [t] aparece inclusive em encontro consonantal com o som [r], nesse caso ocupará sempre a primeira posição do cluster. Por esses motivos postula-se o fonema /t/.

[d]: oclusiva dental sonora

início absoluto de palavra

[[de]	[[de.'pos]	[[des.o.'zɐ]	[[dɪ]
'de'	'depois'	'desossar'	'de'

início de palavra

[uz#dojz]	[[i#de.'pos]	[tu#de]	[paj#de.le <sup>^</sup> ]
'dois'	'depois'	'de'	'dele'
[mo#di.'zɛ]	[ka.#de]	[rɔ#dɪ]	[rjɔ#dɔ]
'dizé'	'de'	'de'	'do'

onset silábico não inicial

[pɐ.'sjẽ.dɔ]	[sɪ.'gũ <sup>n</sup> .da]	[ɐ#sɪ.'da.dɪ]	[ɪs.kõ.'di.dɔ]	[pɔ.'di.ɐ]
'passeando'	'segunda'	'cidade'	'escondido'	'podia'
[ <sup>l</sup> la.dɔ]	[ <sup>l</sup> kwẽ.dɔ]	[ <sup>l</sup> na.dɐ]	[ <sup>l</sup> pɐ.'sa.dɔ]	[na.'si.dwẽn]
'lado'	'quando'	'nada'	'passado'	'nascido em'

Os dados mostram que o som [d] tem ampla distribuição, ocorrendo sempre em onset silábico. Não há ocorrências do som [d] em encontro consonantal nos dados, mas dado que os outros sons oclusivos formam conjunto com outros sons consonantais, espera-se que o som [d] mantenha o mesmo comportamento. Pelos motivos arrolados postula-se o fonema /d/.

[tʃ]: africada palato-alveolar surda

[[ <sup>tʃ</sup> tʃi.jɐ]
'tinha'

[dʒ]: africada palato-alveolar sonora

[nu#dʒjo.gu]	[u#ɪs.kõ.'dʒi.dɐ]	[ɪs.kõ.'dʒi.dɐ]
'Diogo'	'escondida'	'escondida'

Os dados mostram que as variantes africadas dos fonemas oclusivos /t/ e /d/ têm ocorrência bastante restrita. Por esse motivo, considerar-se-á que os alofones de /t/ e /d/, [tʃ] e [dʒ] respectivamente, não fazem parte do inventário fonético desta variedade de português.

No *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay –Norte* (tomo I, dedicado ao estudo das laterais e palatais), os autores (Thun et al, 2000) concluem que a palatalização ocorreu primeiro nas surdas e depois nas sonoras, porém a palatalização se espalhou mais rápido nas oclusivas sonoras do que nas oclusivas surdas. Afirmam também que a palatalização é mais difundida entre os brasileiros do que entre os uruguaios e que são os jovens e os membros das classes mais altas que promovem a mudança.

Esses dados vêm a explicar o número reduzido de ocorrências de [tʃ] e [dʒ] já que tanto os informantes brasileiros quanto os uruguaios são pessoas idosas e das classes baixa/trabalhadora.

[k]: oclusiva velar surda

início absoluto

[ <sup>h</sup> 'ko.mu]	[ <sup>h</sup> 'kẽ.'na.rjɐ]	[ <sup>h</sup> 'kons.tɾu.'toɾ]	[ <sup>h</sup> 'kwẽ <sup>n</sup> .du]
'como'	'canária'	'construtor'	'quando'
[ <sup>h</sup> 'kɐɾ.'njɐ]	[ <sup>h</sup> 'kwɐ.zi]	[ <sup>h</sup> 'kɛ:.'rɐ]	
'carnear'	'quase'	'que era'	

início de palavra

[ke:]	[kẽ.ne.'lõ.ne <sup>h</sup> s]	[ <sup>h</sup> 'ko.mu]	[kõn]	[ <sup>h</sup> 'zɛ#kɛ:]
'que'	'Canelones'	'como'	'com'	'que'
[ <sup>h</sup> 'kɐɾ.'to.rjʊ]	[kẽ.'na.rjʊ]	[ <sup>h</sup> 'koj.zɐ]	[ <sup>h</sup> 'kaɾ.ɲ]	[kõ.'tɾa.to]
'cartório'	'canário'	'coisa'	'carne'	'contrato'

onset silábico não inicial

[ <sup>1</sup> ɛ.pu.ka]	[ɐ.'ki]	[fɾi.go.'ri.fi.ku]	[ <sup>1</sup> ba.ɾo.ku]	[fɾa.kɐ.'sa.du]
'epoca'	'aqui'	'frigorífico'	'barco'	'fracassado'

cluster em onset silábico

[kɾi.'ɛj]	[ <sup>1</sup> kɾi.mɛ]	[ <sup>1</sup> kla.ru]
'criei'	'crime'	'claro'

Os dados mostram que o som [k] tem ampla distribuição ocorrendo sempre em onset silábico. Pelos dados verifica-se que [k] – assim como [p], [b] e [t] – pode ocorrer acompanhado de outro som consonantal, conservando sempre o primeiro lugar do cluster. Postula-se, então, o fonema /k/.

[g]: oclusiva velar sonora

início absoluto de palavra - não há ocorrências

início de palavra

[de#gu.'ri]	[ẽj#gẽ.'njo]	[de# <sup>1</sup> grẽ.de]
'guri'	'ganhou'	'grande'

onset silábico não inicial

[si. <sup>1</sup> gũ <sup>n</sup> .da]	[na.ve.ga.'sõn <sup>1</sup> ]	[u.ru.'gwa.jo]	[ <sup>1</sup> saɫ.gɐ]	[fɾi.go.'ri.fi.ku]
'segunda'	'navegação'	'uruguaio'	'salga'	'frigorífico'

cluster em onset silábico

[i. <sup>1</sup> grɛ.ʒɐ]	[ <sup>1</sup> grẽ.de]
'igreja'	'grande'

Os dados mostram que o som [g], assim como os outros sons oclusivos, ocorre sempre em onset silábico e pode formar cluster com o som [r], mas conserva sempre o primeiro lugar do cluster. Mais uma vez, nos dados o único som que acompanha o [g] é o [r], espera-se, não obstante, que o som [l] possa formar encontro consonantal com [g]. Postula-se, então, o fonema /g/.

### 5.3.1 Fonemas oclusivos

Serão fonemas oclusivos nesta variedade de português /b, p, t, d, k, g/. Considerou-se que os sons [tʃ] e [dʒ], por terem ocorrência muito restrita, não fazem parte do inventário fonético desta variedade de português. Observou-se, ainda, que estes fonemas ocorrem sempre em posição pré-nuclear e podem formar cluster com o som [r].

Sons fricativos-

[β]: fricativa bilabial sonora

[tʃa.βa.'lja.bɐ]	[[β#]βa.mo]
'trabalhava'	'vamo'

É interessante apontar para o fato de que no restante da entrevista o informante repete o lexema<sup>2</sup> 'trabalhar' inúmeras vezes, porém sempre com [b] no lugar de [β]. Por serem estas as duas únicas ocorrências do som, o mesmo não será considerado como parte do inventário fonético desta variedade de português.

Por outro lado, a expressão [βwe.no] 'bom' foi registrada várias vezes na fala dos dois informantes. Contudo, pode-se considerar que se trata de uma expressão cristalizada.

[f]: fricativa labidental surda

início de palavra absoluto

[[fi.'kow]	[[fʃi.go.'ri.fi.ku]	[[fi.'kej]	[[fwi]
'ficou'	'frigorífico'	'fiquei'	'fui'

início de palavra

[ 'fu.i]	[fa.'zɛ]	[fwi]	[fi.'kej]	[fiʔ.'tʃɛ]
'fui'	'fazé'	'fui'	'fiquei'	'filtrei'

<sup>2</sup> Estou usando aqui o conceito de lexema apresentado por Perini (2006:93).

onset silábico não inicial

[fɾ̥i.go.'ri.fi.ku]	['sa.fɾ̥ø]
'frigorífico'	'safra'

cluster em onset

[fɾ̥ø.'sis.kø]	[[fɾ̥i.go.'ri.fi.ku]	[fɾ̥a.kø.'sa.ðu]	['sa.fɾ̥ø]
'Francisca'	'frigorífico'	'fracassado'	'safra'

Observa-se que o som [f] ocorre com qualquer vogal e ocupa sempre a posição pré-nuclear. Mantendo a posição de primeiro som do cluster, pode vir acompanhado da vibrante [ɾ]. Postula-se assim o fonema /f/.

[v]: fricativa labiodental sonora  
início de palavra absoluto

[[vej]	[[vi.'vi.ø]
'veio'	'vivia'

início de palavra

[sɪ#vêˆj]  
'veio'

onset silábico não inicial

[a.'vi.ø]	[ri.'vɛ.ɾ̥ø]	[no.'vẽ.ta]	[mõ.ti.vi.'dew]	[na.ve.ga.'sõnˆ]
'havia'	'Rivera'	'noventa'	'Montevideú'	'navegação'

Os dados mostram que o som [v] ocorre sempre em onset silábico. Diferentemente de outros sons oclusivos e fricativos, não houve ocorrências de cluster, nem com [ɾ], nem com [l]. Observou-se, ainda, que este som pode ser onset de pelo menos cinco sons vocálicos orais do português; a saber [a, ɛ, e, i, o], podendo também ocupar a posição intervocálica. Postula-se assim, o fonema /v/.

[s]: fricativa alveolar surda

## início de palavra

[sø.lø.'dɛ.r̥o]	[sɪ.'gũ <sup>n</sup> .da]	[se.sẽw]	[de#sał.tu]	[pu.r̥#'se.r̥o.ka]
'saladero'	'segunda'	'sessão'	'Salto'	'perto'
[lus#sẽ <sup>n</sup> .tu]	[ø#sɪ.'da.dɪ]	[su.r̥.'ʒi.u]	[ew#sow]	[sø.'bɛ]
'Santos'	'cidade'	'surgiu'	'sou'	'sabé'

## final de palavra antes de pausa

[mar̥o.'ti.nes]	[lus]	[kẽ.ne.'lõ.ne <sup>^</sup> s]	[sẽ.tu]	[u.r̥u.'gwa.ju]
'Martinez'	'luz'	'Canelones'	'Santos'	'uruguaiois'

## final de palavra

[tr̥ejs]	[de.'pojs#pø]	[e.sas#ko]
'três'	'depois'	'essas'

## coda silábico não final

[re.'ʒis.tu]	[kons.tɔu.'toɾ]	[fr̥ẽ <sup>n</sup> .'sis.kø]	[des.o.ʒø]
'registro'	'construtor'	'Francisca'	'desossar'
[ɪs.kõ <sup>n</sup> .di.du]	[de <sup>^</sup> s.ko.'bɾi]	[kəs.te.'ʃjø.nu]	[ɪs.pẽ <sup>n</sup> .'joł]
'escondido'	'descobri'	'castelhano'	'espanhol'

## onset silábico não inicial

[pa.'sjẽ <sup>n</sup> .du]	[se.sẽw]	[ne.'go.sju]	[na.ve.ga.'sõn <sup>˘</sup> ]	[na.'si]
'passeando'	'sessão'	'negocio'	'navegação'	'nasci'
[fr̥a.kø.'sa.ðu]	[mar̥o.se.'li.nu]	[fr̥ẽ <sup>n</sup> .'sis.kø]	[pø.'sa.r̥ẽw]	[di.se <sup>^</sup> ]
'fracassado'	'Marcelino'	'Francisca'	'passaram'	'dizé'

Os dados mostram que o som [s] tem ampla distribuição podendo ocorrer tanto em posição pré-nuclear como pós-nuclear. Em ambos casos o som [s] pode formar cluster. Em caso de cluster pré-nuclear o som [s] pode se juntar à semiconsoante [j], já no caso de cluster pós-nuclear, nos dados, verificou-se a ocorrência com [n]. Tanto no caso de cluster pré-nuclear como no caso de cluster pós-nuclear, o som [s] ocupa o lugar mais periférico

com relação ao núcleo silábico. Observou-se, ainda, que o som [s] pode ocupar a posição intervocálica.

[z]: fricativa alveolar sonora

início absoluto de palavra- não há ocorrências

início de palavra- não há ocorrências

onset silábico

'kwɛ.zi]	[rɔ.'za.rjɔ]	[fa.'zɛ]	[di.'zɛ]
'quase'	'Rosário'	'faze'	'dizé'

final de palavra

['ko.zaʒ]	[dojz#u]
'coisas'	'dois'

Encontrou-se o seguinte par análogo: [di.'ze] 'dizé' e ['di.se] 'disse'.

Pelos dados verifica-se que o som [z] ocorre em posição pré-nuclear. Observa-se que há duas ocorrências em final de palavra, sendo a primeira ['ko.zaʒ] 'coisas' e a segunda [dojz] 'dois'. No primeiro caso o som [z] apresenta-se ensurdecido, fato que pode ser relacionado à ocorrência antes de pausa. Por outro lado, a segunda ocorrência pode estar relacionada ao fato do som [z] estar em posição intervocálica. Por esses motivos esses dois dados não podem ser plenamente considerados para realizar uma afirmação concreta quanto à qualidade do som [z] em final de palavra. De qualquer maneira, considerando as ocorrências em onset silábico, e o par mínimo achado, postular-se-á o fonema /z/.

[ʒ]: fricativa palatal sonora

[su.r.'ʒi.ɔ]
'surgiu'

[ʒ]: fricativa palatal sonora avançada

onset silábico não inicial

[re.ʒis.tø.ru]	[i.'grɛ.ʒø]	[re.'ʒis.tu]
'registraram'	'igreja'	'registro'

As ocorrências neste caso são mais numerosas do que as do o som [ʒ]. Observa-se também que a palavra 'escondida' é pronunciada com [ʒ] e [ʒ̃], fato que implicaria na alofonia dos dois sons. Postula-se o fonema /ʒ/ que terá como alofones os sons [ʒ] e [ʒ̃].

[ʃ]: fricativa palatal surda

início de palavra

[ʃaʁ.ke]
'charque'

onset silábico

[kø.s.te.'ʃjø.nu]
'castelhano'

A ocorrência deste som é bastante restrita, o que impossibilita o levantamento de conclusões extensas. Pode-se mesmo assim postular o fonema /ʃ/.

### 5.3.2 Fonemas fricativos

Serão fonemas fricativos nesta variedade de português /f, v, s, z, ʃ, ʒ/. Considerou-se que o som [β], por ter ocorrência muito restrita, não faz parte do inventário fonético nem fonológico desta variedade de português. O único fonema que possui alofone é /ʒ/, que tem [ʒ] e [ʒ̃] por alofones. Observou-se, ainda, que /f, v, ʃ, ʒ/ ocorrem sempre em posição pré-

nuclear e que /f/ pode formar cluster -pré-nuclear- com [r]. Os fonemas /s , z/ podem ocorrer em posição pré e pós-nuclear. /s/ pode, ainda, formar cluster pré e pós-nuclear.

Sons nasais-

[m]: nasal bilabial

início de palavra absoluto

[mew]	[mĩ.jɐ]	[me]	[mɪ]
'meu'	'minha'	'me'	'me'
[muj.tu]	][mɐ.'ta]		
'muito'	'matá'		

início de palavra

[mẽ]	[mu.'jeɾ]	[mõ.ti.vi.dew]	[me.ju]	
'mãe'	'mulher'	'Montevidéu'	'meio'	
[mɐɫ̃.se.'li.nu]	[mo.'rew]	[muj.tus]	[mɐɾ.'ti.nes]	[mɐ.'ɾi.ɐ]
'Marcelino'	'morreu'	'muitos'	'Martinez'	'Maria'

onset silábico não inicial

[teɾ.mi.'no]	[kɾi.mɛ]	[ko.mu]
'terminou'	'crime'	'como'

Os dados mostram que o som [m] ocorre sempre em onset silábico. Observou-se que este som pode ser onset de pelo menos seis sons vocálicos do português; a saber [a, e, i, o, u], podendo também ocupar a posição intervocálica. Postula-se assim, o fonema /m/.

[n]: nasal alveolar

início absoluto de palavra

[[na] 'em a'	[[nũ] 'em um'	[[ne.'go.sjʊ] 'negocio'
[[nʊ] 'em o'	[[nũ] 'em um'	[[na.'sew] 'nasceu'

início não absoluto

[nɐ.'si] 'nasci'	[nʊ] 'no'	[no.'vẽ.tɐ] 'noventa'	[nẽw] 'não'	[nɐa.ve.ga.'sõn ʔ] 'navegação'
[¹na.dɐ] 'nada'	[ne.'go.sjʊ] 'negócio'			

coda final antes de pausa

[na.ve.ga.'sõn ʔ]  
'navegação'

coda final

[[tõn#a]  
'então'

onset silábico não inicial

[kẽ.'na.rjʊ] 'canário'	[kẽ.ne.'lõ.ne.ˆs] 'Canelones'	[te.r.mi.'no] 'terminou'	[ma.r̥.se.'li.nʊ] 'Marcelino'
[ẽ.nʊ] 'ano'	[[kɐr.'nja] 'carnear'	['bwe.nʊ] 'bom'	['ka.r.ɲ̥] 'carne'

cluster em coda

[[kons.tɕu.'toɾ]  
'construtor'

Os dados mostram que o som [n] tem ampla distribuição podendo ocorrer em posição pré-nuclear e em início de palavra O som [n] pode, ainda, formar cluster pós-

nuclear seguido do som [s]. Observou-se, também, que o som [n] pode ocupar a posição intervocálica. Postula-se assim o fonema /n/.

### 5.3.3 Fonemas nasais

Serão fonemas nasais nesta variedade de português /m, n/. Observou-se, que /n/ ocorre em todas as posições silábicas menos a nuclear e pode formar cluster pós-nuclear seguido de [s]. Constatou-se que esta variedade de português é diferente de outras já que nesta variedade há realização de nasal em final de palavra. Como já foi dito anteriormente, segundo Wetzels uma diferença entre o português e o espanhol no que se refere à realização de sons nasais é que em português nunca aparece uma consoante nasal plena em final de palavra.

Nos dados, porém há ocorrências de [ñ] em final de palavra. Esta constatação iria de encontro a uma das características mais marcantes do português, entretanto observa-se que a realização do som [ñ] está limitada às palavras e expressões que podem de certa forma ser caracterizadas como empréstimos lingüísticos. Carvalho (2003b) denomina *palavras híbridas* o tipo de empréstimo aqui registrado. Segundo a autora estas palavras “resultam da aplicação de processos fonológicos do português a palavras do espanhol”. Entre os dados registrados durante o levantamento para o presente estudo há ocorrências como

[na.ve.ga.'sõñ]	['en.tõñ]	[tõñ]
'navegação'	'então'	'então'

Quanto ao fonema /m/, observa-se que a realização plena desse fonema ocupa somente a posição pré-nuclear, em posição de coda a nasalidade se realiza somente na vogal ou então como um aproximante nasal.

['ru.ĩ]	['kɐ <sup>m</sup> .pɔ]
'ruim'	'campo'

Sons líquidos (vibrantes)-

[r]: vibrante múltipla

início absoluto de palavra – não houve ocorrências

início de palavra

[de#ri.vɛ.rø]	[ũ#re.ʒis.to]	[me#re.ʒis.ta.rʊ]	[de#ri.u]	[ru.ĩ]
'Rivera'	'registro'	'registraram'	'rio'	'ruim'

final de palavra – não houve ocorrências

onset não inicial

[mo.'rew]
'morreu'

coda silábico não final – não houve ocorrências

[r]: vibrante simples

início absoluto de palavra- não houve ocorrências

início de palavra – não houve ocorrências

final de palavra

[mu.jeɾ]
'mulher'

coda silábico não final

[teɾ.mi.'no]	[suɾ.'ʒi.ʊ]	['aɾ.mʊ]
'terminou'	'surgiu'	'armour'

onset silábico não inicial

[ri.'vɛ.rø]	[u.rʊ.'gwaʃ]	[re.ʒis.'ta.rʊ]	['ɛ.rø]	[fɾi.go.'ri.fi.kʊ]
'Rivera'	'Uruguai'	'registraram'	'era'	'frigorífico'

[køɾ.'to.rjʊ]	[kẽ.'na.rjʊ]	[u.rʊ.'gwa.jo]	[gu.'ri]
'cartório'	'canário'	'uruguaio'	'guri'

cluster em onset

[ˈpe.dɾu]	[bɾɐ.ˈziʔ]	[ˈdeˆs.ko.ˈbɾi]	[ˈɡɾẽˆn.de]
'Pedro'	'Brasil'	'descobri'	'grande'

Observa-se que os sons [r] e [ɾ] estão, aparentemente, em distribuição complementar em alguns ambientes. Sendo assim, verifica-se que o [r] ocorre em posição inicial, nos outros casos a ocorrência é de [ɾ]. Nota-se que os dois sons ocorrem em onset. Nessa posição encontrou-se o seguinte par análogo: [mo.ˈrew] 'morreu' e [mo.ˈɾɛj] 'morei'.

[ɾ]: vibrante simples ensurdecida

final de palavra

[lu.ˈgaɾ]	[ˈpuɾ]
'lugar'	'por'

onset silábico

[ri.ˈve.ɾɔ]	[sɐ.lɐ.ˈde.ɾɔ]
'Rivera'	'saladeiro'

coda silábico não final

[ˈbaɾ.ku]	[kɐ.ɾ.ˈto.ɾjʊ]	[ˈseɾ.ka]
'barco'	'cartório'	'perto'
[ˈʃaɾ.keˆ]	[mɐ.ɾ.se.ˈli.nu]	[ˈpeɾ.tu]
'charque'	'Marcelino'	'perto'

cluster em onset

[pɐ.ˈtɾẽw]	[fɾi.go.ˈɾi.fi.ku]	[tɾɐ.βɐ.ˈʎa.bɐ]	[pɾɐ]	[fɾɐ.kɐ.ˈsa.du]
'patrão'	'frigorífico'	'trabalhaba'	'pra'	'fracassado'
[ˈsa.fɾɐ]	[kons.tɾu.ˈtoɾ]	[kõ.ˈtɾa.to]	[kɾi.ˈɛj]	[ˈkɾi.meˆ]
'safra'	'construtor'	'contrato'	'criei'	'crime'

Observa-se que o som [ɾ̥] é uma variante de [ɾ] que se apresenta ensurdecida em determinados ambientes, a saber: final de palavra antes de silêncio, cluster onde a primeira consoante é surda e coda silábico seguido de consoante surda.

### 5.3.4 As vibrantes

Pelo fato de os sons [r] e [ɾ] estarem em distribuição complementar em posição inicial, onde ocorre somente [ɾ], e poderem realizar-se ambos os sons nas outras posições deve-se postular um arquifonema /R/. Nota-se, entretanto, que os dois sons, [r] e [ɾ], ocorrem em posição intervocálica, para a qual encontrou-se um par análogo, e postularam-se os fonemas /r/ e /ɾ/. É interessante lembrar que em determinados ambientes a ocorrência de [ɾ] é mais produtiva do que a de [r]. Assim, como segundo elemento de um cluster e em coda silábico, ocorre sempre [ɾ]. Em alguns ambientes [ɾ̥] é uma variante de [ɾ], a saber: final de palavra antes de silêncio, cluster onde a primeira consoante é surda e coda silábico seguido de consoante surda.

Serão fonemas vibrantes /r/ e /ɾ/, mas a distinção entre estes será válida somente em posição intervocálica, para as outras posições postula-se o arquifonema /R/ que pode ser realizado por [r] ou [ɾ] dependendo do ambiente.

Sons líquidos (laterais)-

[l]: lateral alveolar

início absoluto de palavra

[l̥o.gʊ]  
'logo'

[la]  
'lá'

início de palavra

[lu.'gaɾ̥]  
'lugar'

[lus]  
'luz'

[l̥a.gʊ]  
'lago'

[l̥a.ɖʊ]  
'lado'

final de palavra

[pal]  
'para o'

onset silábico não inicial

[ <sup>1</sup> paw.lɔ]	[sɐ.lɐ.'dɛ.ɾɔ]	[mɐ.ɾ.ɔ.se.'li.nɔ]	[ <sup>1</sup> de.le <sup>^</sup> ]
'Paulo'	'saladero'	'Marcelino'	'dele'

Os dados mostram que o som [l] tem ampla distribuição, podendo ocorrer tanto em posição pré-nuclear como pós-nuclear e em início e final de palavra. Não houve ocorrências de encontros consonantais embora se conheça que esse é um fato comum no português. Postula-se assim o fonema /l/.

[ɫ] lateral sonora velarizada  
final antes de pausa

[brɐ.'ziɫ]	[suɫ]	[ɪs.pɛ <sup>ɲ</sup> .'joɫ]
'Brasil'	'sul'	'espanhol'

coda silábico

[fiɫ.'trɛj]	[ <sup>1</sup> saɫ.tu]	[sɐɫ.'tɛj]	[ <sup>1</sup> saɫ.gɐ]
'filtrei'	'Salto'	'saltinho'	'salga'

onset silábico não inicial

[ <sup>1</sup> me.ɫu]
'Melo'

As ocorrências de [ɫ] estão restritas à posição de final de sílaba ou palavra, isto é, coda silábico. A única ocorrência em posição de onset pode se tomar como sendo um empréstimo do espanhol. Por esse motivo, postula-se o fonema /l/ que terá como alofone o som [ɫ] que ocorre em coda silábico.

[ʎ] lateral palatal

[ <sup>1</sup> mu.ʎɛɾ]
'mulher'

Essa é a única ocorrência do som [ʎ]. Aconteceu no começo da entrevista, fato que poderia estar ligado a um monitoramento maior.

### 5.3.5 As laterais

O fonema lateral nesta variedade de português será /l/, que ocorre em todas as posições silábicas menos a nuclear. Esse fonema em posição final de sílaba ou palavra terá como alofone o som [ɭ].

### 5.3.6 Fonemas consonantais

Apresenta-se a seguir o quadro contendo todos os fonemas consonantais da variedade de português falada no Uruguai.

	bilabiais	labiod.	alveolar	palatais	velar
oclusivas	p b		t d		k g
fricativas		f v	s z	ʃ ʒ	
nasais	m		n		
trill			r		
flap			ɾ		
lateral			l		

Quadro V.12 : Consoantes do português do Uruguai.

### 5.3.7 Ocorrência de sons vocálicos

[u]: vogal posterior alta fechada arredondada

núcleo silábico sem onset ou coda

[u.ɾu.'gwaj]  
'Uruguai'

['ri.u]  
'rio'

núcleo silábico com coda

[||uz]  
'os'

núcleo silábico com onset

[ <sup>1</sup> fu.i]	[lu. <sup>1</sup> ga.ɾ]	[ <sup>1</sup> mu.jeɾ]
'fui'	'lugar'	'mulher'
[u.ɾu. <sup>1</sup> gwaj]	[kons.tɾu. <sup>1</sup> toɾ]	[gu. <sup>1</sup> ɾi]
'Uruguai'	'construtor'	'guri'

núcleo silábico com onset e coda

[puɾ]	[lus]	[suʔ]
'por'	'luz'	'sul'
[ <sup>1</sup> muj.tu]	[suɾ. <sup>1</sup> ʒi.u]	[fuɟ]
'muito'	'surgiu'	'fui'

[ũ]: vogal posterior alta fechada arredondada nasalizada

[si. <sup>1</sup> gũ <sup>n</sup> .da]	[ũ]	[ <sup>1</sup> ũ <sup>n</sup> .ø]	[ũn]	[ <sup>1</sup> dũ.nø]
'segunda'	'um'	'uma'	'um'	'de uma'

[u]: vogal posterior alta aberta arredondada

final de palavra

[ <sup>1</sup> la.gu]	[re. <sup>1</sup> ʒis.tu]	[ɾs.kõ. <sup>1</sup> di.du]	[nu]	[møɾ. <sup>1</sup> se. <sup>1</sup> li.nu]
'lago'	'registro'	'escondido'	'no'	'Marcelino'

núcleo de sílaba com onset ou coda em posição não final

[lus]	[pu. <sup>1</sup> di.ø]	[ <sup>1</sup> ɛ.pu.ka]
'los'	'podia'	'época'

[u̞]: vogal posterior alta aberta arredondada ensurdecida

[køɾ. <sup>1</sup> to.ɾju̞]	[sø.lø. <sup>1</sup> de.ɾø̞]	[sẽn.tø̞s]	[pø. <sup>1</sup> sjẽ.du̞]
'cartório'	'saladero'	'santos'	'passeando'

[i]: vogal anterior alta fechada não arredondada

início de palavra

[i.'grɛ.ʒɐ]  
'igreja'

núcleo de sílaba com onset e coda

[re.ʒis.'tɐ.rɔ]	[re.'ʒis.tu]	[bɐ.tis.'tɛ.rjɔ]	[brɐ.'ziʃ]	[fiʃ.'tɾɛj]
'registaram'	'registro'	'batistério'	'Brasil'	'filtrei'

núcleo de sílaba sem onset ou coda

[a.'i]	[i.'grɛ.ʒɐ]
'ai'	'igreja'

núcleo de sílaba com onset

['ri.u]	[fɾi.go.'ri.fi.ku]	[fwi]	[nɐ.'si]	[ɐ.'ki]
'rio'	'frigorífico'	'fui'	'nasci'	'aqui'

[i]: vogal anterior alta fechada não arredondada nasalizada

início de palavra

[ĩn]	[ĩn.'tɛw]
'em'	'então'

núcleo de sílaba sem onset ou coda

['ru.ĩ]  
'ruim'

núcleo de sílaba com onset

[mĩ.jɐ.'vɔ]	[ɐ.'sĩ]
'minha'	'assim'

[ɪ]: vogal anterior aberta não arredondada

final de palavra

[dɪ]	['e.ɪ]	['kaɾ.n̩]	[sɪ]	['bo.dʒɪ]
'de'	'ele'	'carne'	'se'	'bode'

núcleo silábico com onset

[mõ.tɪ.vɪ.'dew]  
'Montevidéu'

núcleo silábico com coda

[ɪs.kõ <sup>n</sup> .di.dʊ]	[ɪs.pẽ <sup>n</sup> .joʔ]
'escondido'	'espanhol'

[o]: vogal posterior média fechada arredondada

núcleo silábico com onset e coda

[sow]	[gẽ. <sup>n</sup> joʔ]	[ɪs.pẽ <sup>n</sup> .joʔ]	[de.'pos]
'sou'	'ganhou'	'espanhol'	'depois'
[fi.'kow]	[kons.tɾu.'toɾ]	[dojz]	[boj]
'ficou'	'construtor'	'dois'	'boi'

núcleo silábico com onset

[u.ɾu.'gwa.jo]	[pɐ.'ɾo]	[ɾo.'za.ɾju]	[fɾi.go.'ɾi.fi.ku]	[no.'vẽ.ta]
'uruguaio'	'parou'	'Rosário'	'frigorífico'	'noventa'

[o]: vogal posterior média alta arredondada nasalizada

[ɪs.kõ <sup>n</sup> .di.dʊ]	[mõ.tɪ.vɪ.'dew]	[kẽ.ne.'lõ.ne <sup>h</sup> s]	[na.ve.ga.'sõn <sup>h</sup> ]
'escondido'	'Montevidéu'	'Canelones'	'navegação'
[tõn]	[nõ]	[bõ]	[kõ]
'então'	'não'	'bom'	'com'

[ɔ]: vogal posterior média aberta arredondada

[ɔ.tɾu]	[mĩ.jɐ.'vɔ]	[sɔ]
'outro'	'avó'	'só'

[ɛ]: vogal anterior média aberta não arredondada

núcleo silábico sem onset ou coda

[ʼɛ.pʊ.ka]	[ʼɛ.rɐ]	[ʼɛ.lɐ]
'época'	'era'	'ela'

núcleo silábico com onset

[ri.ʼvɛ.rɐ]	[fa.ʼzɛ]	[di.ʼzɛ]	[sɐ.lɐ.ʼdɛ.rɔ]
'Rivera'	'fazé'	'dizé'	'saladeiro'
[sɐ.ʼbɛ]	[kɛ:]	[ʼkɾi.mɛ]	[i.ʼgrɛ.ʒɐ]
'sabé'	'que'	'crime'	'igreja'

núcleo silábico com onset e coda

[fiʃ.ʼtɾɛj]	[ʃɾɐ.baj.ʼɛ.j.ê]
'filtrei'	'trabalhei em'

[ê]: vogal anterior média fechada não arredondada (+alta)

[ʼe.lê]	[vêj]	[ʼde.lê]	[kɐ.ne.ʼlõ.ês]	[ên.ʼtẽw]
'ele'	'veio'	'dele'	'Canelones'	'então'
[dê]	[dês.ko.ʼbri]	[ʃaɾ.kê]	[ʼpaɾ.tê]	
'de'	'descobri'	'charque'	'parte'	

[e]: vogal anterior média fechada não arredondada

núcleo silábico sem coda ou onset

[ʼe.lê]  
'ele'

núcleo silábico com onset

[me]	[ne.ʼgo.sjʊ]	[ʼme.tu]
'me'	'negócio'	'Melo'

núcleo silábico com coda

[lew]	[ẽ n. 'tẽw]	['pɾe.ses]
'eu'	'então'	'para esses'

núcleo silábico com onset e coda

[teɾ.mi.'no]	['peɾ.tu]	[[mew]]	[mõ.ti.vi.'dew]	[des.o.'ʒa]
'terminou'	'perto'	'meu'	'Montevideu'	'desossar'

[ɐ]: vogal central baixa fechada não arredondada

núcleo silábico

[ɐ.'li]  
'alí'

final de palavra antes de pausa

[ri.'vɛ.rɐ]	[i.'grɛ.ʒɐ]
'Rivera'	'igreja'

final de palavra

['sa.fɾɐ]	[tɾɐ.ʒɐ.'lja.bɐ]	[mɐ.'ɾi.ɐ]	['na.dɐ]	['mi.~jɐ]
'safra'	'trabalhava'	'Maria'	'nada'	'minha'
[a.'vi.ɐ]	['nu.ɐ]	[pu.'di.ɐ]	[frẽ.'sis.kɐ]	['ɛ.rɐ]
'havia'	'numa'	'podia'	'Francisca'	'era'

núcleo silábico com coda

[pɐ.'sa.du]	[sɐ.lɐ.'de.ɾɔ]	[fɐ.'zɛ]
'passado'	'salgadeiro'	'fazé'
[tɾɐ.bɐ.'ja]	[pɐ.'ɾa.du]	[fɾɔ.kɐ.'sa.dɔ]
'trabalhá'	'parado'	'fracassado'

núcleo silábico com onset e coda

[kɐɾ.'to.ɾju]	[kɐs.te.'ʃjɐ.nu]	[kɐɾ.'nja]
'cartório'	'castelhano'	'carnear'

[ẽ]: vogal central baixa fechada não arredondada nasalizada

núcleo silábico sem coda

[ẽ.nu]	[kẽ.'na.rja]	[kẽ.ne.'lõn.e^s]	[gɾẽ.de]	[gẽ.'njo]
'ano'	'canária'	'Canelones'	'grande'	'ganhou'

núcleo silábico com onset e coda

[nẽw]	[mẽj]	[pɐ.'sa.rẽw]	[sẽ^n.tujs]	[pɐ.sjẽ.'duj]
'não'	'mãe'	'passaram'	'santos'	'passeando'

[a]: vogal central aberta não arredondada

final de palavra

[^'ɛ.la]	[^'sta.ba]
'ela'	'estava'

núcleo de sílaba com onset

[ma.'ta]	[u.ru.'gwa.jo]	[^'baɾo.ku]	[mɐ.'ri.ɐ]	[bɐ.tis.'te.rju]
'matá'	'uruguaio'	'barco'	'Maria'	'batistério'

núcleo de sílaba com onset e coda

[^'saɫ.gɐ]	[pa]	[^'baɾo.ku]	[^'saɫ.tu]	[mɐɾ.se.'li.nu]
'salga'	'pai'	'barco'	'salto'	'Marcelino'

[w]: aproximante velar sonora

coda silábico

[ew]	[mew]	[gẽ.'njo]	[mõ.ti.vi.'dew]	[sẽw]
'eu'	'meu'	'ganhou'	'Montevidéu'	'são'
[se.'sẽw]	[e^'n.tẽw]	[nẽw]	[sow]	[^'paw.lu]
'sessão'	'então'	'não'	'sou'	'Paulo'

onset silábico

[u.ɾu.'gwaj]	[ 'kwẽ <sup>n</sup> .dʊ]	[fwi]
'Uruguai'	'quando'	'fui'
[ 'kwa.zi]	[bwɐ]	[ 'bwe.nʊ]
'quase'	'bom'	'bom'

[j]: aproximante palatal sonora

onset silábico

[u.ɾu.'gwa.jo]	[kɐ.ɾ.'to.ɾjʊ]	[ kẽ.'na.ɾjɐ]	[kẽ.'na.ɾjʊ]
'uruguaijo'	'cartório'	'canária'	'canário'
[ 'mu.jeɾ]	[mĩ.jɐ.vɔ]	[ ne.'go.sjʊ]	[ɾo.'za.ɾjʊ]
'mulher'	'minha'	'negocio'	'Rosário'

coda silábico

[u.ɾu.'gwaj]	[dojz]	[paj]	[ 'muj.tʊ]	[ve <sup>^</sup> j]
'Uruguai'	'dois'	'pai'	'muito'	'veio'

#### 5.4 Confronto dos dados

Da análise dos dados registrados para o português gaúcho e o português do Uruguai, verifica-se que, embora haja pequenas diferenças entre os dois dialetos, no geral, estes falares se assemelham mais do que se distanciam.

Entre as diferenças encontradas está o uso do som [β] por parte dos falantes riverenses, fato que provou estar relacionado com expressões idiomáticas. Ao mesmo tempo, no português do Uruguai se realiza a nasal final não explodida, característica do espanhol. Contudo, verificou-se que essas ocorrências estão limitadas a palavras que pela origem hispânica são pronunciadas com nasal.

Observou-se também que, embora o português usado pelas classes mais altas de Sant'ana do Livramento não corresponda ao português usado pelos uruguaios, deve-se levar em consideração o fato de que o português dos santanenses das classes altas é um português urbano e com características bastante diferentes do português gaúcho. Por outro lado, o

português usado pelos tropeiros, gaúchos “de bombachas” e em geral pela população rural, é muito parecido com o português falado pelos uruguaios.

Quanto aos sons vocálicos de cada um dos falares pode-se dizer que se trata de variedades de uma mesma língua. Em primeiro lugar, os quadros abaixo (quadro V.13 e V.14) mostram que não há diferenças marcantes entre o inventário vocálico de um e outro dialetos. Em segundo lugar, as ocorrências dos sons vocálicos em um e outro dialetos, mostram que as realizações têm muitos pontos em comum.

Um dos fenômenos mais marcantes é o ensurdecimento, característico do português do Brasil, da última sílaba antes de pausa que foi registrado no dois dialetos.

Português Gaúcho		Português do Uruguai	
[ɐ.'mi.gũ]	['me.dũ]	[kɐɾ.'to.rjũ]	[sɐ.lɐ.'dɛ.rjũ]
'amigo'	'medo'	'cartório'	'saladero'

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ʊ̃	
Médias	fechadas	e ẽ	ẽ			o õ	õ
	abertas	ɛ ɛ̃				ɔ	
Baixas	fechadas			ɐ ɐ̃	ẽ		
	abertas			a			

Quadro V.13: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos santanenses.

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ɯ	
Médias	fechadas	e e <sup>^</sup>	ẽ			o	õ
	abertas	ɛ				ɔ	
Baixas	fechadas			ɐ	ẽ		
	abertas			a			

Quadro V.14: Sons vocálicos que ocorreram na fala de riverenses.

Uma diferença marcante reside no fato de que, no caso de vogais e nasais tautosilábicas, os uruguaios tendem a nasalizar menos, pois realizam a nasalidade como V + aproximante nasal.

Em síntese, a análise de um e outro dialetos não revelou diferenças fonológicas e nem uma distância fonética muito ampla.

Apresentar-se-ão neste capítulo as conclusões gerais do confronto entre as três variedades de língua registradas nas cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera. Deve-se lembrar, no entanto, que o trabalho visou estudar especialmente o sistema consonantal de cada variedade língua.

### **6.1 Uma variedade “caipira”?**

Deve-se indicar, inicialmente, que no capítulo 2 apresentaram-se algumas das características mais notórias da fonética do português caipira também chamado português rural. Sendo assim, observou-se que as vogais no falar caipira duram o dobro do que no falar comum; o som palatal [ʎ] não existe no dialeto; [b] e [v] são alofones que estão em variação livre; *r* inter e pós-vocálico, é pronunciado como [r]; [l] em final de sílaba muda para [r]; *r* cai quando em final de palavra; /t/ e /d/ se realizam como [tʰ] e [dʰ], oclusivas pós-alveolares, seguidas de /i/ e, finalmente, /tʃ/ /dʒ/ são realizados “como único som, africado, apico-alveolar, assibilado” (Rodrigues, 1974).

Por outro lado, assinalou-se que de acordo com Chaves de Melo (1971) o português do Brasil corresponde basicamente ao português arcaico transformado em certo aspecto da morfologia e em alguns da fonética. Com respeito a isso, relatou-se que em um estudo realizado no norte do estado de Goiás – em que também relaciona o português caipira ao português arcaico – sobre a realização do fonema /ʎ/, Pádua (2002) afirma que a variante palatal [j] do fonema palatal /ʎ/ pode ser considerada uma pronúncia historicamente natural.

Foi indicado que várias das características acima referidas foram registradas no espanhol de Riverenses. É conveniente lembrar que se verificou que as vogais *podem* duram o dobro do que no falar comum; [β] e [v] são alofones que estão em variação livre; *r* pós-vocálico, pode ser pronunciado como [r] pela classe Xʰ; *r* muitas vezes cai quando em final de palavra; /t/ e /d/ se realizam como [tʰ] e [dʰ], e /tr/ e /dr/ se realizam como [tʰr] e [dʰr].

O fato interessante é que essas ocorrências foram verificadas no espanhol falado pela classe baixa/trabalhadora e não foram verificadas no português falado na região. Dado que segundo Amaral os paulistas mantiveram “intensas relações de comércio sobretudo de comércio de animais, sendo freqüentíssimas as viagens de tropeiros de uma para outra província” (Amaral, 1920: 43) poder-se-ia justificar as ocorrências no português usado na região, mas é complexo tentar esboçar uma explicação para essas realizações no espanhol.

No entanto, como estamos defendendo a idéia de que se verifica na região um processo de mudança de língua em que o português está sendo substituído pelo espanhol, podemos tentativamente explicar as marcas de português “caipira” no espanhol dizendo que os falantes que estão mudando de língua eram falantes de português rural. Essa afirmativa deve ser alvo de uma pesquisa mais abrangente que tenha por objetivo mostrar que de fato falava-se português “caipira” nesta área do Uruguai. Uma pequena parte dessa afirmativa já foi demonstrada por Carvalho (2003b) que apresenta dados que apresenta marcas de português rural no português falado em Rivera.

## **6.2 Português e espanhol fronteiriços**

Após considerar os resultados da análise fonológica das línguas em uso nas cidades de Sant’ana do Livramento e Rivera, podemos afirmar que não há uma língua mista, mas variedades dialetais do português e do espanhol que diferem dos respectivos padrões. Verificou-se que do lado brasileiro fala-se unicamente português. Pode-se dizer que há duas variedades bem distintas de português; por um lado um dialeto mais urbanizado, falado pelos membros das classes altas, que é similar ao de outras grandes cidades. Por outro lado, existe uma variedade falada pelas classes mais baixas que se equipara aos dialetos falados em áreas rurais do RS.

Em Rivera a situação é bastante diferente; há falantes de duas línguas maternas (português e espanhol), no entanto as variedades de português e espanhol faladas pelos habitantes de Rivera em alguns casos diferem muito dos respectivos padrões. Sendo assim, há falantes de português padrão e não-padrão; e de espanhol padrão e não-padrão. Verificou-se que essa situação está determinada por fatores sociais, já que a variedade dialetal é condicionada pela classe social a que o indivíduo pertence.

Em síntese, constatou-se que na área em questão há unicamente duas línguas sendo usadas pela população, a saber, português e espanhol. Ou seja, não foram encontrados falantes de uma terceira língua resultante da mistura entre português e espanhol.

### 6.2.1 O espanhol

Quanto ao espanhol pode-se afirmar que há duas variedades usadas na cidade de Rivera, uma variedade utilizada pelos falantes das classes mais altas, bastante similar à variedade de espanhol montevideano, e uma variedade usada pela classe baixa, que tem marcas fonéticas do português.

Quanto à distribuição dos fonemas oclusivos surdos, encontraram-se alofones que na variedade de espanhol falada em Montevidéu aparentemente não existem. Os fonemas /p, t, k/ têm, em Rivera, um alofone menos tenso [p<sup>-</sup>, t<sup>-</sup>, k<sup>-</sup>] que se realiza principalmente em posição intervocálica e em palavras não enfatizadas na oração. Constatou-se que falantes do grupo X' realizam mais [p<sup>-</sup>, t<sup>-</sup>] do que falantes do grupo X''.

Uma das diferenças mais notáveis entre o espanhol montevideano e o espanhol riverense está dada pela distribuição dos sons [k, k<sup>-</sup>, γ, g], já que, embora [γ] em algumas ocorrências pode ser alofone de /g/, em outras é alofone de /k/. Esse fenômeno não foi constatado nas outras séries de oclusivas, isto é os fonemas surdos /p, t/ não compartilham nenhum alofone com seus pares sonoros.

Outro fato interessante é a não ocorrência do som [γ] com valor de *k* na fala dos informantes do grupo X''. Finalmente, para os sons [γ], [g], [k] e [k<sup>-</sup>] não se observou que exista uma diferença entre as ocorrências em palavras enfatizadas e não enfatizadas, ou entre as realizações de falantes do grupo X' e do grupo X''.

No que se refere ao fonema /s/, verificou-se que a variedade de espanhol falada em Rivera não possui o alofone [h]. Constatou-se que houve pouquíssimas ocorrências de [h] na fala dos informantes do grupo X'' e, ao mesmo tempo, não houve ocorrências de [h] na fala dos informantes do grupo X', nem em final nem em meio de palavra. Desta forma comprovou-se que em início, meio e fim de palavra, o som [s] é aquele que ocorre na fala dos riverenses. No que

tange à elisão do [s] representando o morfema de número, esse fenômeno foi verificado na fala dos membros tanto do grupo X' como do grupo X''.

Para o fonema /ʒ/ se registraram três alofones [ʃ], [ʒ], e [ʒ<sup>s</sup>], assim como algumas ocorrências da semiconsoante palatal [j], epentética entre o som consonantal [ʒ] e a vogal seguinte. Verificou-se, no entanto, que não há condicionamento fonético nem social para a realização de [ʃ], [ʒ], [ʒ<sup>s</sup>] ou para o aparecimento da semiconsoante epentética [j].

Em suma, para os fonemas oclusivos e fricativos se propôs o seguinte quadro distribucional

<b>Oclusiva forte surda</b>		<b>Oclusiva lena sonora</b>	
/p/	[p] [p <sup>-</sup> ]/ So ___ So	/b/	[b]/ N ___ [β]~[v]/ nda
/t/	[t <sup>j</sup> ] / ___ [jV] [t <sup>-</sup> ] / ___ V [t]	/d/	[d <sup>j</sup> ] / ___ [jV] [d] / ___ n [ð] / nda
/k/	[k <sup>-</sup> ] / V ___ V [ç] / V ___ V [k]/nda	/g/	[g]/# ___ ; ___ V[+post] [ç] / V ___ V

Quadro VI.1: Distribuição dos fonemas oclusivos do espanhol de Rivera e seus respectivos alofones.

Observou-se que os fonemas oclusivos fortes surdos têm por alofones sons oclusivos lenes/fortes surdos, e os fonemas oclusivos lenes sonoros têm por alofones sons oclusivos/fricativos lenes sonoros. Em outras palavras, a qualidade *forte* não é pertinente para os fonemas /p,t/ e seus respectivos alofones. O que caracteriza fonemas e fones são os traços oclusivo e surdo. Por outro lado, os fonemas /b/ e /d/ compartilham com seus respectivos alofones duas propriedades, a saber, são lenes e sonoros. Já para os fonemas /k/ e /g/ verificou-se que a distribuição é diferente.

Sendo assim, recorreu-se à história sócio-lingüística da região para tentar elucidar os fenômenos acima descritos. Observou-se que até 1860 falava-se português na cidade, segundo Rona (1965), hoje em dia verifica-se que o uso do espanhol está em aumento, por isso, concluiu-

se que este é um caso de mudança de língua. Portanto, esta situação se explicaria pela **interferência por mudança** lingüística definida por Thomasom & Kaufmam (1988).

Advertiu-se que as correlações entre fonemas se definem dentro de um sistema lingüístico, não sendo válidas além dele. Por isso, do ponto de vista fonológico, os fonemas oclusivos do português se opõem quanto à tensão somente dentro do próprio sistema fonológico. Ou seja, a realização fonética de alguns fonemas resulta diferente se comparados com a realização dos mesmos sons em outras línguas. Se esta é uma comunidade que está mudando do português para o espanhol, estaria acontecendo uma **substituição de sons** conforme descrito por Weinreich (1975), onde estaria havendo uma re-interpretação dos sons oclusivos surdos tensos do espanhol com base na realização mais lenes desses sons no português do Brasil.

Quanto às vibrantes, encontrou-se na fala dos informantes de Rivera um som fricativo palatal levemente retroflexo [ʒ], que não faz parte do inventário fonético do espanhol montevidiano. Apesar disso, se mantém a única oposição entre os sons vibrantes – ou seja, a lenes [r] e as fortes [r, ʒ] ainda estão em contraste em posição intervocálica.

Em síntese, o levantamento final de fonemas resultou no quadro IV.19 (que será reapresentado aqui como quadro VI.2) que apresenta todos os fonemas do espanhol falado pela classe trabalhadora/baixa de Rivera. Verificou-se, então, que do ponto de vista fonológico não há uma mistura de línguas, já que o quadro para o espanhol falado em Rivera corresponde majoritariamente ao quadro do espanhol falado no Uruguai. As diferenças fonéticas foram explicadas pela existência de outra língua na área e pela mudança de língua registrada historicamente.

Sugere-se, assim, que falantes de português como língua materna estariam criando seus filhos em espanhol e dessa forma estampando no espanhol marcas do português. Ao mesmo tempo, falantes escolarizados, ao terem acesso ao ensino formal, teriam sido expostos à variedade “padrão” e estariam tentando imitá-la, enquanto os falantes não escolarizados, por terem menos acesso à variedade “padrão”, levariam mais tempo para assimilar o processo de mudança lingüística. Essa hipótese pode ser amparada pela proposta de Carvalho (2006b) em que a autora mostra as fases da mudança de língua que parece estar acontecendo na cidade de Rivera.

	Bilabial	Labiod.	Alv.	Alveop.	Velar
Ocl.	p b		t d		k g
Nasais	m		n	ɲ	
Afr. Cônc.				tʃ	
Fric. Planas		f			x
Cônc.			s	ʒ	
Laterais			l		
Vib. Simples			r		
Múltipla			r		

Quadro VI.2: Fonemas do espanhol de Rivera.

### 6.2.2 O português

No que tange ao português falado em Sant’ana é interessante notar que se observou um fenômeno social bastante parecido com aquele evidenciado em Rivera, mas há que se ressaltar que se fala português de ambos lados da fronteira. Se os santanenses das classes altas falam uma variedade de português bastante padronizada e similar ao português usado nos meios de comunicação, os falantes da classe baixa (santanenses e riverenses) usam uma variedade de português gaúcho rural. Observou-se também que, embora o português usado pelas classes mais altas de Sant’ana do Livramento não corresponda ao português usado pelos uruguaios, deve-se levar em consideração o fato de que o português dos santanenses das classes altas é um português urbano e com características bastante diferentes, em alguns pontos, do português gaúcho “tradicional”. Por outro lado, o português usado pelos tropeiros, gaúchos “de bombachas” e em geral pela população rural é muito parecido com o português falado pelos uruguaios.

Os dados registrados das variedades de português faladas por membros da classe baixa/trabalhadora de Sant'ana do Livramento e Rivera mostram que, ainda que haja pequenas diferenças fonéticas entre os dois dialetos, no geral, estes falares são fonologicamente iguais. Como prova disso, pode-se argumentar que um único quadro mostra o inventário fonológico de ambas variedades de português (quadro VI.3).

	bilabiais	labiod.	alveolar	palatais	velar
oclusivas	p b		t d		k g
fricativas		f v	s z	ʃ ʒ	
nasais	m		n		
trill			r		
flap			ɾ		
lateral			l		

Quadro VI.3: Fonemas consonantais do português de Sant'ana do Livramento e Rivera.

Dentre as diferenças fonéticas encontradas entre os dois dialetos está o uso do som [β] por falantes uruguaios, fato que evidentemente está relacionado ao uso de expressões idiomáticas; e a realização nasal final não explodida [n̠] característica do espanhol. Outra diferença é a realização do fonema /ʒ/ que no português do Uruguai tem [ʒ] e [ʒ̃] por alofones.

A realização dos sons vocálicos de cada variedade de português (quadros V.6 e V.11 que são reproduzidos aqui como quadros VI.4 e VI.5) mostra que não há diferenças maiores entre o inventário vocálico de um e outro dialetos. Pelo contrário, as ocorrências dos sons vocálicos em um e outro dialetos, atestam que há várias coincidências. Entre essas coincidências está o enurdecimento da última sílaba antes de pausa, que foi registrado no dois dialetos.

#### Português Gaúcho

[ɐ.'mi.gu]

'amigo'

[ˈme.du]

'medo'

#### Português do Uruguai

[kɐ.ɾ.'to.rju]

'cartório'

[sɐ.lɐ.'de.ɾu]

'saladero'

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ɯ	
Médias	fechadas	e e <sup>^</sup>	ẽ			o o <sup>^</sup>	õ
	abertas	ɛ ɛ <sup>v</sup>				ɔ	
Baixas	fechadas			ɐ ɐ̃	ẽ		
	abertas			a			

Quadro VI.4: Sons vocálicos que ocorreram na fala dos santanenses.

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
Altas	fechadas	i	ĩ			u	ũ
	abertas	ɪ				ʊ ɯ	
Médias	fechadas	e e <sup>^</sup>	ẽ			o	õ
	abertas	ɛ				ɔ	
Baixas	fechadas			ɐ	ẽ		
	abertas			a			

Quadro VI.5: Sons vocálicos que ocorreram na fala de riverenses.

A diferença mais marcante é a realização de (V+N) tautosilábicas, já que os uruguaiois tendem a nasalizar menos, pois em muitos casos realizam a nasalidade como V + aproximante nasal.

Em outras palavras, a análise fonológica revelou que não existem diferenças fonológicas ou fonéticas que permitam afirmar que o português falado nessa região do Uruguai não corresponde a uma variedade autêntica de português.

Sintetizando, este trabalho vem a confirmar do ponto de vista fonológico, as afirmativas de Carvalho (2006a, 2006b, 2005, 2004, 2003a, 2003b). Em primeiro lugar porque se verificou que os “dialetos” falados nas cidades alvo do estudo são variedades de português e espanhol. Ou seja, não foram encontrados sinais de uma língua mista. Em segundo lugar, ao que tudo indica parece que o português falado na cidade de Rivera encontra-se, efetivamente, no *continuum* entre o português urbano e o português rural. Em último lugar, porque se verificou que os estágios de mudança de língua descritos pela autora em Carvalho (2006b) coincidem com as diferenças fonéticas observadas entre os falantes da classe média-baixa e baixa. De acordo com a autora,

pode-se encontrar três estágios de mudança lingüística em Rivera, os jovens da classe média-média seriam os representantes do último estágio dessa mudança, já que não usam mais a língua originária da comunidade; os indivíduos da classe média-baixa estariam atravessando um estágio anterior, pois ainda usam o espanhol em contextos íntimos; e enfim, os membros da classe baixa seriam representantes do primeiro estágio já que, de acordo com a autora, usam o espanhol somente em contextos formais. Os dados desta pesquisa fonético-fonológica apontaram diferenças fonéticas entre o espanhol dos membros da classe média-baixa e membros da classe baixa que são explicadas por essas afirmativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABREU, J. C. (1963) *Capítulos de historia colonial (1500 – 1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora UnB.
- ALARCOS LLORACH, E. (1954) *Fonología española*. Madrid: Gredos.
- ALBUQUERQUE, A. T. (1954) *Gauchismos: a linguagem do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina.
- AMARAL, A. (1920) *O dialecto caipira*. São Paulo: O livro.
- BARRIOS, G. & ORLANDO, V. (eds.) (2002) *Marcadores Sociales en el Lenguaje. Estudios sobre el español hablando en Montevideo*. Montevideo: Gráficos del Sur.
- BEHARES, L.E. & DIAZ, C. E. (1998) *Os som de nossa terra*. Productos artístico-verbales fronterizos. Montevideú: Asociación de Universidades Grupo Montevideo & Univeridad de la República.
- \_\_\_\_\_. (2001) La relación lenguas – educación em la frontera Uruguay – Brasil. Una lectura discursiva. Montevideú: Fundación de cultura universitaria FHCCE. *Revista Encuentros*. p.187-203
- \_\_\_\_\_ et al. (2004) *Na fronteira nós fizemo assim*. Lengua y cocina em el Uruguay fronterizo. Montevideú: Asociación de Universidades Grupo Montevideo & Univeridad de la República.
- BISOL, L. (org.) (2001) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CAGLIARI, L. C. (2002) *Análise fonológica*. Introdução à teoria e à pratica com especial destaque para o modelo fonêmico. São Paulo: Mercado das letras.
- CALLOU, D. e LEITE, Y. (2003) *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CAMARA JR, J. M. (2004) *Estrutura da língua portuguesa*. 34<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- CARVALHO, Ana M. (2006a) Spanish (s) aspiration as a prestige marker on the Uruguaya-Brazilian border. *Spanish in Context*.
- \_\_\_\_\_. (2006b) Políticas lingüísticas de séculos passados nos dias de hoje. O Dilema sobre a educação bilíngüe no norte do Uruguai. *Language Problems and Language Planning*. Amsterdam: John Benjamin.

- \_\_\_\_\_. (2005) Diagnostico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte del Uruguay. In: Nicolás Brian, Claudia Braovetto, Javier Geymonat (Eds.). Montevideo: Administración Nacional de Educación Pública. p. 44-96.
- \_\_\_\_\_. Nominal Number Marking in a Variety of Spanish in Contact with Portuguese. *Selected Papers of the 8<sup>th</sup> Hispanic Linguistics Symposium*. Carol Klee and Time Face (Eds.). Somerville: Cascadilla Press.
- \_\_\_\_\_. (2004) I speak like the guys on TV: Palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language Variation and Change*. 16.127-151.
- \_\_\_\_\_. (2003a) The Sociolingüistic distribuiton of (lh) in Uruguayan Portuguese: A Case of Dialect Diffusion. In: S. Montrul & F. Ordoñez (Eds). *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Linguistics. Selected Papers on Hispanic Linguistics*. Sommerville, MA: Cascadilla Press. 30-44.
- \_\_\_\_\_. (2003b) Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*. 2. 135-159.
- CHAVES de MELO, G. (1971) *A língua do Brasil*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- CORRÊA, Piaguaçu. (1965) *Antigos e novos vocábulos gaúchos*. Canoas: La Salle.
- CORTESÃO, J. (1952) *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)*. Parte IV Negociações. Tomo I. Rio de Janeiro: MRE, Instituto Rio Branco.
- COUTINHO, I. de L. (1976) *Pontos de gramática histórica*. 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- D'INTRONO, F.; DEL TESO, E.; WESTON, R. (1995) *Fonética e fonologia actual del español*. Madrid: Cátedra.
- ELIZAINCIN, A. (1992) *Dialectos en contacto*. Español y portugués en España y América. Montevideo: Arca.
- ELIZAINCIN, A.; BARRIOS, G.; BEHARES, E. (1987) *Nos falemo brasileiro*. Montevideú: Amersur.
- ELLIS, R. (1998) *Second Language Acquisition*. Oxford: OUP.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (1992) *El Español de América*. Madrid: Mapfre.
- HENSEY, Frederik G. (1972) *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. Haia: Mouton.
- HOCKS, H. H. (1991) *Principles of historical linguistics*. V II. Berlin: Mouton de Gruyter.
- KINDELL, G. E. (1981) *Guia de análise fonológica*. Brasília: SIL.

- LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. (1996) *The sounds of the world's languages*. Cambridge: Blackwell.
- LAPESA, R. (1959) *Historia de la lengua española*. 4ª. ed. Madrid: Escelcier.
- MARTINEZ, M. V. (1950) *Artigas. Fundador de la Nacionalidad Oriental, Prócer de la Democracia Americana*. Montevidéo: Barreiro y Ramos.
- ORNELLAS, M. de. (1976) *Gaúchos e Beduínos. A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PADUA, H. R. de. (2002) *Linguística e história em Acaba Vida*. Brasília: Ministério de Integração Nacional, Universidade Federal de Goiás.
- PERINI, M. A. (2006) *Princípios de linguística descritiva*. São Paulo: Parábola.
- PIKE, K. L. (1947) *Phonemics. A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- POCH OLIVÉ, D. (SD) Variación fonética y tecnologías del habla. *Español Actual*. p. 27-30
- PONTES, E. (1965) *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Belo Horizonte. Dissertação de mestrado.
- QUEIXALÓS, F. (1985) *Fonologia Sikuani*. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo LXXI.
- QUILIS, A. (1988) *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos.
- RODRIGUES, A. N. (1974) *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática.
- RONA, J. P. (1963) La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. Porto Alegre: PUC-RS. Suplemento da Revista VERITAS.
- \_\_\_\_\_. (1964) El problema de la division dialectal del español americano en zonas dialectales. Madrid: *Cultura Hispanica*.
- \_\_\_\_\_. (1965a) *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República.
- \_\_\_\_\_. (1965b) Gaucho: cruce fonético de español y portugués. São Paulo: Separata do Volume 12, N°s 1 e 2 da *Revista de Antropologia*. 12. p. 87-98.
- SAMPAIO, F. (1984) *Bento Gonçalves: mito e história*. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- SAUSSURE, F. de. (2002) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- SEPP, P. A. (1980) *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: USP.
- TARALLO, F. (2000) *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática.

- THOMASON, S. G. & KAUFMAN, T. (1988) *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press.
- THUN, H. (2000) *Atlas linguístico diatópico e distrático del Uruguay – Norte (ADDU – Norte)* Tomo I. Kiel: Westensee Verlag.
- TRUBETZKOY, N. (1971) *Principles of phonology*. Berkeley: University of California Press.
- VIANA, H. (1948) *História das Fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministerio da Guerra, Biblioteca Militar.
- WETZELS, W. L. (1997) The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese. *Probus* 9:203-232.
- WEINREICH, U. (1974) *Languages in contact. Findings and Problems*. Haia: Mouton.
- WEISS, H. (1988) *Fonética articulatória. Guia e exercícios*. 3<sup>a</sup> ed. Brasília: SIL.
- WIEDERSPAHN, H. O. (1961) *Campanha de Ituzaingô*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

**ANEXO I**  
**(alguns dados)**

1- Apresentam-se a seguir dados que mostram que o [h] não é alofone de /s/ no E de Rivera nos ambientes em que é alofone de /s/ no E de Montevideú.

- |                             |                                       |   |
|-----------------------------|---------------------------------------|---|
| 1. ['mis.mə] 'misma'        | 2. [mas] 'mais'                       | 3. ['lĩn.dos pe.'ro] 'lindo<br>mais'          |
| 4. ['gus.tə] 'gusta'        | 5. [ves.'tir.se] 'se vestir'          | 6. [βus.'kaɾ] 'buscar'                        |
| 7. ['es.te] 'este'          | 8. [vos tãm.'βjen] 'você<br>também'   | 9. [es.kur.'sion] 'excursão'                  |
| 10. ['vis.te] 'viste'       | 11. [b̄as.'tãn.te] 'bastante'         | 12. [sa.'βes poɾ.'k̄e] 'sabe<br>porque'       |
| 13. ['ve.ses] 'vezes'       | 14. [kos.'to] 'custou'                | 15. [mas k̄e] 'mais que'                      |
| 16. [des.'pwes] 'depois'    | 17. ['tris.te] 'triste'               | 18. [es 'ko.mo] 'é como'                      |
| 19. [es.'ta.doø] 'estados'  | 20. ['e.sos] 'esses'                  | 21. [des.'ti.no] 'destino'                    |
| 22. [es.pa.'ɲol] 'espanhol' | 23. [nos 'k̄e.dan] 'nos restam'       | 24. [ki.'ɲen.tos pesos]<br>'quinhentos pesos' |
| 25. [es.tu.'d̄ar] 'estudar' | 26. [a.kos.'tar.se] 'se deitar'       | 27. ['mes.kla] 'mistura'                      |
| 28. [los te.'nes] 'os têm'  | 29. [res.βa.'lo.so]<br>'escorregadio' | 30. [su.'pwes.to] 'é claro'                   |

2- Palavras que podem ser acentuadas como no P:

1. ['sa.kas] '(você) tira'
2. [pe'ro] 'mas'
3. [as.'ta] 'até'

**ANEXO II**  
**(trechos de entrevistas)**

Serão reproduzidos aqui trechos de algumas entrevistas realizadas com riverenses.

**E, 22a, estudiante.**

En- Las ves como dos ciudades?

E- La veo como una ciudad sola, Rivera y Santana. Hasta que gana Brasil que juega con Uruguay. Viste cuando se arman esos líos que los brasileros no pueden entrar acá ahí te das cuenta que son dos ciudades pero sino...es una. Fijate tu que nosotros por cosas, ponele para la casa. Siempre vamos a Brasil a comprar. Y los brasileños vienen a comprar sus cosas al freeshop. Pero cuando llega el fin de semana no es para comprar que se encuentran. Se encuentran en la Sarandi, para pasear o sea, se junta todo el mundo para juntarse.

.....

En- Preferís hablar español?

E- El español es la mía. Es mi lengua pero no tengo problema se que mañana o después me voy a Brasil y voy a tener que hablar portugués porque ahí si no voy a ser mala con los brasileros que no tienen nada que ver, no viven nuna frontera. Que voy a hacer, pero acá hablo español. Ta, si fuera yo que se a cualquier lado hablaría portugués pero acá no.

En- Tenés compañeros en UTU que hablan portugués?

E- Muchos hablan el portunhol, porque no da para llamar portugués esa cosa mezclada. Hablan mucho portunhol. A mi me da no sequé...tenemos una vecina que es maestra que habla portunhol todo el tiempo. Entonces son cosas que vos si tenés un hijo y lo vas a mandar a la escuela..como te va a aprender a hablar español correctamente si tiene una maestra que habla portunhol?..y eso son cosas que viste que no se.

**U, 24a, protética dental.**

En- Hablás portugués?

L- Portunhol sí, poco. Se entiende todo por la tele, la gente que habla acá en Santana, pero de hablar así.

En- El portunhol lo usas con quien?

L- Yo casi nunca uso el portunhol. Claro por el tanto que vos escuchas, así que te sale...vos mezclas a veces, pero es por lo mismo. La televisión hace unos años era muy vista. Ahora como hay cable en Rivera, que tenés muchos canales argentinos, canales de películas de otros lados, un poquito se dejo de ver, pero lo que predomina acá es la Globo, por las novelas. De tanto mirar, el idioma se te va pegando. Para tener muchos canales de Uruguay tenés que pagar. La Globo es gratis. La Globo te pasa fútbol, te pasa todo. En Uruguay si no tenés cable no ves fútbol.

En- Trabajaste en Brasil?

L- No. Este año recién se hizo un convenio que uruguayos pueden trabajar en Brasil y brasileros en Uruguay. Por el tema documentos. Clandestinamente podías trabajar pero legalmente recién ahora se está implementando. En un radio de, creo, que de setenta kilómetros de la frontera pueden trabajar brasileros y pueden trabajar uruguayos. Podés jubilarte, todo.

**Y, 42a, atendente de quiosque.**

En- Que es lo que más vendés?

M- Cigarillos y bebidas. Tengo un freezer grandote. Tiene creo que dos metro, un metro y medio.

En- No sabia que tenías freezer...

M- Yo hace dos años, no hace tres años...esto es nuevo, porque hace tres años que me pechó un señor que perdió...un señor...un brasileño que andaba con una Kombi. La Kombi, aquellas, no sé como se llaman...venia de allá, llenito de verduras y cosas....perdió el freno, reventó allí un semáforo y entró acá y me destrozó todo este kiosko. Cayó para acá y lo torció todo. No había nadie adentro pero me quebró todo. Yo ahí adentro tenia tres freezer, dos heladera, me quebró todo. Bueno, me dejo todo lo que estaba adentro. Los vidrios eran así...esos vidrio ahora no son gruesos...quebró todo..yo tenia ahí los cubos, viste aquellos cubos, tenia como veinte cubos. Ahí taba llenito, bebidas, bueno reventó, bueno deshizo todo. Me deshizo todo, todo.

En- Lo tuviste que hacer a nuevo?

M- Tuve que rehacer todo de vuelta, de a poquito. Y justo agarramo la época de que el dólar taba, creo que a diez, a doce..sé fue creo que a treinta y pico, que no se venida nada... el real...ellos también tenían problemas con el real. No venia gente para acá, era horrible, horrible, horrible. Una crisis, acá se sintió inmensamente, y una pobreza tan grande, tan grande, tan grande...

En- Te parece que ahora está mejorando?

M- Tá mejorando de los dos lados, me parece, tanto de acá como de allá.

En- Ves que Rivera ha mejorado?

M- Y para lo que estuvo, fijate que esta cuadra acá tenía un freeshop imenso, Rodeo, a la mitá de la cuadra. Tenía Fila a la otra mitá, tenía farmacia en la esquina. Eu sé que era todo lleno de comercio. Vos viste que no hay ahora. Tá todo vacío, todo vacío, a pesar que ya hay movimiento. Mucha gente alquiló.

**ANEXO III**  
**(transcrições da fala de brasileiros)**

---

**INFORMANTES BRASILEIROS**

Informante B - tropeiro, 65a.

[vĩ<sup>n</sup>.tʃI.tres.de.fe.ve.'rɛ.rɔ.de.miʃ.no.ve.'sẽ<sup>n</sup>.tos.i.kwa.'rẽ.tɕ||a.le.'grɛ.te.la.'ʒja.du.'grẽ.de||na.se

*Vinte três de fevereiro de mil novecentos e quarenta, Alegrete, Lageado Grande,*

w.e.se<sup>^</sup>.'po.tzɔ||po.r.kew.vĩ<sup>n</sup>.kõ<sup>n</sup>.si<sup>n</sup>.ko<sup>^</sup>.ẽ.nu.di.i.'da.de<sup>^</sup>.de.dwa.le.'grɛ.te||tẽj.o.se.'sẽ<sup>n</sup>.tɕj.'sĩ<sup>n</sup>.ko<sup>^</sup>.

*naseu esse porto. Porque vim com cinco ano de idade do Alegrete e tenho sessenta e cinco*

'ẽ.nu.di.'i.da.di||sow.sẽ<sup>n</sup>.ta.'nen.se.di.ko.r.a.'sẽw.ʒɐ||vi.vo.ɐ.'ki.'on.de.tu.'ta.mẽ<sup>n</sup>.tre.vis.'tẽ<sup>n</sup>.do<sup>^</sup>.'trĩ<sup>n</sup>

*ano de idade. Sou santanense de coração já. Vivo aqui onde tu ta me entrevistando,*

.tɐ.'ẽ.nu||ʒɐ.fwi.kõ<sup>n</sup>.trɐ.bẽ<sup>n</sup>.'dis.tɐ||trɔ.a.ba.'lje.kõ<sup>n</sup>.is.'ki.lɐ||trɔ.a.bɐ.'ljekõ<sup>n</sup>.'do..mɐ||fo.mo.trɔ.'pẽ<sup>~</sup>.rɔ||

*trinta ano... Já fui contrabandista. Trabalhei com esquila. Trabalhei com doma. Fomo tropeiro.*

fi.'ze.mo.di.'tu.do.ũ.'po.ku.nɐ.'vi.dɐ||kõ<sup>n</sup>.trɐ.bẽ<sup>n</sup>.'dʒis.tɐ||de.'pos.me.pja.'la.a.'i.me.pja.'la||trɛs.'ẽ.nu.di

*Fizemo de tudo um pouco na vida. Contrabandista, depos me pialá, aí me pialá. Três ano de*

.ka.'dej||nẽw.dew.pɾɐ.ro.'ba.majs||na.dɐ.di.pɐ.'ga.bo.'ta.va.la.i.trɐ.'zi.a.pɐ.'ka||me.ta.'pa.ram.di.ka.'d

*cadeia. Não deu pra roubá mais. Nada de pagá, botava lá e trazia pra cá. Me taparam de cadeia.*

e.jɐ||mew.paj.'ɛ.rɐ||u.r.u.'gwa.jo||mew.ɐ.'vo.mew.ɐ.'vo||vɛj.dɐ.lɐ.'gu.ɔ||i.mew.paj.'ɛ.rɐ||do.ble.'pla.kɐ.

*Meu pai era uruguaio.....meu avó, meu avó veio da lagoa.....e meu pai era dobre placa e*

jew.sow.'do.ble.'pla.kɐ.'tẽ<sup>m</sup>.bẽj||ɐ.mẽj.bɾɐ.zi.'lej.rɐ.u.paj.paj.'sa.no<sup>^</sup>||mĩ.jɐ.mẽj.do.a.le.'grɛ.te.u.paj.

*eu sou dobre placa também. A mãe brasileira, o pai, paisano. Minha mãe do Alegrete, o pai*

'ɛ.di.dõ.pe.dri.to<sup>^</sup>||ew.mo.'rej.dez.'ẽ.nu.la.nɐ.'li.njɐ||mo.'rej.dez.'ẽ.nu||me'ta.de.da.'ka.zɐ.no<sup>^</sup>.u.r.u.'g

*é de Dom Pedrito. Eu morei dez ano lá na linha. Morei dez ano.....metade da casa no Uruguai,*

u.aj.me.'ta.de.da.'ka.zə.nu.bɾɐ.'ziʔu.ma.'poɾ.tɐ.pɾɐ.'ka.dɐ.'la.ɔ̃|||tɛj.'ũ.ɐ.'bu.rɐ.vɛ.'já.kə|ki.'ɛ.kɛ̃<sup>m</sup>.

*metade da casa no Brasil...uma porta para cada lado. Tenho uma burra véia....que é campeã.*

pi.'ẽ|kwɐ.'ɾɛ.tɐ.'ẽ.nu.di.i.'da.di|la.'ta.'ɛ.lɐ|pɔ.di.pe.'ga.nu.'kɛ̃<sup>m</sup>.pu.a.'te.kɾi.'ẽ<sup>n</sup>.sa.ma.ve.ũ.ɐ.'põ<sup>n</sup>.ti.di

*Quarenta ano de idade. Lá tá ela. Pode pegá no campo até criança, má vê uma ponte de*

.mɐ'dɛ.rɐ.i.'vi.rɐ.ũ<sup>m</sup>.|bi.ʃu||

*madeira vira um bicho.*

Informante G - Masculino, 64a, ferroviário aposentado.

||'i.'swɛ.ko.'mũ|i.su.nẽw.'ɛ.pi.ɾi.'gɔ.zu||si.ɐ.kus.'tu.mɐ|ɛ.'foɾ.sɐ|ẽ<sup>n</sup>.|da.kɐ.'va.lo||ko.'hɛ.'va:kɐ.la.'sa.

*Isso é comúm. Issa não é perigoso, se acostuma. É força, andar a cavalo. Corré vaca, façá vaca*

||'i.'swɛ.co.'mũ|ɛ.pi.ɾi.'gɔ.zu.mɐs.u.'ka.rɐ.kus.'tu.mɐ||ɛ.pi.ɾi.'gɔ.zu.mɐs.u.'ka.rɐ.kos.'tu.mɐ.i.'ɛ.ũ

*Isso é comúm. É perigoso, mas o cara se acostuma. É perigoso mas o cara acostuma e é um*

di.veɾ.ɔ.tʃi.'me<sup>n</sup>.to||lɐ.'sar.o.ˆ.ke.fɔɾ||as.'ve.ze.'da.'zar.'ke.bɾɐ.'pɛɾ.nɐ||ne.sas.ʒi.˘.ne.'tʃja.dɐ.de.'to.ɾu.

*divertimento. Laçar o que for. As vezes dá azar, quebra a perna. Nessas gineteadas de touro*

puɾ.a.'i||u.pe.so.'aʔ.si.ɐ.'sus.tɐ.nɛ.tʃɛ|u.pe.su.'aʔ.tɛj.'muj.tu.'me.ɔ̃||u. pe.su.'aʔ.ki.nẽw.kũ.'je.si|| tɛj

*por ai. O pessoal se assusta, ne tche? O pessoal tem muito medo. O pessoal que não conhece, têm*

mi.'ni.nus.ki.nẽw.kũ.'je. si.i.vẽj.ɐ.'ki.ki.o.'hoɾ.nɛ.˘||vĩ.te.di.se.'tẽ.bɾ.ɔ̃||ɐ.'ki.'tɛj.des.'fi.li.ga.'u.ʃo

*meninos que não conhecem e vem “ai que horror” ne? Vinte de setembro. Aqui tem desfile gaúcho*

.|me.mo|miʔ.i.'pi.ko.de.de.dojz|tɾ.ɛz.miʔ.ga.'u.ʃo|des.fi.'lẽ.do..ɐ.'ki.o.'ne.sa.'ru.ɐ|ɐ.'li.o.'ne.sa.'ru.ɐ||

*mesmo. Mil e pico de dois três mil gaúchos. Desfilando aqui, o, nessa rua. Alí nessa rua.*

ĩ.se.tẽ<sup>m</sup>.bɾ.ɔ.'ɛ.a.me.'ljɔɾ.'fɛs.tɐ||

*Em setembro é a melhor festa.*

[a.a.vẽ<sup>n</sup>.tu.rɐ.kjew.tẽj.ɛ.kũ<sup>n</sup>.sɪ.'gi.mi.a.po.sẽ<sup>n</sup>.ta.tɾɐ.bɐ.'ljej.'tɾĩ<sup>n</sup>.tju<sup>n</sup>.ẽ.nu.'dẽ<sup>n</sup>.du.'du.rɔ||]

*A aventura que eu tenho é conseguir me aposentar depois de trinta e um anos dando duro.*

Informante V - Masculino 62, aposentado.

[|ew.sou.brɐ.zi.'le.ro|sow.po.'sẽ<sup>n</sup>.ta.do<sup>^</sup>.ɐ.'gɔ.rɐ.'le.rɐ.di.kẽ<sup>m</sup>.pa.nja.ew.ɛ.rɐ.du.cẽ<sup>n</sup>.po<sup>^</sup>||ew.ẽ<sup>n</sup>.|

*Eu sou brasileiro. Sou aposentado agora. Era de campanha, eu era do campo. Eu andei*

dej.ɐ.'li.pɾɐ.mo.'rer.nɐ:<sup>^</sup>|me.di.'se.ram.'mor.to.la.na.u.'te.i||]

*alí pra morrer. Me disseram morto na UTI.*

[ew.nẽw.'pɔ.so.fɐ.'la.maɫ.'de.les|mi.ɐ.'ti<sup>n</sup>.ʒɪ.a.mĩ.tẽ<sup>m</sup>.bẽj|tu.du.ɛ.'ʒu<sup>n</sup>.tu.a.'i.'so.mos.ɐ.'mi.gu|

*Eu não posso falar mal deles. Me atinge a mim também. Todo é junto aí, somos amigo.*

tẽj.'ʒen.te.'mi.n<sup>j</sup>.ɐ.la.tẽj.'ʒe<sup>n</sup>.te.'de.les.a.'ki|u.ki.'tẽj.a.'ki.pɾɐ.dez.'le.gwɐ.'ɛ.'no.sa.'vi.dɐ||tu.d

*Tem gente minha lá, tem gente deles aqui. O que tem de aqui para dez leguas e nossa vida.*

u.'ɛ.a.'mes.mɐ.koj.zɐ||tɾɐ.'ba.ljɐ.brɐ.zi.'lei.ro.la.tɾɐ.'ba.ljɐ.kɐs.te.'ʃja.nu.ɐ.'ki|nẽw.tẽj.'ɔ.rɐ.

*Tudo é a mesma coisa. Trabalha brasileiro lá, trabalha castelhano aqui. Não tem hora pa*

pɐ.sa.'i.nẽj.'ɔ.rɐ.pa.ʃe.'ga]

*sai nem hora pa chegá.*

**ANEXO IV**  
**(transcrição da fala de uruguaio)**

## INFORMANTES RIVERENSES

Informante R- Masculino, classe baixa, aposentado, 80 anos.

[ew.sow.u.ru.'gwa.ʃjo|ew.'fw|ew.nɐ.'si.ĩʳ.ri.'vɛ.rɐ|nũ.u.ru.'gwaj|ɐ.'βa.mo.di.'zɛ.kɛ:|puɾ.'sɛɾɔ

*Eu sou uruguaio... eu fui...eu nasci em Rívera, no Uruguai...a vamo dizé...por serca*

.ka.de.no.'vẽ.tɐ.ẽ.nu|nɐ.'ɛ.pu.kɐ.kɛ:|mew|mĩ.jɐ.mẽj.gẽ.njow.ɐ.mĩ.dew.ɐ.lus|ɛ.lɐ.'sta.bɐ.pa.sjẽʳ.du|

*de noventa ano. Na época que ... meu... minha ganhou a mim ... deu luz. Ela stava pasiando.*

nũ.lu.gaɾ.ɐ.'ki.nɐ.si.'gũʳ.dɐ.se.sẽw.de.ri.ve.rɔ|ɐi.ɛ̃.n.tẽw.ne.sɐ.ɛ̃.pu.kɐ.nẽw.a.'vi.ɐ.kɐɾɔ.'to.rju.de.re

*Num lugar aqui na segunda sessão de Rívera. Então nessa época, não havia cartório de registro*

ʒ.ɐ.'sĩ|tẽw.me.re.ʒis.'ta.'uʳ.ɐ.i.'gɾɛ.ʒɐ|ne.'go.sju.de.re.ʒis.tu.ba.tis.ba.tis.'tɛ.rju|bõ.i.da.'i|ko.mu.mew

*Tão registraram numa igreja ... negocio de registro batis... batistério. Bom e daí, como meu*

.paj.'ɛ.rɐ.kẽ.'na.rju.de.kẽ.ne.'lõ.ne.ɛ̃|e.le.ɛ̃.tɾa.βa.'lja.bɐ.nu.'la.gu.'pɛɾ.tu.de.mõ.tʃi.vi.'dew|kons.tɾɔ

*pai era canário de Canelones ... ele trabalhava no lago perto de Montivideú. Construtor*

u.'toɾ.de.baɾɔ.ku|kons.tɾɔ.u.'toɾ.de.'baɾɔ.ku|de.'baɾɔ.ku.de.nɐ.ve.gɐ.'sõn.ɾ|'sɛɾɔ.kɐ.de.ɛ̃.mõ.ti.vi.'dew|i.de

*de barco. Construtor de barco... de barco de navegason. Cerca de Montivedeú. E depós*

'pos.'ko.mu.teɾ.mi.'no.wel.kõʳ.'tɾa.to|tõn.ɾ.'a.i.si.ve.ɛ̃.j.pɾu.brɐ.'zi|jo.paj.de.le.ɛ̃.rɐ.de.'saɫ.tu.ɛ.rɐ.

*como terminou el contrato...ton ai se veio pro Brasil. E o pai dele era de Salto era*

sɐɫ.'tɛj.de.u.ru.'gu.aj|ɛ.rɐ.mɐɾɔ.se.'fi.nu.'dʒjo.gu.mɐɾɔ.'ti.nes|i.ɐ.'mu.jɛɾ.de.le.ɛ̃|'kɛ:.rɐ.mĩ.jɐ.'vɔ|ɛ.r

*saltenho de Uruguai. Era Marcelino Diogo Martines...e a mujer dele, que era minha avó era*

ɐ.mɐ.'ri.ɐ.fɾɔ.ẽʳ.'sis.kɐ.de.lus.'sẽʳ.tu|s|kẽ.'na.rjɐ.de.kẽ.ne.'lõʳ.ɛ̃|uz.dojz.u.ru.'gwa.ju|s|sõ.ũ.'ɛ.rɐ.'d

*Maria Fransisca de los Santos. Canária de Canelones. Os dois uruguaiois, só um era de*

ũ.nɐ.si.'da.dij.'ɔ.tɾɔ.'dɔ.tɾɔ|ɐ|bwɛjɪn.'tẽw|'ko.mu.teɾ.mi.'nel.kõ.'tɾa.tu.la:|vej.pɾu.brɐ.'zi|ji.u.paj.de.le

*uma cidade e o outro de outra. Bua...então...como terminou el contrato... vejo pro Brasil e o pai dele*

ˆ.'di.seˆ.ke:|muj.tu.is.kõ.'dʒi.du.pu.'di.ɐ.fɐ.'zɛ.ũ.re.'ʒis.to|nu.bra.'zi|fin.'tẽw.fi.'kej.kõ<sup>n</sup>.bɐ.tis.'te.rju.  
*disse que... muito escondido podia fazer o registro ... no Brasil. Então fiquei com batistério*

lɐ.de.'pojs.pɐ.'sa.rẽw.pal.kɐ.ɾ.'to.rju|kwẽ<sup>n</sup>.du.sur.'zi.u.kɐ.ɾ.'to.rju|pɐ.'sa.rẽw.pal.kɐ.ɾ.'to.rju||bwe.  
*lá depois passaram pal cartório... quando surgiu o cartório ... passaram pal cartório. Bueno ...*

nu.dɐ.'i.fi.'kej.sẽj.sɐ.'bɛ.'na.dɐ.pu.'kɛ.nɛ.sa.'ɛ.pu.kɐ.'ɛ.rɐ.ũ<sup>n</sup>.ɐ.'koj.zɐ.mɛj.u.is.kõ.'dʒi.dɐ.'ɛ.rũ.'kɾ.  
*daí ... fiquei sem sabé nada puqué nessa época era uma coisa meio escondida era um*

i.mɛ.nõˆ|na.'sew.la.re.ʒis.'to.lɐ.vej.pɾɐ.'kɐ.re.ʒis.'to|nõ<sup>n</sup>.'dɐ|ɐ.ĩn.tẽw||fi.'kej.kõ<sup>n</sup>.dojz.re.'ʒis.to||  
*crime, no? Nasceu lá registó lá, vei pra cá registó ... não dá. Ai então... fiquei com dois registo.*

Espanhol de Rivera-

Informante O- Masculino, estudante, semialfabetizado, 14a.

||tɾa.'βa.xɐ.nel.a.ma.'cɛ.ðe.'bɔwes|sal.ɣoˆ.'sal.ɣoˆ.ða.'i|ke.ðu|u.nɐ.'me.ðja.'wo.ra.'ʒ<sup>s</sup>i.gõ.mis.a  
*Trabalha na mercearia e depois...saio...saio daí. Fico...uma meia hora ali com meus amigos*

.'mi.ɣo.ðe.las.'ki.nɔ||en˘.la.ða.'ʒ<sup>s</sup>i|lo.gu.'ri.se.'xwe.ɣan˘.al.'fu:.'βol.a.'ʒ<sup>s</sup>i||me.'gus.tɐ.ma:.'xu.'ɣa  
*da esquina...na de lá. Os guries jogam futebol alí. Gosto mais de jogar....*

r|ðe.go.'lɛ.ru||aj.'u.nu.ge.se.fwe.a.xu.'ɣar.a.mon.te.βi.'ðe.oˆ||xu.'ɣa.βɐ.ga.nel.oz.jen.'tal.a.ʒi.'f  
*de goleiro. Tem um que foi para Montevidéu. Jogava no Oriental, alí frente do estádio.*

z<sup>s</sup>en.te.al.es.'ta.d˘jju||aj.'go.mu.'ggo.mu.xu.'ɣa.βɐ.βjen.i.'e.soˆ|ta.uɐ.βjen.ðe.'foɾ.mɐ.'je.su||lo.ʒ  
*Daí como jogava bem e tal, tava bem de forma e tudo.*

<sup>s</sup>a.'ma.ram.'pa.rɐ.mon.te.βi.'ðe.u||pa.rɐ.xu.'ɣar.ɐ.'ʃa˘|en˘.ða.'nu.βjo|t˘je.nɛˆ.kɐ.'toɾ.se.'a.n  
*Chamaram ele para Montevidéu. Para jogar lá. Em Danúbio. Tem quatorze anos.*

o||zu.βen˘||es.ma:.'ma:.'tʃi.go.es|es.ma:.'βa.'xi:.'do.i||ma:.'fla:.'go.es|se.fwe.a.xu.'ɣar||no.'so.tɾ  
*Ruben. É menor, é. É mais baixinho y.....Mais magro é. Foi jogar. Nós jogamo no estádio mesmo assim.*

o.xu.'ɣa.mo.a.'ga.nel.es.'ta.d˘jju.i.wal||xu.'ɣar.no.'ma:.'ba.'ɣa.mo|ðo.'sjen.to.'pe.so.lɐ.'kã:.'tʃɐ|i.'s  
*jogamo no estádio mesmo assim. Jogamo só, pagamo.....Duzentos peso a quadra e*

o.mo.ga.'dɔr.se|xu.'ɣa.mo.a.i.'dɔ.do.lo.'xwe.ʋes|i.lo.'lu.nes.ɐ.'gã.nel.de.'le.gra.fo.ʃja.'βa.xu||  
*e como quatorze. Jogamos lá todas as quintas. E as segundas aqui, no telégrafo ali embaixo.*

fu.βol.ðe.sa.'lonʔ||a.'ʃi.es.ðe:.'fu.βol.sĩ<sup>ɔ</sup>.gɔ||ðo.sjen.to.'pɛ..so|xu.'ɣa<sup>ɪ</sup>.'ũ<sup>n</sup>.ɐ.'o.rɐ||sonʔ.'ka.'toɾ.si  
*Futebol de salão. Ali é futebol cinco. Duzentos peso. Jogou uma hora. São quatorze*

.gɐ.nel.es.ta.dʒjo<sup>ˆ</sup>||'ga.ðɐ.'u.no.pa.'ɣa.'kin.se.'pɛ.so.i.xu.'ɣa<sup>ɪ</sup>||pɾɛs.danʔ.'pe.'lo:.tɐ|el.enj.'kar.ɣ  
*aqui no estádio. Cada um paga quinze peso e jogou. Emprestam pelota, o encarregado*

a.ðwa.'i|i.a'ga.pa.'ɣa.mo|sjen.'pɛ.so|'so.mo:.'so.mo.dʒjes|'pe.ɾo.ʃe.'ʋa.mo.'ðo.se||pa.'ɣa.sjen.'p  
*ai. E pagamos.....cem peso.....somo dez....mas levamos doze. Pagamos cem*

ɛ.so.i.si.ge.'res.ʃe.'βar|sĩj.'kwen.tɐ.ʃe.'ʋa.sĩj.'kwẽn.tɐ|ke.'res.ʃe.'ʋar.ðo.'sjen.tos.gu.'ɾi.se.ɔ  
*peso e se você quer levar.....cinquenta leva cinquenta quer levar duzentos gurias pra*

a.xu.'ɣar|ʒ<sup>s</sup>e.'ʋas|to.'dɔal.ge.'pa.ɣe|pa.'ɣas||no.'so.tzɔ||pa.'ɣa.mo.sjen.'pɛ.so.a.'gɐ|i.xu.'ɣa.mo.'u.n  
*jogar.....leva. Com tanto que pague. Você paga. Nós. Pagamos cem peso.....e jogamos uma*

ɐ.'o.rɐ||i.ʒ<sup>s</sup>e.'ʋa.mo.'ðo.se<sup>ˆ</sup>||ðon.de.βi.'βi.mo.a.'ʒ<sup>s</sup>a<sup>ɪ</sup>||xu.'ɣa.mo.'to.ðos||xu.'ɣa.mo.'sĩ<sup>ɔ</sup>.kõn.la.'gã  
*hora. E levamos doze..... onde nós vivamos ali. Jogamos todos. Jogamos cinco na quadra*

<sup>n</sup>.tʃɐ.i.unʔ.'nel.'ar.gɔ||el.'fu.βol.'sĩj.ko||'kwa.tɾo.xu.ɣa.'ðo.ɾe.junʔ.'go.'le.ɾo||no.'so.tzɔ.ɔ.ɔ.'ne.  
*e um no gol. O futebol cinco. Quatro jogadores e um goleiro. Nós colocamos*

mo.'sĩj.kon.la.'gan.tʃɐ.junʔ.'go.'le.ɾo||  
*cinco na quadra e um goleiro.*

Informante Y- Femenino, atendente de quiosque, 42 a.

||'teŋ.gwi.'βih.ko|ɛ:.'zo.'sa.ðo.'zo.xo<sup>ˆ</sup>||'teŋ.gunʔ.'zo.'sa.ðo.'ðo.βle<sup>ˆ</sup>||'teŋ.go:|tʃi.'fle.rɐ.sɐ.β  
*Tenho ibiscos ...rosado, vermelho. Tenho um rosado dobrado. Tenho...chifleras, sabe*

e.gwal.ɛ:|es.a.'ke.ʒ.ɐ.ge.'tʃje.ni.'u.na.'o.xɐ:|aj.no.'se<sup>ˆ</sup>.ko.mus.'te.ðe.'ʒja.manʔ|'ɛ.ʒjɐ.es||e.  
*qual é? É aquela que tem uma folha, ai não sei como vocês chamam. Ela é ...ela dá*

ʒjɐ.ða.'grẽ:.'ðe<sup>ˆ</sup>||es.es.gɐ.ðe.βra.'sil.tẽ<sup>m</sup>.'bjenʔ.'ʃo<sup>ˆ</sup>.kɾo||u.nɐ.'o.xɐ.βer.ði.a.ma.'ri.ʒɐ||so.lo  
*grande. É cá de Brasil também, eu acho. Uma folha verde e amarela, somente*

'o.xa.no.'dʒe.ne'fɔt||'tẽn.go.'zo.as.'zo.xɐ.zo.'sa.ða||des.'ɔwes.'teŋ.go:|a.'o.ra.se.po.'ki.ɔ.ɔ.plã

*folha não tem flor. Tenho rosas vermelhas, rosadas. Depois tenho... agora a pouco tempo*

n.'te.a.le.'grjaˆ.sa.'βˆes.kwal.ε:.la.le.'grjaˆ|plan.'te.'e.su||teŋ.go.βah.'tēn.te.'flo.reˆ.βah.'tēn.  
*plantei Maria Semvergonhia. Você sabe qual é a Maria Semvergonhia? Plantei isso. Tenho bastante flor. Bastante.*

te|da.mə.da.'noj.te.ɡe.uh.'te.ðe.'ʃa.manˆ||plan.'te.ta.'lin.da.las.'toj.ɡwi.ðan.do|teŋ.gunˆ.ma.'  
*Dama da noite, que vocês chamam. Plantei ta linda, eu tô cuidando dela. Tenho um mamão*

monˆ|el.'ẽ.ɲu.pa.'sa.ðu.sa.'ke.'kin.se.ma.'monˆ.'grẽˆ: .ðeˆ .a.'si||ma.'monˆ.pa.'pa.jẽˆ|a.'o.rẽ.  
*Ano passado tirei quinze mamão, grande assim. Mamão papaia. Agora*

ʃv.'teŋ.go.ðo.ma.'si.ðrẽ.ɸe.run.os.'dˆjjes||teŋ.go.'mẽˆ.ɣe.plãn.'te.'βih.tel.ka.'ro.so.ðe.la.'mẽˆ  
*eu já tenho sidra, mas uns dez. Tenho manga, plantei, vocês sabe o caroço da manga,*

.ɣeˆ: .blẽn.'te|ðe.'pwe.lẽ.plãn.'tẽ.ʒa.'tãn.'ɣrẽˆ: .ðe.a.si|teŋ.go: |aj.no.seˆ.'ɡo.mus.te.ðe.no.'so.tɾ  
*plantei. Depois a planta já ta grande assim. Tenho...ai não sei como vocês, nós*

o.ʒˆa.'ma.mo.'nih.peˆ.ɾo|teŋ.go.taˆ. 'bjenˆ|na.'ran.xẽ.ko.'miw.u.na.na.'ran.xaj.blãn.'te.a.'o.ra  
*chamamo nispero. Tenho também. Laranja, comi uma laranja, plantei agora a....a planta. Adoro*

la.s|lẽ.lẽ.plãn.'tẽ|mẽn.'kẽn.ta.'ðo.ðo|tʃi.ki.'ti.tu.su.na.ko.'si.tẽ.si.'ɸe.ru.'teŋ.gu.ðe.'ðo.ðo.'ði.  
*a planta. Adoro tudo. Muito pequeno é uma coisa assim, mas tenho de tudo,*

ɡu|teŋ.gu.'mẽn.tẽ.'teŋ.gwa.'ni||  
*tenho hortelã, erva-doce.*

[lẽ.'u.ni.kẽ.βˆes|ε.ʒˆe.e.βawnˆ.'gru.po.ðe.'xo.βe.nε.jel.pah.'ðor.me.a.'βlo.i.me.'ði.xo|ke.la  
*A única vez. Ela participa de um grupo de jovens e o pastor me disse que ia*

s.'i.βa.kwi.'ðar.ki.βu.nẽ.se.'ɲo.rẽ|u.nẽ.se.'ɲo.rẽ.ma.'ʃoɾ|ẽn.kar.'ɣa.ðe.ðe.ɡwi.'ðar.loʃke.i.β  
*cuidar delas, que ia uma senhora...uma senhora mais velha, encarregada de cuidarlas. Que ia*

ˆe.'u.nẽ.ko.si.'ne.rẽ|i.i.'go.mo|li.'gle.sjẽ.mĩnh.'pi.rẽ|i.'gle.sjẽ.mĩnh.'pi.rẽ.ɡõn.'fjan.sen.'ðo.  
*uma cozinheira. E como, a igreja, a igreja me inspira confiança em todo o*

ðo.lo.ke.ʃos.'a.senˆ|no.'ɸo.ke.taˆ. 'bjenˆ||ɸoɾ.e.'xeˆ.plo.mis.'i.xos.nuŋ.kẽ.se.ɡe.'βra.ron.u  
*que eles fazem. Não porque também. Por exemplo, meus filhos nunca se quebraram um braço*

ˆ. 'bra.su.nuŋ.ka.se.la.ti.'ma.ronˆ|nuŋ.ka.'na.ðẽ|en.'ðon.se.ʒo.'ði.go.a.'si.'ði.go||to.ðo.βa.  
*nunca se machucaram. Nunca nada. Então, eu falo assim, eu falo. Todo é questão do cuidado que você tem,*

ðel.ɡwi.'ða: .ðo.ɡe.tu.ðe.'nε.nẽw.ε]  
*dó cuidado que você tem, não é?*

[ʒo.ˈðri.go.e<sup>m</sup>.pe.ˈswa.sa.ˈlir.gon.d<sup>j</sup>jes.i.o.ˈtʃo.ˈẽ.noˈiɾ.a.ˈβaj.le|ʒo.la.ˈðe.xo.iɾ.a.ˈβaj.le|la  
*Rodrigo começou a sair com dezoito anos, ir a dançar. Eu a deixo ir a dançar. A*

.ˈdɾaj.go.i.ðeh.ˈbɥwɛ.le.ðoj.ˈbla.tɐ.bɐ.ge.se.ˈβa.ʒan<sup>ɾ</sup>.ðe.ˈða.si|ˈpe.ro.le.ðoj.taɾ.ˈxe.ta.le.ðoj.ˈ  
*trago e depois, ...dou dinheiro para que voltem de taxi. Mas dou cartão, dou tudo.*

do.ðu]  
*tudo.*

**ANEXO V**  
**(questionário aplicado às crianças em Sant'ana)**

**Sobre você...**

Qual é teu nome? .....

Você mora em Rivera ou em Sant'ana? .....

Você já estudou em Rivera? .....

Sua mãe é uruguaia ou brasileira? .....

Seu pai é uruguaio ou brasileiro? .....

Você fala português ou espanhol com os amigos? .....

Você fala português ou espanhol em casa? .....

Você fala sempre português na escola? .....

Você fala portunhol? .....

Com quem? .....

Muito obrigado!!

